Ministério da Cultura,
Prefeitura de São Paulo, através da
Secretaria Municipal de Cultura,
Fundação Theatro Municipal
e **Sustenidos** apresentam

O GUARANY

DE CARLOS GOMES

ÓPERA EM QUATRO ATOS COM LIBRETO
DE ANTONIO SCALVINI E CARLO D'ORMEVILLE


THEATRO
MUNICIPAL

Em Memória do doce canto
de **NIZA DE CASTRO TANK**,
nossa eterna Ceci.

ORQUESTRA
SINFÔNICA
MUNICIPAL

CORO LÍRICO
MUNICIPAL

ORQUESTRA
E CORO GUARANI
DO JARAGUÁ
KYRE'Y KUERY

ROBERTO MINCZUK
direção musical e regência

AILTON KRENAK
concepção geral

CIBELE FORJAZ
direção cênica

DENILSON BANIWA
codireção artística
e cenografia

SIMONE MINA
codireção artística,
cenografia e figurino

DAVID VERA POPYGUA JU
Peri (ator)

ZAHY TENTEHAR
Ceci (atriz)

dias 12, 14, 17 e 20

ATALLA AYAN
Peri

NADINE KOUTCHER
Ceci

RODRIGO ESTEVES
Gonzales

dias 25, 28 e 31

ENRIQUE BRAVO
Peri

DÉBORA FAUSTINO
Ceci

DAVID MARCONDES
Gonzales

todas as datas

LÍCIO BRUNO
Cacique

ANDREY MIRA
Don Antonio

GUILHERME MOREIRA
Don Alvaro

CARLOS EDUARDO SANTOS
Ruy Bento

GUSTAVO LASSEN
Alonso

ORLANDO MARCOS
Pedro





12 **CELEBRANDO ENCONTROS**
Alessandra Costa

OS GUARANI 16
Andrea Caruso Saturnino

20 ***PERI*, UM NARCISO TROPICAL**
Ailton Krenak

CARLOS GOMES, UM GÊNIO 24
Roberto Minczuk

28 ***IL GUARANY*, ÓPERA DE CARLOS GOMES, & OS GUARANI, NOSSOS CONTEMPORÂNEOS**
Cibele Forjaz

OS PARADOXOS DE *IL GUARANY* 34
Pedro Cesarino

38 DAS ORIGENS LÍRICAS DE PERI
Ligiana Costa

45 SINOPSE
Sergio Casoy

52 *IL GUARANY* NO PALCO E NO ACERVO DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
Anita Lazarim

64 LIBRETO

181 CRÉDITOS

CELE

BRANDO

ENCON

TROS

Em 28 de maio de 2021, a Sustenidos celebrava com a Fundação Theatro Municipal de São Paulo o contrato para gerir este que é um dos mais relevantes equipamentos culturais do país. As próprias atividades previstas em nossa proposta, que foi declarada vencedora justamente por sua convergência com as diretrizes então traçadas para a política de cultura da cidade de São Paulo, já apontavam para o monumental desafio que teríamos pela frente: não somente cumprir as muitas metas de apresentações artísticas previstas no chamamento público, mas também liderar ações estruturantes, tendo em vista a consolidação de um legado institucional centenário, bem como a ampliação e a diversificação de seu público.

Nestes dois anos de dedicação de uma equipe comprometida e incansável, sob a brilhante direção geral de Andrea Caruso Saturnino, foi possível celebrar a realização de 660 atividades, atingindo um público de mais de 232 mil pessoas; o lançamento do projeto Ópera Fora da Caixa; a circulação de espetáculos e oficinas por nove bairros da cidade; o início da catalogação e extroversão do imenso acervo da instituição; a reformulação do setor educativo, com novas atividades de formação para públicos de diferentes faixas etárias e a implantação de um setor de pesquisa; duas edições do programa de bolsas para jovens criadores, pesquisadores e monitores; a gradual reativação da Central Técnica de Produções Chico Giacchieri; a realização de três exposições; a elaboração de uma programação diversificada feita por um comitê curatorial multidisciplinar, com editais para projetos artísticos externos e de artistas da casa; o aumento expressivo da presença de artistas pretos, pardos e indígenas em nosso palco e demais espaços; a realização de parcerias, coproduções e turnês internacionais; a reativação da Praça das Artes como espaço de múltiplas vocações e a venda de 1.535 assinaturas em 2022 e 2.294 assinaturas em 2023, representando um aumento de quase 50% entre um ano e outro.

Passemos, enfim, a *O Guarani*: quando Roberto Minczuk apresentou a proposta de recontar, nesta temporada, a história de amor e violência escrita por José de Alencar em 1857, e transformada em ópera por Carlos Gomes cerca de uma década depois, nos preparamos para pisar em terreno minado. Mas tivemos a nosso favor o apoio de um comitê curatorial excepcional, a quem aproveito para agradecer agora: Ailton Krenak, liderança indígena, ambientalista, filósofo e escritor; Livio Tragtenberg, músico e compositor; Ana Teixeira, bailarina, professora e ex-diretora assistente do Balé da Cidade de São Paulo; Preto Zezé, músico, ativista cultural e presidente da Central Única das Favelas (Cufa); Priscilla Oliveira, maestra, e Sergio Casoy, professor e escritor especialista em ópera.

Ailton aceitou orientar a concepção geral do espetáculo e Livio se propôs a estabelecer as pontes entre a música Guarani e a música original de Carlos Gomes. A eles se juntaram o artista Denilson Baniwa – que divide com Simone Mina a direção artística –, a dramaturgista Ligiana Costa, a diretora cênica

Cibele Forjaz e seu assistente João Malatian. Cibele convidou Aline Santini, Vic von Poser, David Vera Popygua Ju e Zahy Tentehar. A este coletivo se somaram outros, no propósito comum de criar uma narrativa conduzida pelos povos indígenas, para além do mero título da ópera.

Assim, a estreia da ópera *O Guarani* nos chega como uma grande comemoração, simbolizando tudo aquilo que nos empenhamos por realizar nestes dois anos à frente da gestão deste imponente equipamento público: trabalho rigoroso, entusiasmado e provocador, preocupado em apresentar múltiplas vozes a um público igualmente múltiplo.

Desejamos que este espetáculo venha demarcar o início de um novo ciclo para o Theatro Municipal de São Paulo, ainda mais próspero, diverso e arrebatador.

ALESSANDRA FERNANDEZ A. COSTA
diretora executiva da Sustenidos – Organização Social de Cultura



OS GUARANI

Os primeiros acordes de *O Guarani* soam quase como um hino para nós. Tema do programa de rádio mais antigo do Brasil, remete-nos, de imediato, ao factual, aos temas elencados para serem compartilhados no mesmo horário para todo o país. Mesmo com o avanço do jornalismo on-line, *A Hora do Brasil* segue atuante e presente em nosso cotidiano. Outra, no entanto, é a experiência pós tema introdutório na ópera. Baseada no romance homônimo de José de Alencar, *O Guarani* cria símbolos do nosso passado em busca das origens da nacionalidade brasileira, distanciando-se dos fatos para construir sua narrativa romântica.

O título no singular indica tratar da história de um indígena Guarani. E, ainda que possamos refletir sobre a busca de um amalgamento de sonho e realidade no exercício biográfico, como bem definiu Virginia Woolf – a antinomia do arco-íris e granito para ilustrar a intangibilidade de uma personalidade e de seus pensamentos com a concretude factual –, não temos como não rever e, de algum modo, atualizar a obra.

Já de partida questões primárias nos saltam aos olhos. O protagonista da obra não é originário da etnia Guarani e, mesmo se fosse, não partiria para uma aventura desacompanhado de seu povo. Seguem-se outras dissonâncias nas quais resolvemos mergulhar. Para tanto, contamos com a preciosa colaboração do filósofo, escritor e ativista Ailton Krenak e do músico e compositor Livio Tragtenberg, todos os dois membros do comitê curatorial do Theatro. Ailton se ocupou da concepção geral, de pensar e dar as diretrizes de como abordar o assunto, enquanto Livio, imbuído de experiência pregressa com músicos Guarani, voltou-se para imaginar possíveis interseções sonoras de uma orquestra e coro Guarani do Jaraguá KYRE'Y KUERY.

Assumimos o desafio de reunir um coletivo multicultural, incluindo pessoas com experiência fora do ambiente da ópera, que se prontificaram a mobilizar imagens, sons e textos no propósito de revelar outras possibilidades do libreto. Convocamos os artistas colombianos Rolf e Heidi Abderhalden e o peruano Miguel Rubio Zapata para ampliarmos o campo do pensamento. Trouxemos o artista indígena Denilson Baniwa para construir um comentário estético sobre a história. Vieram também Simone Mina, para trabalhar com Denilson, além de criar os figurinos, e Ligiana Costa para afinar a dramaturgia. A direção cênica ficou a cargo da talentosa Cibele Forjaz, assistida por João Malatian e Luiz Loparic Basbaum. E vieram David Vera Popygua Ju para atuar como duplo de Peri e Zahy Tentehar, como duplo de Ceci, Aline Santini na arte da iluminação, Luaa Gabanini e Lu Favoreto nas artes do corpo.

O maestro Roberto Minczuk foi quem inicialmente reivindicou que *O Guarani* voltasse aos palcos do Municipal. Sob sua direção musical e batuta, a Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) e o Coro Lírico entregam seu melhor para que o projeto aconteça. Pela primeira vez vão contracenar com a Orquestra e o Coro

Guarani do Jaraguá KYRE'Y KUERY. Esse encontro histórico se dá graças à resistência dos Guarani que aqui estão, nesse pedaço de terra que um dia foi a terra deles. Guardiões de sua cultura, de sua língua e de seus costumes, os Guarani no Jaraguá vivem em oito aldeias e seguem na luta pela homologação final do seu território. Sua terra, regularizada e tradicionalmente ocupada, tem uma área de 1,73 hectare e uma população de 700 pessoas, dos povos Guarani Mbya. O território do Jaraguá é o menor território indígena do país. Situa-se nas bacias hidrográficas do Rio Tietê, dentro do bioma Mata Atlântica. É coberto por floresta ombrófila densa. Os Guarani no Jaraguá aguardam a finalização do procedimento de demarcação que depende da homologação do território completo que soma 523 hectares.

A ousadia que temos a alegria de apresentar a vocês é a soma dos citados acima e de mais muitas pessoas, engajadas em abrir festas, arejar as ideias, refletir o fazer artístico. É um encontro do mundo mármore com o mundo murta como bem nos explicou Viveiros de Castro, de pensares e fazeres diversos. É pedra e luz, pedra e planta, sopro e ventania.

Esperamos que vocês escutem esse *O Guarani* como nunca viram e vejam-no como nunca escutaram. Desfrutem do clássico com uma perspectiva outra.

ANDREA CARUSO SATURNINO
diretora geral do Theatro Municipal de São Paulo



PERI, UM NARCISO TROPICAL

"ASSIM, DURANTE UM CURTO INSTANTE, A FERA E O SELVAGEM MEDIRAM-SE MUTUAMENTE, COM OS OLHOS NOS OLHOS UM DO OUTRO." (*O Guarani*, José de Alencar)

Sobre o mármore e a murta escreveu o padre Vieira, dando conta das metamorfoses expressas na inconstância da alma selvagem. E evoco outro mito aqui, o Narciso grego, para referir a esse Peri, de José de Alencar, que vai ser o personagem central desta ópera de Carlos Gomes, *O Guarani*, de par com Cecilia ou Ceci.

Um sujeito abstraído de seu mundo torna-se presa fácil dessa narrativa que imprime o corpo indígena em mente deslizante ao sabor dos acontecimentos da história. Sem um povo, vaga Peri entre mundos coloniais que de pronto vão ser estranhados por Mário de Andrade e outros antropofágicos da Semana de 22, com verdadeira imprecação, uma invenção colonial de um insustentável mito de origem sob encomenda de D. Pedro II, interessado em criar uma representação europeia da formação dos brasileiros com a conversão dos nativos do Novo Mundo.

"Quanto ao mito do casal primordial, este se constitui a partir do sacrifício de ambos os protagonistas. Peri deve abrir mão de sua espiritualidade e de seu povo para se submeter a um batismo católico e Ceci deve se despedir definitivamente de sua família e cultura, o que Volpe chama de complementação binária entre 'cultura naturalizada' e 'natureza domesticada'", cita Ligiana Costa, dramaturgista nesta montagem.

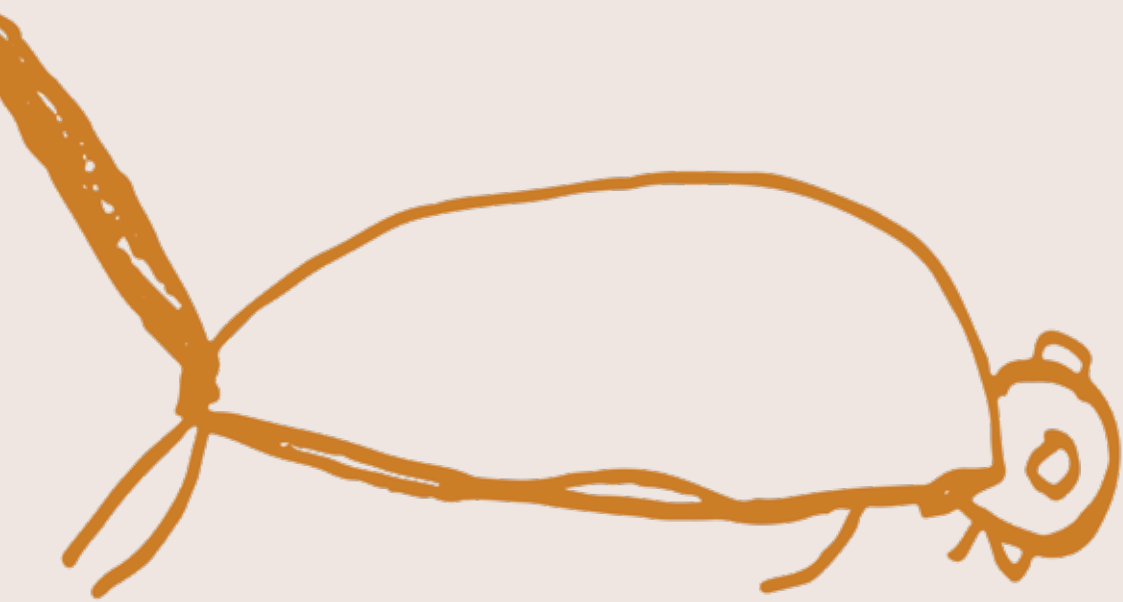
Um século depois, artistas indígenas se debruçam sobre a imagem e nada veem que reflita a longa jornada de construção deste "homo brasilis" e decidem lhe dar um duplo de carne e osso, rasgando a imagem refletida no espelho d'água, pois a água virou veneno. Avanheé, o outro que agora fala e pensa outros mundos possíveis, onde seres humanos e não humanos tecem sociabilidades, reconhecem suas multiplicidades e reivindicam afetos além do mundo da mercadoria.

Pedra e plantas fazendo planeta, em unidade imprevista no estreito caminho colonial. Dispensam o batismo de Peri, abrindo passagem aos encontros festivos dos outros Aimoré, em simbiose com vento, floresta e fogo.

O desafio de tocar essa pedra, como diria Drummond, no meio do caminho, foi pretexto para convidar o artAtivista Denilson Baniwa com sua coragem inventiva a tocar o mármore e fazer faíscas: movendo e projetando imagem, institui novos imaginários, em que as figuras consagradas dos cantores e também do coro são transfigurações em seres híbridos de pó sem perder sua indispensável função narrativa da ópera em curso. Raios e tempestades adentram o templo das artes e confirmam o que vaticinou Cibele Forjaz à frente da direção de cena: "Sem trabalho não tem ARTE, arte é trabalhar sobre a pedra".

Tocar esse totem é transcender o cotidiano duro e resistente a mudanças que grita ao nosso redor, “fazer falar o papel” – o texto em movimento a serviço dos sentidos criando campos de força e afetos. Uma radicalidade no termo, para afirmar a presença feminina na montagem desta ópera, que conta com a maioria de mulheres na condução e realização deste magnífico espetáculo em cena no palco do Theatro Municipal de São Paulo.

AILTON KRENAK
liderança indígena, ambientalista, filósofo e escritor; responsável pela concepção da ópera



CARLOS GOMES, UM GÊNIO

O Guarani, de Carlos Gomes, é simplesmente um marco na história do Brasil, não somente na história da música, mas na história do país. Carlos Gomes foi um dos primeiros grandes, se não o primeiro grande músico brasileiro a despontar no cenário internacional, na maior instituição de ópera do mundo, o Teatro alla Scala, de Milão.

Carlos Gomes chegou a ser considerado um sucessor de Giuseppe Verdi, que era antes o compositor mais famoso da história na sua geração. A ópera *O Guarani* estreou primeiro na Itália, no La Scala, de Milão, antes que fosse estreado no Brasil, no Rio de Janeiro.

A ópera se tornou um sucesso imenso, porque na época também estava em voga aquilo que vinha de distante, de países exóticos, como era o Brasil ainda no século XIX para os europeus. O fato de um músico brasileiro ser capaz, ter agilidade e talento para escrever e compor uma ópera dessa grandeza – comparada às grandes obras de Giuseppe Verdi e dos compositores da atualidade – era algo inédito para o mundo.

Até os dias de hoje, existe no La Scala de Milão – o teatro de ópera mais famoso do mundo – um busto de Carlos Gomes que homenageia e faz esse reconhecimento ao grande compositor brasileiro.

O reconhecimento de Carlos Gomes como um dos maiores compositores de todos os tempos é também fruto de uma importante decisão do governo brasileiro, então comandado por D. Pedro II – homem culto, inteligente e um dos maiores governantes que o Brasil já teve –, que pessoalmente possibilitou a ida do compositor à Europa para seu aprimoramento.

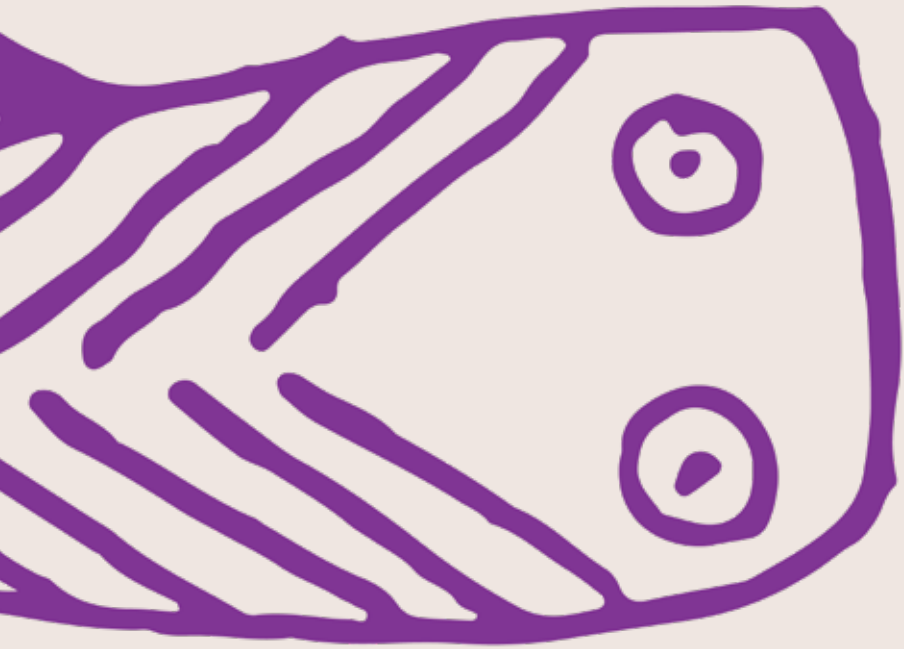
O Guarani é uma obra que tem um brilho único, tanto para as vozes protagonistas de Ceci e Peri quanto para todos os demais personagens da ópera. A obra traz partes virtuosísticas, empolgantes e sublimes para o coro e também para a orquestra. É uma ópera de um poder único e de uma vivacidade que promete impressionar o público que a assiste.

O Theatro Municipal não realiza uma produção de Carlos Gomes há décadas e estamos muito felizes em poder homenagear esse grande paulista de Campinas, que certamente é um dos maiores gênios e artistas que o Brasil produziu em toda sua história.

ROBERTO MINCZUK
direção musical e regência







IL GUARANY,

ÓPERA DE

CARLOS GOMES,

& OS GUARANI,

NOSSOS

CONTEMPORÂNEOS

Fui convidada para fazer a direção cênica da ópera *Il Guarany*, no Theatro Municipal de São Paulo, no dia 20 de março, menos de dois meses antes da estreia, em 12 de maio de 2023. Na hora, a emoção embargou minha voz e aceitei imediatamente. É um desafio imenso para qualquer encenador(a) montar essa ópera icônica de Carlos Gomes, não só pela beleza da obra em si, mas também por seu significado simbólico, como um marco para a história da ópera brasileira. No mesmo dia ouvi a música, li uma tradução do libreto e vi duas encenações em vídeo... e só aí percebi o tamanho do problema. Um problema bom – e nada mais fecundo para a criação do que ter problemas concretos para resolver –, mas ainda sim, montar *O Guarani* no século XXI levanta dificuldades conceituais imensas, que precisam ser enfrentadas com consciência.

A ópera *Il Guarany*, com estreia em 1870 no Teatro alla Scala de Milão, teve seu libreto baseado no romance *O Guarani* (1857), de José de Alencar; mas foi escrito por Antonio Scalvini e Carlo d'Ormeville, um italiano e outro francês. Trata de temas fundamentais sobre a origem do Brasil e a busca por uma cultura "genuinamente brasileira", mas foi escrita em italiano e tem como modelo a ópera romântica italiana e francesa do século XIX, que tem no exotismo um tempero fundamental. Assim como *Aida* (ópera de Verdi, com estreia no Cairo em 1871) tem pirâmides e elefantes, o "nosso" *Guarani* tem uma tribo de selvagens canibais, os AIMORÉ. Um Brasil para europeu ver...

O libreto conta a história de amor entre Peri, um indígena Guarani (que no romance de José de Alencar é do povo Goitacás), e Ceci, uma mulher brasileira, filha de um fidalgo português, em pleno Brasil Colônia (o romance tem início em 1604). Tanto no romance quanto na ópera, a ideia que rege a trama é a da integração entre os diferentes povos formadores do então jovem país do futuro, ou seja, entre os povos originários que viviam nestas terras e os "colonizadores" (que, dependendo do ponto de vista, podem ser considerados simplesmente como os "invasores") para formar uma nação coesa e pacífica. Assim sendo, simbolicamente, o romance entre Peri e Ceci trata de um encontro amoroso que dá origem ao povo brasileiro, enquanto a guerra contra os Aimoré trata da luta da civilização contra a barbárie. Ou seja, para construir uma nação coesa e pacífica, seria necessário catequizar e civilizar os "indígenas bons" e matar os "indígenas maus", os selvagens canibais. Um pensamento que poderia até ter algum sentido em 1870, na construção de um nacionalismo romântico, mas que não tem o menor cabimento no século XXI.

Depois de quase cinco séculos de luta de resistência dos povos indígenas por sobrevivência física e cultural, em 1988 a Constituição brasileira assume, finalmente, que o Brasil é um país multiétnico e plurilinguístico e, em seu artigo 231, determina que cada povo ou etnia tem direito a seus territórios originários, língua, religião e cultura próprias, assim como saúde e educação diferenciadas, como prerrogativas básicas. Podem manter-se isolados, se for seu desejo, ou entrar de cabeça no mundo urbano, na política, na moda, na literatura, na educação, na medicina, no teatro, nas

ciências, na filosofia, na ópera e em tudo o mais sem deixar de ser quem se é. E como resume lindamente Eduardo Viveiros de Castro: "deixar de ser canibal, não significa não pensar canibal"[1].

Em pleno século XXI não estamos mais em busca de um país coeso, mas de uma sociedade que respeite as suas diferenças. Sabemos muito bem que a colonização, o Império e as várias Repúblicas brasileiras nunca foram pacíficas com os povos indígenas e que o contato (do século XVI ao XXI) foi e é sempre violento. Não acreditamos mais em UMA CULTURA genuinamente brasileira, porque vivemos em um país formado por CULTURAS DIFERENTES EM CONTATO, por confluências e divergências entre essas múltiplas culturas, vivas e em movimento. Temos, como sempre, o problema da tradução entre mundos. E, para isso, há pajés e pensadores, embaixadores e artistas.

É o que estamos tentando fazer aqui e agora no Theatro Municipal de São Paulo: um encontro entre mundos. Para isso, uma equipe imensa de artistas, da ópera e de fora dela, reuniu-se entre divergências e confluências para realizar essa nova montagem de *O GUARANI*, que vocês podem testemunhar agora, de 12 a 20 de maio de 2023. A primeira a ter o povo Guarani presente e como parceirxs de criação (neste caso específico, Guarani M'Bya do Território Indígena do Jaraguá, que vivem em São Paulo, capital).

A encenação partiu de uma direção síntese de Ailton Krenak sobre o "Mármore e a Murta", capítulo do livro *A Inconstância da Alma Selvagem*[2]. A partir dessa imagem e desse conceito, criamos vários planos diferentes de leitura dessa obra:

O primeiro, é o da música de Carlos Gomes, que é sempre protagonista em uma ópera. Nesse sentido, procuramos seguir as direções dos maestros Roberto Minczuk, Mário Zaccaro e Alessandro Sangiorgi para que o canto possa ser ouvido e apreciado em sua plenitude. Então, o canto é uma prioridade nesta encenação.

Do ponto de vista das visualidades, procuramos seguir a própria tradição das artes cênicas de origem ocidental, que tem na ópera uma espécie de modelo de experimentação sonora e visual. Desde o século

1 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais*. Cosac & Naify, 2015.

2 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. Cosac & Naify, 2002.

XIX, a ópera é considerada uma "Obra de Arte Total"[3] e é campo de experimentações fundamentais no âmbito da encenação, da cenografia e da iluminação cênica. Buscamos, então, justapor planos visuais distintos para revelar o que chamamos de mundo-mármore, ou seja, o mundo da ópera: no proscênio, em primeiro plano, os solistas encarnam as obras de arte do mundo mármore e, dentro da caixa cênica, a pedreira (rebatedor sonoro), onde o Coro Lírico canta. Volumes sólidos ou vazados, mercadorias empacotadas com madeira e plástico, que também servem de tela para a projeção de uma pedreira de mármore.

Para podermos usufruir da beleza do mundo mármore ou de seus herdeiros, os plásticos, muito trabalho foi necessário e também bastante destruição para sustentar nossos imensos e caros privilégios. Contradição explícita que vivemos no dia a dia do povo da mercadoria, como nos chama o ativista, pajé e pensador Davi Yanomami.

Por fim, no terceiro plano visual, mas de alguma forma dando sentido a isso tudo, fica a Tekoa Guarani, onde "vive", em cena, a comunidade indígena do Jaraguá – "Jaraguá é Guarani!". E aí mora o nosso "calcanhar de aquiles"... Como revelar os mundos visíveis e invisíveis que moram para além das pedreiras de mármore e cidades de concreto, como São Paulo?

Para além das identidades, buscamos revelar as alteridades em jogo. No primeiro momento resolvi encarar de frente a questão complicada da representação indígena, em uma ópera interpretada por cantores líricos internacionais e cantada em italiano. Não é mais possível cometer atos de etnocídio como pintar um cantor de vermelho, juntar artefatos de vários povos indistintamente para criar um "indígena genérico" do século XVII ou XIX e chamá-lo de Bom Guarani ou Malvado Aimoré. Não mais, no Brasil do século XXI, em que o slogan NUNCA MAIS UM PAÍS SEM NÓS estampa as comunicações do novo Ministério dos Povos Indígenas.

A luta por sobrevivência física e cultural continua, mas em novos campos de batalha e com novas armas e estratégias. Então, para ser coerente com uma vida de pesquisa no campo das alteridades culturais, resolvemos apelar para a noção de polifonia da

3 *Gesamtkunstwerk*, conceito criado por Richard Wagner em *A obra de arte do futuro* (1849).

pessoa humana, misturada a lições básicas do Teatro Épico Dialético, para criar alguns duplos-cênicos: os cantores Atalla Ayan e Enrique Bravo, que cantam Peri, dividem o palco e o protagonismo com Pery-Eté (o ator David Vera Popygua Ju) e as cantoras Nadine Koutcher e Débora Faustino, que interpretam Ceci, são acompanhadas por outra entidade feminina, Ywy-Eté (A Terra Verdadeira), vivida pela atriz, cantora e performer Zahy Tentehar, criando um estranhamento profícuo, que complexifica o tema, em relação à trama romântica. O Cacique Aimoré (Lício Bruno) é um antropólogo, um tradutor entre mundos.

Na nossa versão, David Popygua, um Guarani contemporâneo, ator e professor da Escola Estadual Indígena Djekupe Amba Arandy, na aldeia Tekoa Ytu, cai de paraquedas colorido em um ensaio da ópera *O Guarani*, onde estranha e é estranhado. Com ele vem sua comunidade, um coro de 23 pessoas, entre músicos, Xondaros e Xondarias que formam a orquestra e coro KYRE'Y KUERY (Guerreiros Sagrados), criado especialmente para a ocasião e que canta e dança duas músicas (xondaro jeroky e xepe xiaraju) nos entreatos e um trecho de nhanembaraete, durante uma suspensão, no meio do quarto ato. Nesse mesmo sentido, recebi como herança das discussões entre Ailton Krenak, Denilson Baniwa e Ligiana Costa a ideia de o povo Aimoré transformar-se em um "devir-ser floresta". Essa floresta cênica, inspirada na árvore dos cantos Yanomami (Amoa-Hi), transformou-se em uma floresta de redes... que balançam suavemente na brisa da vibração dos cantos da ópera.

O efeito desse encontro ou pororoca entre Ópera e Xondaro, entre *Il Guarany* e os Guarani em cena, será experimentado pela primeira vez nessas sete récitas. Cem anos depois, não queremos mais matar ou salvar Peri, mas revelar suas contradições e dar-lhe o direito de contracenar com os GUARANI-ETÉ, TENTEHAR-ETÉ, BANIWA-ETÉ e KRENAK-ETÉ.

CIBELE FORJAZ
direção cênica

OS PARADOXOS DE IL GUARANY

Nascido de um paradoxo comum ao seu momento histórico, aquele referente à busca da autenticidade nacional feita a partir do registro estético de matriz europeia, a ópera *Il Guarany* ainda nos intriga.
Ao tentar oferecer à jovem nação uma obra culta digna dos cânones metropolitanos, mas concebida a partir de assuntos brasileiros e da invenção de uma cor local notável nos efeitos musicais, Carlos Gomes era consagrado no Teatro alla Scala, de Milão, e no Brasil do século XIX. Visto como ultrapassado logo em seguida pelos modernistas, que criticavam o caráter postiço da ópera, *Il Guarany* em muito também se distinguia do romance de José de Alencar no qual se inspirava, cuja tentativa de tupinizar a literatura através do personagem Peri terminava por desaparecer no libreto escrito em italiano. Carlos Gomes, um pardo que se considerava descendente de indígenas e era visto na Europa através de sua cor exótica, lançou mão dos recursos e pressupostos disponíveis à época: inventou uma sonoridade primitivista e um indígena genérico representante da natureza, a fim de entregar ao Brasil um emblema cultural de sua identidade nacional em processo de estabelecimento.

O paradoxo, entretanto, se desdobra na contemporaneidade marcada pela luta antirracista, pela busca de relações de conhecimento e de identificação com povos originários, mas ainda não completamente liberta de cacoetes do senso comum oriundos de pressupostos românticos. Como imaginar *um* indígena que não seja o representante da *natureza*, que não se conforme à imagem arcaica de contraste com o mundo industrializado, e que seja, afinal das contas, não uma unidade genérica, mas expressão da multiplicidade de civilizações passadas e presentes? O que efetivamente se sabe dos povos de hoje e de suas possibilidades de relação com a cultura urbana letrada, aquela que se acomoda aos museus e às salas de ópera? Faria sentido pensar em uma produção estética coletiva, porta-voz de alguma comunidade nacional, quando agora o problema é mais o esfacelamento do comum, do dissenso, da falência de narrativas eurocêntricas e da reavaliação de relações de poder herdeiras da violência, do racismo e da desigualdade?

Afinal, o pressuposto cultural do selvagem consolidada pelo contexto do século XIX – diretamente associado ao extermínio de populações indígenas e à escravização de pessoas negras que serviram de base à jovem nação – não está tão distante dos tempos atuais. O que agora se coloca em disputa é a ideia de uma cultura nacional, cordial e unificada, que se estabeleceu através de invenções arbitrárias outrora fundadas por artistas e intelectuais brasileiros cuja tez nem sempre foi branca. Não há como se furtar à revisão crítica de obras e imagens românticas, se o que se pretende é compreender a diversidade intelectual, política e estética de povos indígenas historicamente silenciada e com a qual a atual encenação de Cibele Forjaz busca travar diálogo. O contraponto contemporâneo a este marco da invenção da cultura nacional deve conseguir, portanto, reforçar a compreensão dos desafios envolvidos na produção de arte e de pensamento no Brasil de hoje. Deve, também, mostrar que a originalidade intelectual de artistas indígenas pode, por conta própria, oferecer a sua leitura às imagens estabelecidas ao longo do processo de formação dos mitos românticos e modernistas sobre os povos originários. O Guarani mitificado pelos românticos vai, então, se confrontar com os Guarani reais presentes no palco, na

companhia de seus parentes David Popygua, Zahy Tentehar, Denilson Baniwa e Ailton Krenak, assim apontando para as possibilidades de uma cultura brasileira de fato cosmopolita. Os debates em torno de *Il Guarany* ainda seguem vivos.

PEDRO CESARINO
professor do Departamento de Antropologia da FFLCH-USP



DAS ORIGENS LÍRICAS DE PERI

– Olha, continuou a menina; Ceci vai te ensinar a conhecer o Senhor do Céu, e a rezar também e ler bonitas histórias. Quando souberes tudo isto, ela bordará um manto de seda para ti; terá uma espada, e uma cruz no peito. Sim?

– A planta precisa de sol para crescer; a flor precisa de água para abrir; Peri precisa de liberdade para viver.

– Mas tu serás livre; e nobre como meu pai!

– Não! O pássaro que voa nos ares cai, se lhe quebram as asas; o peixe que nada no rio morre, se o deitam em terra; Peri será como o pássaro e como o peixe, se tu cortas as suas asas e o tiras da vida em que nasceu.[1]

1 ALENCAR, José de. *O guarani*, 20ª ed., São Paulo, Ática, 1996, p. 134.

Na noite do 19 de março de 1870, Carlos Gomes, nascido em Campinas 34 anos antes, se consagrou mundialmente como compositor de óperas. Não foi exatamente seu primeiro sucesso em terras italianas, mas a definitiva vitória que pautou não só a vida de Carlos Gomes quanto parte da história do gênero lírico. Junto ao movimento de contracorrente verdiana, os *scapigliati*[2], Carlos Gomes encontrou acolhimento naquela fria e nublada Milão depois de sua chegada em 1863. Esse grupo de jovens intelectuais e artistas de diversas áreas buscava renovar a cena operística, literária e teatral italiana, e mirava muito mais no modelo de vida e produção cultural dos *flâneurs* e *bohémiens* de Paris que na tradição deixada por Rossini ou Donizetti. Foi exatamente recriando uma moda francesa, a das *revues de fin d'année*, que Carlos Gomes, juntamente com o parceiro Antonio Scalvini, atingiu um sucesso popular impressionante: *Se Sa Minga*, cantada em dialeto milanês, chegou a ter trechos cantarolados pelas ruas da cidade.

Porém, Carlos Gomes não atravessara o oceano com uma bolsa oferecida pelo imperador D. Pedro II para compor canções de sucesso. Imbuído da determinação de "assegurar não só a realeza como destacar uma memória, reconhecer uma cultura"[3], D. Pedro II via na ópera, assim como em outras formas artísticas e na ciência, um excelente agente civilizador e de propaganda política. De 1857 até 1864, funcionou a Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, fundada com apoio de D. Pedro II e onde o próprio Gomes atuou como ensaiador e compositor. Foi também D. Pedro II que, num momento crucial da produção de estreia italiana de *Il Guarany*, enviou dinheiro e assegurou que o evento acontecesse.

Carlos Gomes chega a Milão e, por "já" ter completado 27 anos, não consegue se inscrever como aluno formal do conservatório local. Por isso, inicia aulas particulares com Lauro Rossi – compositor, maestro e diretor do conservatório – e, mais tarde, seus estudos prosseguem com Alberto Mazzucato. É interessante saber que, durante seus estudos em Milão, Carlos Gomes entrou também em contato com a obra de Meyerbeer, importante nome da chamada *grand opéra* francesa. Tal relação terá, logo mais, grande influência no modelo composicional de *Il Guarany*.

2 Literalmente traduzível por "descabelados".

3 SCHWARCZ, Lilia. *As barbas do imperador*, Companhia das Letras, 1998, p. 124.

O brasileiro viveu seus primeiros anos na Itália guiado por uma obstinação em levar sua ópera até o exigente Teatro alla Scala, de Milão. Se por um lado, sabemos que Gomes era submetido a preconceitos e descrito por parte de artistas e jornalistas italianos da época de maneira xenofóbica e racista[4] – "um verdadeiro selvagem"[5], "pobre selvagenzinho"[6] – por outro, comove a forma como o compositor soube conquistar seu espaço no templo mais consagrado da arte lírica daquele período. Diversas figuras chegaram a colaborar para que *Il Guarany* pudesse estrear no Teatro alla Scala, de Milão, desde seu próprio mestre Mazzucato à fomentadora das artes, Condessa Maffei, passando pela própria tradição do teatro de ter em sua programação anual uma nova ópera, a chamada *opera d´obbligo*. Gostaria de relembrar aqui o esforço quase ingênuo e, para mim, extremamente tocante, de Carlos Gomes ao espalhar pelos corredores do teatro uma espécie de *curriculum vitae* na esperança de convencer empresários e personalidades influentes naquele local a programarem seu *Il Guarany*.

Por mais que a gênese de *Il Guarany* esteja fundada numa fábula quase mítica de um encontro fortuito de Carlos Gomes com a tradução italiana de *O Guarani* de José de Alencar pelas ruas de Milão, sabemos que o compositor já havia deixado o Brasil com a incumbência bem definida de escrever e produzir uma ópera nacional.[7]

4 "É um cavalheiro: nele tudo é nobre; mas é uma nobreza toda nua, é uma nobreza primitiva, aborígene. De estatura mais que média, corpulento, musculoso. Tem cabelos grossos, ondulados, longuíssimos, desarrumados e negros; sobrancelha e bigode espessos e negros como o ébano; o olho inteligente, vivaz, irrequietíssimo. De longe poderíamos dizer que é cantabro ou lusitano, mas não de perto. A cor de bronze de seu rosto, uma certa proeminência na face, a pequenez dos pés e das mãos, certas manchas amarelas, das quais é manchado o seu olho, os dentes pequenos e brancos de marfim, o calo dos tomadores de mate na sua língua, o olhar torvo, incerto, meditabundo; tudo isso diz, sem dúvida, que Gomes é um aborígene americano." *Gazzetta di Milano*, s/d. In: GÓES, Marcus. *A força indômita*, Secult, Belém, 1996.

5 "Quando Gomes vai pelas nossas ruas – sempre sozinho e absorto – nos o diríamos um selvagem, transportado de súbito e por encanto no belo meio de nossa Milão. Gomes [...] parece que a cada passo suspeita de um precipício, uma traição, em cada pessoa um inimigo. Este seu impulso primitivo, seu agir espantado, e o seu olhar sombrio que parece sinistro, o fazem julgar por muitos misantropo. Gomes não o é, tem um coração nobre e generoso, cheio de afeto pelos amigos, de entusiasmo pela sua arte, mas ama, adora, se entusiasma ao seu modo: como um verdadeiro selvagem." Antonio Ghislanzoni, *Gazzetta di Milano*, 1878. In: GÓES, Marcus. *A força indômita*, Secult, Belém, 1996.

6 Carta de Rafaello Barbiera para a Condessa Maffei.

7 "Confeço-lhe meu Charo maestro, que eu aqui em Milão passo á maior parte do meu tempo muito triste. Ainda mais triste fico quando penso que a minha falta de saúde me resultará talves a desgraça de não poder satisfaser um artigo das instrucções que recebi do governo, que quer dizer: escrever alguma composição importante até os dois primeiros annos de estada na Europa." Carta de Carlos Gomes a Francisco Manuel da Silva, 03 de maio de 1865. In: GÓES, Marcus. *Documentos comentados*,ed. Algol, 2008, p. 52.

O romance *O Guarani* seria, então, o título ideal para tal empreitada e, para realizar essa tarefa, Gomes encomendou – e pagou 800 francos – um libreto baseado no romance indigenista de Alencar a seu já parceiro Antonio Scalvini. A escolha de *O Guarani* não tem nada de casual; tratava-se da história ideal para a concretização de uma ópera que representasse o Brasil do Segundo Reinado ao mundo, como bem observa Maria Eunice Moreira: "um romance fundamental que, ao procurar as origens da sociedade brasileira, inventa o casal primordial que gerou a nação e oferece um relato da gênese da nação"[8].

A adaptação do romance em libreto se deu a quatro mãos. Foi iniciada por Antonio Scalvini e completada por Carlo d'Ormeville, depois de desentendimentos entre Scalvini e Gomes. Tramas internas à parte, o que mais nos interessa aqui é como o libreto se organiza a partir de um complexo sistema mítico[9], construído para certificar uma espécie de fundação de um povo. A estrutura se dá com uma sequência de oposições – o "bom branco português" versus o "vil branco espanhol[10]". Essa oposição é suspensa no final do segundo ato da ópera, o que evidencia como os colonizadores souberam diminuir suas diferenças e unir seus "ódios", quando os inimigos em comum eram os povos originários e a natureza (algum eco na atualidade?). O mito do bom indígena (Peri), o perfeito *bon sauvage* rousseauniano que se cristianiza, se dá em oposição aos selvagens primitivos e canibais, representados pela tribo dos Aimoré.

Essas duas oposições são repensadas nesta montagem. A primeira aliança política entre os dois grupos de brancos (colonizadores e exploradores) se dá numa longa cena de adoração religiosa, proposta aqui como uma adoração a uma espécie de totem de destruição, um instrumento de exploração da terra. Já os Aimoré, que no libreto estão em luta por seu território e por sua vida (lembrando que toda a trama acontece a partir da morte de uma Aimoré), não se configuram nesta leitura como antítese de Peri, mas como oposição à própria noção de exploração da natureza e de seus

8 MOREIRA, Maria Eunice. *Nacionalismo literário e crítica romântica* apud VOLPE, Maria Alice. Remaking the Brazilian Myth of National Foundation: "Il Guarany", *Revista de Música Latinoamericana*, vol. 23, nº 2, 2002.

9 VOLPE, Maria Alice. Remaking the Brazilian Myth of National Foundation: "Il Guarany", *Revista de Música Latinoamericana*, vol. 23, nº 2, 2002.

10 No romance, o personagem de Gonzales é italiano, Loredano.

guardiões, os povos originários. A ópera é classificada pelo autor como *opera ballo*, graças à sequência de danças dos Aimoré. É nessas danças (excluídas de diversas montagens e também da nossa) que a visão exotizante dos povos originários vem à tona com a utilização de "fórmulas tradicionais da 'música turca' na representação de danças rituais dos Aimorés", segundo a musicóloga Maria Alice Volpe.

Quanto ao mito do casal primordial, este se constitui por meio do sacrifício de ambos os protagonistas. Peri deve abrir mão de sua espiritualidade e de seu povo para se submeter a um batismo católico, e Ceci deve se despedir definitivamente de sua família e cultura, o que Volpe chama de complementação binária entre "cultura naturalizada" e "natureza domesticada".

Il Guarany e Carlos Gomes, retratado no frontão da boca de cena de nosso teatro, mas também no seu arredor urbano, no conjunto escultórico de Luigi Brizollara, foram tema de declarações de amor e ódio ao longo da história. Entre os modernistas não foi diferente. Menotti del Picchia afirmava num famoso artigo "Matemos Pery". Já Mário de Andrade, numa resposta à provocação de Menotti, contestava: "Curemos Pery!"[11]. Propor pontos que culminassem no dramaturgismo para uma montagem de *Il Guarany* em 2023 só poderia acontecer a partir da multiplicidade de pensamentos, da confluência de tantos rios e da urgente necessidade de mudar o olhar, de decolonizar esta história e a nossa história.

LIGIANA COSTA
dramaturgista



Agradeço ao historiador Bruno Miranda pelo levantamento de parte da iconografia para este projeto.

11 Sobre a relação dos modernistas com Carlos Gomes, recomendo os artigos do professor Lutero Rodrigues.



SINOPSE

IL GUARANY
O GUARANI

Ópera em quatro atos.

Música: Antonio Carlos Gomes (1836-1896)

Libreto: Antonio Scalvini (1835-1881)
e Carlo d'Ormeville (1840-1924) baseado no romance
O Guarani (1857), de José de Alencar (1829-1877)

Estreia: Teatro alla Scala de Milão, 19 de março de 1870.

PERSONAGENS

Peri, príncipe dos Guarani (tenor)
Don Antonio de Mariz, fidalgo português (baixo)
Ceci, sua filha (soprano)
Gonzales, aventureiro espanhol (barítono)
Don Alvaro, aventureiro português (tenor)
O Cacique dos Aimoré (baixo)
Alonso, aventureiro espanhol (baixo)
Ruy Bento, aventureiro espanhol (tenor)
Pedro, homem de armas de Don Antonio (baixo)

PRIMEIRO ATO

Nas vizinhanças do castelo de Don Antonio, próximo à floresta, a pouca distância do Rio de Janeiro no ano de 1560. Chega um grupo de caçadores entre os quais estão Gonzales e Don Alvaro, ambos enamorados de Ceci, a filha de Don Antonio, que entra em seguida. Don Antonio determina que Ceci se case com Alvaro, e ela, mesmo não o amando, aceita por obediência ao pai. Chega agora Peri, filho do Cacique dos Guarani. É recebido como amigo, pois, dias antes, salvara Ceci de um ataque dos ferozes Aimoré. Gonzales, aventureiro e traidor, conspira contra Don Antonio. Combina um encontro secreto com seus comparsas, Alonso e Ruy Bento, ao cair da noite, no local conhecido como a Gruta do Selvagem, para prepararem um assalto. Peri, que tudo ouviu, resolve segui-los. Todos, menos Peri e Ceci, saem. Peri é detido por Ceci, que lhe pergunta por que se apressa em ir embora. O guerreiro responde que deve evitar uma traição que poderá prejudicar tanto seu pai quanto ela própria. Embora não o digam claramente, os dois jovens estão apaixonados um pelo outro.

SEGUNDO ATO

Primeira Cena

Na Gruta do Selvagem, em plena floresta. Peri chega antes de todos e se esconde. Entram os aventureiros. Gonzales diz que descobriu o caminho das minas de prata que ficam nas terras de Don Antonio. Se os cúmplices o ajudarem a raptar Ceci, Gonzales dividirá a riqueza com eles, amotinando a tropa contra o velho fidalgo. Alonso e Ruy Bento juram fidelidade a Gonzales. Peri, escondido, grita: “Traidores!”. Ruy Bento e Alonso fogem. Peri captura e desarma Gonzales. Poupará sua vida se Gonzales jurar abandonar o castelo imediatamente. Gonzales jura em falso, só para se livrar do indígena.

Segunda Cena

Na taberna dos aventureiros. Ruy Bento e Alonso tentam induzir os outros a se rebelar contra Don Antonio. Surge Gonzales que, servindo muito vinho e falando da vida livre dos aventureiros, consegue convencer todos a passar para seu lado.

Terceira Cena

O dormitório de Ceci. Depois que a moça adormece, Gonzales entra furtivamente no quarto. Ela acorda assustada e repele os avanços do espanhol.

Ele tenta agarrá-la com violência quando uma flecha o atinge. Pelas cores, Ceci reconhece a seta de Peri. Gonzales vai até a janela e atira para avisar seus comparsas, despertando todo o castelo. Entra Don Antonio. Exige explicações sobre a presença de aventureiros no quarto da filha. Surge Peri e denuncia Gonzales como o chefe dos traidores, mostrando em sua mão a ferida da flecha. Quando os aventureiros se preparam para reagir, entra Pedro, avisando que o castelo está cercado pelos Aimoré inimigos. Todos, então, se unem para enfrentar o inimigo comum, enquanto Ceci cai de joelhos pedindo ajuda dos céus.

TERCEIRO ATO

Na taba dos Aimoré. Depois de violento combate, Ceci foi trazida como prisioneira. Surge o Cacique dos Aimoré, feroz e majestoso. Ao ver o rosto de Ceci, se enamora dela e decide, em vez de mandar matá-la, fazê-la sua rainha. Um grupo Aimoré entra trazendo Peri aprisionado. O Cacique reconhece o bravo Guarani, e Peri lhe diz que deixou-se apanhar apenas para matá-lo em seu próprio campo. O Cacique manda preparar Peri para o sacrifício. Depois de morto, dentro do ritual dos canibais, seu corpo servirá de alimento para os guerreiros. Mas, dentro da tradição, ao prisioneiro, antes da morte, é concedida uma hora de amor. Assim, por esse espaço de tempo, Peri e Ceci são deixados a sós. Depois de trocar juras de amor, Peri ingere veneno: assim, sua carne envenenará os inimigos. Nesse instante, ouve-se um fragor de armas. Don Antonio, com um exército de portugueses, veio salvar a filha. Ataca o acampamento e os Aimoré fogem.

QUARTO ATO

Nos subterrâneos do castelo. Os aventureiros combinam um meio de raptar Ceci, aniquilando Don Antonio, Alvaro e Peri. Entra Don Antonio, acompanhado de seu fiel Pedro. Ouviu toda a trama. Repreende duramente os aventureiros, lembrando-lhes que um dia foram valentes e fiéis, mas agora se tornaram renegados e traidores. Todos, menos Gonzales, se arrependem e imploram o perdão de Don Antonio. Os aventureiros arrastam Gonzales dali. Entra agora Peri que, graças a certas ervas da floresta que ingeriu,

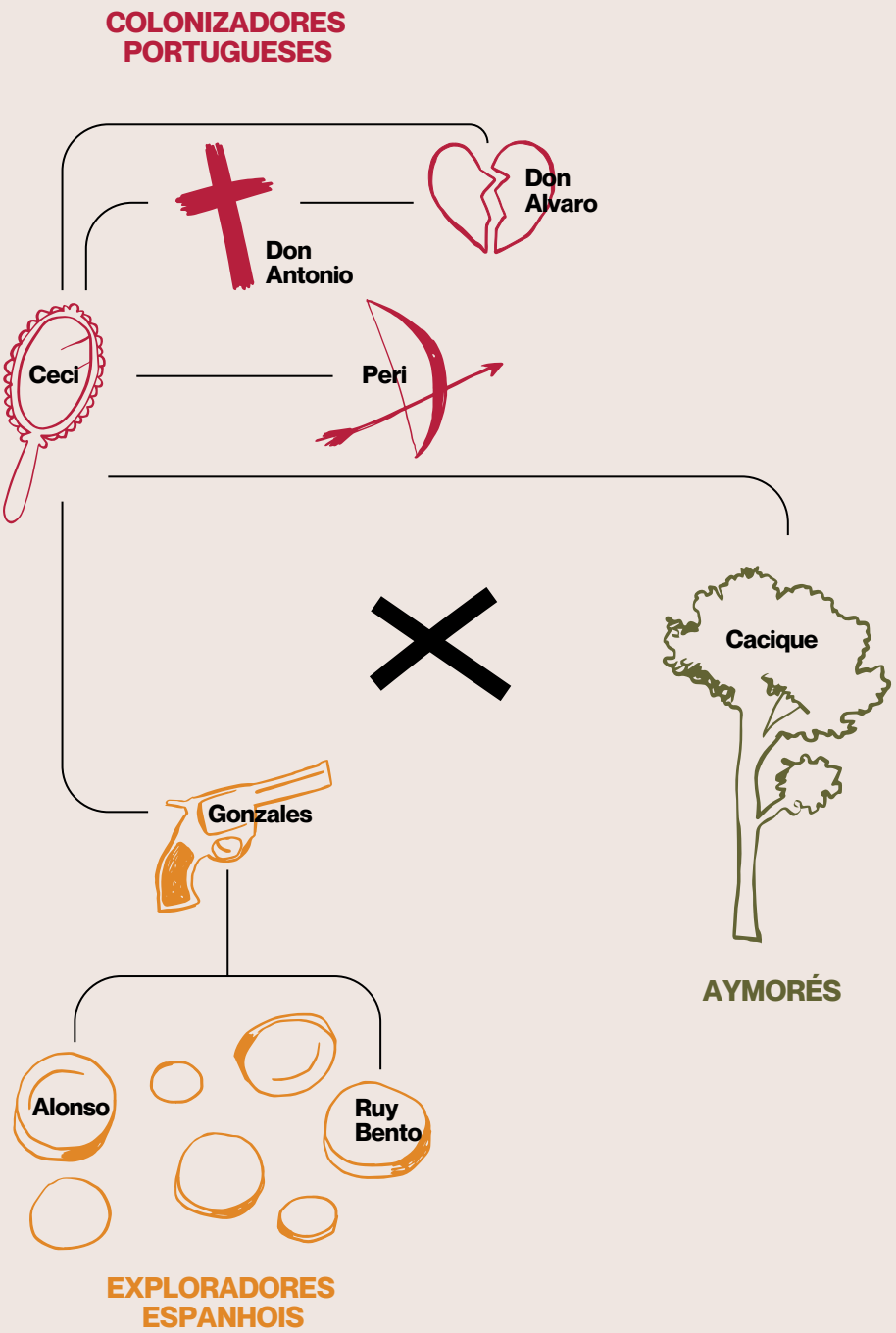
conseguiu neutralizar o efeito do veneno. Don Antonio o aconselha a fugir. O velho fidalgo, em busca de uma morte honrada, decidira explodir os barris de pólvora, derrubando o castelo. Peri lhe pede que, ao menos, o deixe salvar Ceci. Don Antonio lhe responde que não pode confiar a filha a um pagão. Peri, cujo amor por Ceci é maior do que tudo, pede que o fidalgo o batize, e se torna cristão. Entra agora Ceci, que pede para morrer ao lado do pai. Mas Don Antonio lhe ordena que viva, sob a guarda de Peri. O casal parte. Gonzales, acompanhado de alguns aventureiros traidores, retorna e tenta persegui-los. É quando Don Antonio ateia fogo à pólvora, explodindo o castelo e sepultando todos. Após o desabamento do castelo, a última cena mostra, a distância, Peri amparando carinhosamente Ceci.

SERGIO CASOY
professor e escritor
especialista em ópera





SOBRE A ÓPERA


COLONIZADORES PORTUGUESES
Don Alvaro
Don Antonio
Ceci
Peri
Cacique
AYMORÉS
Gonzales
Alonso
Ruy Bento
EXPLORADORES ESPANHOIS

IL GUARANY

NO PALCO

E NO ACERVO

DO THEATRO

MUNICIPAL

DE SÃO PAULO

Carlos Gomes, grande ícone da música brasileira, se faz presente no Theatro Municipal de São Paulo tanto nas suas grandiosas composições quanto na arquitetura, decoração e bens móveis integrados ao edifício. Na sala de espetáculos, no alto da boca de cena, há um medalhão representando o rosto de Carlos Gomes, em meio à uma guirlanda de louros com fundo dourado, homenageando o grande mestre e patrono da casa, numa posição de destaque e honra, dominando a cena. Ele já estava lá na noite de 12 de setembro de 1911, inauguração do Theatro Municipal de São Paulo, quando foi executada a Protofonia de *O Guarani*, um trecho de sua ópera homônima, abrindo as atividades do Municipal. A realização da ópera completa *Il Guarany - O Guarani*, por sua vez, ocorreu anos depois, estreando neste palco na noite de 10 de outubro de 1919. Desde então, no decorrer de mais de um século de temporadas líricas, *Il Guarany* foi remontada no Municipal ao menos 19 vezes em dezenas de récitas nos seguintes anos: 1922, 1924, 1926, 1929, 1933, 1934, 1936, 1941, 1942, 1949, 1951, 1957, 1964, 1967, 1970, 1972, 1974 e 2000. Considerando essa linha do tempo, a atual temporada do Theatro Municipal de 2023 recebe a vigésima montagem de *Il Guarany.*



THEATRO MUNICIPAL

Empreza: CENTRO MUSICAL DE S. PAULO & Cia.

TEMPORADA 1928-29

GRANDE COMPANHIA LYRICA ITALIANA

Director Artistico: ALFREDO LANDI

HOJE - 17 de Janeiro ás 20.45 horas - HOJE

19.ª RECITA EXTRAORDINARIA

GUARANY

Opera-baile em 4 actos do Maestro CARLOS GOMES

DISTRIBUIÇÃO

Don Antonio	GIUSEPPE ZONZINI
Cecilia (sua filha)	LIA ALESSANDRINI
Pery	GIANNI DE NEGRI
Don Alvaro	RENATO DE PASCALE
Gonzales	ASDRUBAL LIMA
Ruy Bento	GIOVANNI TRONCONI
Alonso	SALVATORE PERROTTA
O Cacique	GIOVANNI ALSINA
Pedro	FERRUCCIO CORRADETTI

Coro e Comparsas — Aventureiros de diversas Nações — Homens e Mulheres da Colonia Portugueza — Selvagens da Tribu dos Aimoré
A scena tem lougar no Brasil, a pouca distancia do Rio de Janeiro

Epoca 1560

CORPO DE BAILE

Maestro Concertador e Director de Orchestra

ROMEU BORZELLI

PREÇOS (Imposto incluso)

Frizas e Camarotes 1.º	75$000	Poltronas e Balcões	15$000
Camarotes Foyer	40$000	Cadeiras Foyer	10$000
Camarotes de 2.º	30$000	Galerias e Amphitheat.	5$000

AMANHÃ - 20.ª Recita Extraordinaria - AMANHÃ

GRANDIOSO SUCCESSO

Maria Petrowna

Opera em 1 prologo e 2 actos do illustre maestro Brasileiro
JOÃO GOMES DE ARAUJO

Bilhetes a venda na bilheteria do Theatro das 10 horas em deante

Typ. Paulista — Rua [illegible] — S. PAULO

Cartazete de *Guarany* da temporada lírica oficial de 1928-1929, do Theatro Municipal de São Paulo.

Abaixo, algumas reproduções de capas dos programas de sala de *Il Guarany* nas temporadas líricas do Theatro Municipal de São Paulo, documentos do acervo da instituição. Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.



Capa do programa da temporada lírica de 1919 do Theatro Municipal de São Paulo.



Programa da temporada lírica de 1936 do Theatro Municipal de São Paulo com capa de Anita Malfatti. Segundo o documento, o espetáculo foi gratuito, promovido pelo então Departamento Municipal de Cultura, na gestão de Mário de Andrade.

1 de Outubro de 1936 — PROGRAMA — 1 de Outubro de 1936

Espetaculo gratuito, oferecido pelo Departamento Municipal de Cultura, com a opera em 4 atos de Carlos Gomes:

G U A R A N I

PERSONAGENS

Don Antonio de Mariz - velho fidalgo portuguez. . . . . *Duilio Baronti*
Cecilia - sua filha . . . . . *Bidú Sayão*
Perí - chefe da tribu dos Guaranís . *Ettore Parmeggiani*
Don Alvaro - aventureiro portuguez . *Antonio Alliegro*
Gonzalez - aventureiro hespanhol, hospede de Don Antonio. . . . *Armando Borgioli*
Ruí Bento - idem . . . . . *Blando Giusti*
Alonso - idem . . . . . *José Perotta*
O Cacique - Chefe da tribu dos Aimorés *Giacomo Vaghi*
Pedro - escudeiro de Don Antonio . *Bruno Mario*

Maestro Concertador e Diretor da Orquestra: Umberto Berrottoni
Diretor Geral da montagem cenica: Pericle Ansaldo
Regisseur: Filippo Dadó

Aventureiros de diferentes nações - Homens e mulheres da colonia portugueza - Indios da tribu dos Aimorés - No 3.o acto: Dans s pelo corpo de baile da Escola de Tea ro Municipal sob a direção de MARIA OLENEWA — Solistas: Luiza Carbonell, Maryla Gremo, Maria Carbonell e Juse Lindberg. — Coreografia de Maria Olenewa — Regisseur do corpo de balle: Americo Ferreira





Programa da temporada lírica de 1957 do Theatro Municipal de São Paulo.

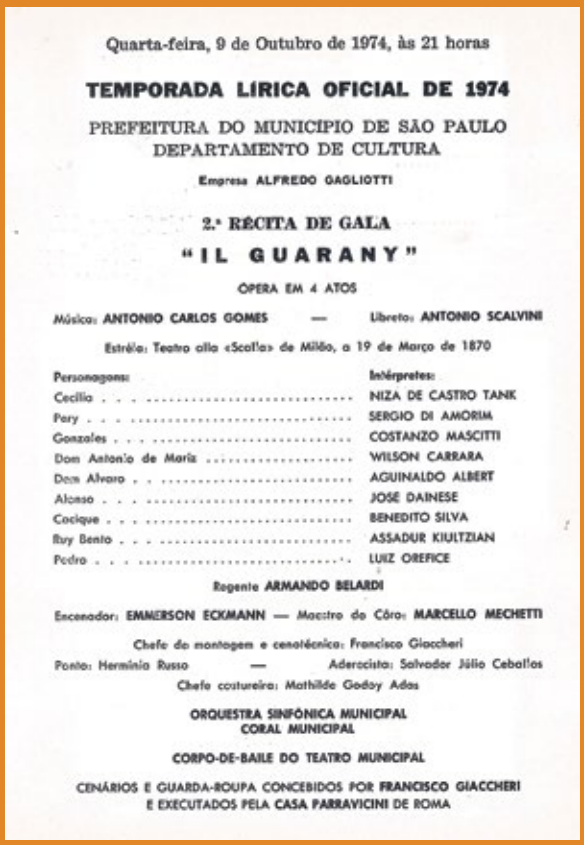
Programa da temporada lírica de 1967 do Theatro Municipal de São Paulo.



Programa da temporada lírica de 1972 do Theatro Municipal de São Paulo.

Capa do Programa da temporada lírica de 1974 do Theatro Municipal de São Paulo. Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.





Quarta-feira, 9 de Outubro de 1974, às 21 horas

TEMPORADA LÍRICA OFICIAL DE 1974

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE CULTURA

Empresa ALFREDO GAGLIOTTI

2.ª RÉCITA DE GALA

"IL GUARANY"

ÓPERA EM 4 ATOS

Música: ANTONIO CARLOS GOMES — Libreto: ANTONIO SCALVINI

Estréia: Teatro alla «Scalla» de Milão, a 19 de Março de 1870

Personagens:	Intérpretes:
Cecília	NIZA DE CASTRO TANK
Pery	SERGIO DI AMORIM
Gonzales	COSTANZO MASCITTI
Dom Antonio de Mariz	WILSON CARRARA
Dom Alvaro	AGUINALDO ALBERT
Alonso	JOSÉ DAINESE
Cacique	BENEDITO SILVA
Ruy Bento	ASSADUR KIULTZIAN
Pedro	LUIZ OREFICE

Regente ARMANDO BELARDI

Encenador: EMMERSON ECKMANN — Maestro do Côro: MARCELLO MECHETTI

Chefe de montagem e cenotécnica: Francisco Giaccheri

Ponto: Herminia Russo — Aderecista: Salvador Júlio Ceballos

Chefe costureira: Mathilde Godoy Adas

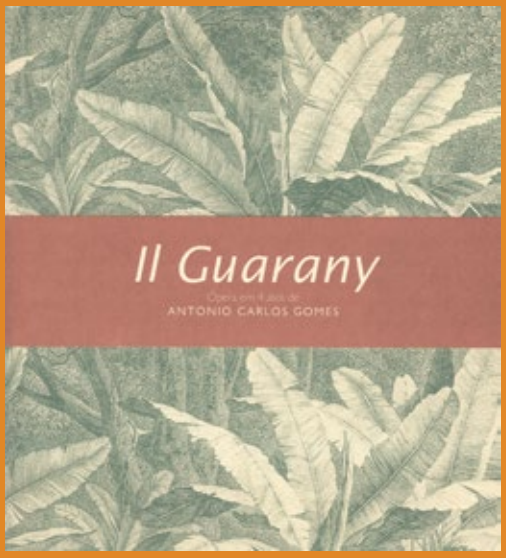
ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL
CORAL MUNICIPAL

CORPO-DE-BAILE DO TEATRO MUNICIPAL

CENÁRIOS E GUARDA-ROUPA CONCEBIDOS POR FRANCISCO GIACCHERI
E EXECUTADOS PELA CASA PARRAVICINI DE ROMA

Programa da temporada lírica de 1974 do Theatro Municipal de São Paulo.

Programa da temporada lírica de 2000 do Theatro Municipal de São Paulo.



Da primeira à última montagem de *Il Guarany*, ou seja, de 1919 até 2000, grandes estrelas da ópera interpretaram os papéis de Ceci e Peri, como Bidu Sayão, Maria Sá Earp, Armando Assis Pacheco, José Perrota, Niza de Castro Tank, entre outros célebres artistas. Niza de Castro Tank, voz tão associada à obra de Carlos Gomes, teve grande destaque em *Il Guarany*. De acordo com os programas de espetáculos que foram preservados no acervo do Theatro Municipal de São Paulo, a soprano interpretou Ceci em 1964, 1967, 1970, 1972 e 1974. Além disso, Niza de Castro Tank participou da gravação de *Il Guarany* na íntegra em 1959, realizada no Theatro Municipal de São Paulo, com o barítono Paulo Fortes e elenco brasileiro, sob a direção do maestro Armando Belardi, então diretor artístico da Rádio Gazeta de São Paulo. Trata-se de um marco da indústria fonográfica brasileira, realizado por uma gravadora nacional, a Chantecler.

No acervo do Theatro Municipal de São Paulo há fotografias, cartazetes, libretos, partitura, programas de sala e alguns trajes de cena da montagem de 1974 de *Il Guarany*. Abaixo duas fotos do figurino da personagem Ceci, interpretado pela soprano Niza de Castro Tank.



Traje de cena da personagem Ceci de *Il Guarany*, de 1974. Central Técnica de Produções Artísticas Chico Giacchieri – Complexo Theatro Municipal de São Paulo. Foto: Winie Cardoso.

A Gerência de Formação, Acervo e Memória, por intermédio do Núcleo de Acervo e Pesquisa, realiza a gestão do acervo do Complexo Theatro Municipal de São Paulo, baseando-se nas melhores práticas executadas em acervos teatrais, tendo em vista sua preservação e difusão. Constituído por uma variada gama de peças documentais e coleções de diferentes tipologias e suportes, o acervo está acondicionado no edifício histórico do Theatro Municipal, no Centro de Documentação e Memória (na Praça das Artes), e na Central Técnica de Produções Chico Giacchieri (situada no bairro do Canindé). Pesquisadores e o público em geral podem consultar documentos do acervo por meio de solicitação de agendamento via formulário disponível na página do Núcleo de Acervo e Pesquisa no site do Theatro Municipal.

ANITA DE SOUZA LAZARIM
pesquisadora do Núcleo de Acervo e Pesquisa do Theatro Municipal de São Paulo





IL

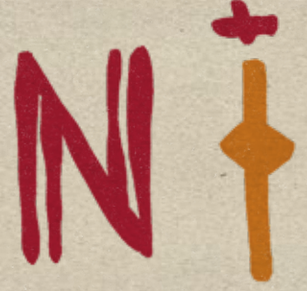
GUA



RA

RA

NY



PERSONAGGI

DON ANTONIO DE MARIZ (basso)
vecchio idalgo portoghese

CECILIA (soprano)
figlia di don Antonio

PERI (tenore)
capo della tribù dei Guarany

DON ALVARO (tenore)
avventuriere portoghese

GONZALES (baritono)
avventuriere spagnuolo, ospite di don Antonio

RUY BENTO (tenore)
avventuriere spagunolo, ospite di don Antonio

ALONSO (basso)
avventuriere spagunolo, ospite di don Antonio

Il CACICO (basso)
capo della tribù degli Aimorè

PEDRO (basso)
uomo d'arme di don Antonio

Coro e comparse
Avventurieri di diverse nazioni
Uomini e Donne della colonia portoghese
Selvaggi della tribù degli Aimorè
Corpo di ballo
Uomini e Donne della tribù degli Aimorè

La scena ha luogo nel Brasile, a poca distanza da Rio de Janeiro. Epoca 1560.

PERSONAGENS

DON ANTONIO DE MARIZ (baixo)
velho fidalgo português

CECILIA (soprano)
filha de Don Antonio

PERI (tenor)
chefe da tribo Guarani

DON ALVARO (tenor)
aventureiro português

GONZALES (barítono)
aventureiro espanhol, hóspede de Don Antonio

RUY BENTO (tenor)
aventureiro espanhol, hóspede de Don Antonio

ALONSO (baixo)
aventureiro espanhol, hóspede de Don Antonio

O CACIQUE (baixo)
chefe da tribo Aimoré

PEDRO (baixo)
homem de armas de Don Antonio

Coro e figurantes
Aventureiros de diversas nações
Homens e mulheres da colônia portuguesa
Selvagens da tribo Aimoré
Corpo de baile
Homens e mulheres da tribo Aimoré

A trama se passa no Brasil, nas proximidades do Rio de Janeiro, em 1560.



ATTO PRIMO

PRIMEIRO

ATO

SCENA PRIMA

(Spianata dinanzi al castello di don Antonio de Mariz.All'alzarsi del sipario la scena è vuota; attraversano la scena alcuni gruppi di comparse portando al collo dei cervi ed altri selvatici di generi diversi: odonsi internamente suoni di caccia. Indi vengono il Coro di cacciatori, don Alvaro, Gonzales, Ruy, Alonso, Avventurieri)

CORO *(di cacciatori)*
Dal piano al monte ognor
trascorre il cacciator;
a lui dinanzi fugge
la fiera belva invan,
invan di sdegno rugge
contro l'ardita man.
Nell'antro ov'ella è ascosa
lo spinge il baldo ardir;
ella assalir pur osa,
ma pronto egli è a ferir.
Poi di sua preda carco
e pien di gioia il cor
pone la freccia e l'arco
lo stanco cacciator.

GONZALES *(con ironia ad Alvaro)*
Alfin giungemmo all'ospitale tetto,
che sì teneri sensi in te ridesta;
tregua dunque al dolor!

ALVARO *(irritato)*
E con qual dritto
ardisci numerare i miei sospiri?

GONZALES *(come sopra)*
Pace, o venturïer, troppo t'accende
il mal celato amor.

RUY, ALONSO *(ridendo)*
Ah! ah! spietato,
compatisci il meschino, è innamorato!

GONZALES *(Fra sè)*
Ei di Cecilia amante, oh! gelosia!

PRIMEIRA CENA

(*Esplanada em frente ao castelo de Don Antonio de Mariz. Quando a cortina se abre, o palco está vazio. Atravessam a cena alguns grupos de figurantes carregando cervos e outros animais selvagens diversos; ouvem-se internamente sons de caça. Em seguida, entram o Coro dos Caçadores, Don Alvaro, Gonzales, Ruy, Alonso, Aventureiros.*)

CORO (*dos caçadores*)
O caçador corre sempre
da planície para o monte.
Em vão, a fera audaz
foge de sua presença.
Em vão, ruge irada
contra a temerária mão.
Sua destemida valentia
impeliu-a ao antro onde se esconde,
mas, se ela ousa atacar,
ele está pronto a ferir.
Depois, carregando sua presa,
com o coração cheio de alegria,
depõe a flecha e o arco
o cansado caçador.

GONZALES (*com ironia para Alvaro*)
Finalmente chegamos ao teto hospitaleiro,
que desperta em você tão ternos sentimentos;
trégua, então, com a dor!

ALVARO (*irritado*)
E com que direito
você ousa contar os meus suspiros?

GONZALES (*como acima*)
Paz, ó aventureiro, o amor mal escondido
o inflama demais.

RUY, ALONSO (*rindo*)
Ah! Ah! Impiedoso,
tenha compaixão do coitado, ele está enamorado!

GONZALES (*para si mesmo*)
Ele, namorado de Cecilia. Oh, que ciúme!

ALVARO Che mediti?

GONZALES Nulla...

(Fra sè)

Su te ben io vegliar saprò, né tua sarà colei,
che m'ha destato in petto
fuoco fatal di prepotente affetto!

ALVARO *(Fra sè)*
Ei m'odia, ma non temo il suo furore...

GONZALES *(Fra sè)*
Qui simular conviene odio e amore!

CORO L'idalgo vien... silenzio...

(Don Antonio, dal castello,seguìto da Uomini d'arme)

ANTONIO Che siate i benvenuti! Invero lunga
parve la vostra assenza;
e mentre altrove vi trae la caccia
altro infortunio ne percosse...

ALVARO Cielo!
E noi tutti ignorammo!...

ANTONIO Uno dei nostri
per grave errore, una gentil fanciulla
della tribù degli Aimorè trafisse;
venia non trova l'imprecato fallo,
e fremente l'indian vendetta chiede!

GONZALES E l'abbia intera... rinnovar fra poco
sapremo uniti la tenzon dell'armi,
ciascun di noi è un forte...

CORO *(d'avventurieri)*
E il bravo venturier sfida la morte!

ANTONIO *(con calma)*
Vano sarebbe il valor vostro, o fidi,
se un genio protettor la cara vita
salva non fêa dalla figliola mia.

ALVARO No que você está pensando?

GONZALES Em nada...

(*para si mesmo*)

Eu saberei vigiar você muito bem! Ela não será sua!
Ela, que despertou em meu peito
o fogo fatal de irresistível afeto!

ALVARO (*para si mesmo*)
Ele me odeia, mas não temo seu furor...

GONZALES (*para si mesmo*)
Aqui convém simular ódio e amor!

CORO O fidalgo vem vindo... silêncio...

(*Don Antonio, do castelo, seguido por guardas*)

ANTONIO Sejam bem-vindos. Como pareceu longa
a ausência de vocês.
E, enquanto a caça os levou a outros lugares,
outro infortúnio nos golpeou...

ALVARO Céus!
E nós não soubemos de nada!...

ANTONIO Um dos nossos,
por um grave erro, feriu gravemente
uma gentil donzela da tribo dos Aimoré;
uma falha maldita que não tem perdão,
e os indígenas, furiosos, clamam por vingança!

GONZALES E que a tenham por inteiro... Nós, unidos,
saberemos dentro em pouco renovar o combate armado,
cada um de nós é um forte...

CORO (*dos aventureiros*)
E o bravo aventureiro desafia a morte!

ANTONIO (*com calma*)
Sua coragem teria sido em vão, meus fiéis,
se um gênio protetor não salvasse
a cara vida de minha filhinha.

ALVARO Ciel! come avvenne?

ANTONIO Nella placid'onda
incauta, poco lunge, ella spirava
le fresc'aure del bosco...

ALVARO E fu sorpresa?

ANTONIO Da selvaggi nascosti... e preda loro
l'infelice saria, se svelta a forza
dall'empie mani ei non l'avesse.

TUTTI *(meno Antonio)*
Oh! noma
il salvator...

ANTONIO Ei stesso
vêr noi si move... lo guardate... è desso!

(Pery alla destra)

ANTONIO *(a Pery, che esita ad appressarsi)*
T'appressa, amico.

GONZALES Un indiano!

ALVARO, RUY, ALONSO, GONZALES Salve!

GONZALES Ma chi sei tu? rispondi,
tu che in noi tutti ammirazione infondi?

PERY *(lo guarda, indi con fierezza)*
Pery m'appella
in sua favella
l'eroico popolo
dei Guarany.
Di regi figlio,
non v'ha periglio
che arretrar pavido
vegga Pery.

ANTONIO Fratello e amico in faccia a ognun ti chiama
il vecchio idalgo...

(lo abbraccia)

ALVARO Céus! Como aconteceu?

ANTONIO À beira do rio,
despreocupada, um pouco longe, ela estava
respirando a brisa fresca do bosque...

ALVARO E foi surpreendida?

ANTONIO Por selvagens escondidos... E a infeliz seria presa deles,
se ele não a tivesse arrancado à força daquelas
mãos cruéis.

TODOS (*menos Antonio*)
Oh! Qual é o nome
do salvador?

ANTONIO É aquele mesmo
que está se movendo em nossa direção... olhem-no... é ele!

(*Peri, à direita*)

ANTONIO (*a Peri, que hesita em se aproximar*)
Aproxime-se, amigo.

GONZALES Um indígena!

ALVARO, RUY, ALONSO, GONZALES Salve!

GONZALES Mas quem é você? Responda,
você que causa admiração em todos nós?

PERI (*olha para ele, e depois com orgulho*)
Peri me chama
na sua linguagem,
o povo heroico
dos Guarani.
Filho de reis,
não há perigo
que recuar com medo
veja Peri.

ANTONIO Irmão e amigo, diante de todos, o chama
o velho fidalgo...

(*abraça-o*)

PERY E un vero amico io sono!

CORO Qual nobil sguardo!

ANTONIO Che m'arrechi?

PERY Tace accampato l'indiano,
e forse cova vendette atroci...

ANTONIO Esplorator fedele
in te riposo, o amico...

PERY E ben lo puoi;
della tribù degli Aimorè le imprese
spero fallite andran...

ANTONIO Pure conviene
gli agguati prevenir.

PERY Signor, t'acqueta;
altro il mio cor non brama,
che di sventare la codarda trama.

(si ode internamente la voce di Cecilia)

CECILIA Deh! riedi... deh riedi...
ritorna al mio cor.
E giorni beati
vivremo d'amor.

CORO Qual voce!

PERY *(Fra sè)*
Dessa!

(si ritira nel fondo)

ANTONIO D'amorose note
la mia gentil fanciulla
fa l'aure risuonar.

ALVARO Oh gioia estrema!
Tutte nel cor le sento.

GONZALES *(Fra sè)*
È felice costui!... oh rio tormento!

PERI E eu sou um verdadeiro amigo!

CORO Que nobre olhar!

ANTONIO Que notícias você me traz?

PERI O acampamento dos indígenas está silencioso,
e talvez estejam preparando uma vingança atroz...

ANTONIO Confio em você, amigo,
explorador fiel...

PERI Pode confiar;
espero que as ações da tribo Aimoré
venham a falhar...

ANTONIO Entretanto, convém prevenir
as emboscadas.

PERI Senhor, acalme-se;
meu coração nada mais deseja
do que esvaziar a trama covarde.

(*ouve-se internamente a voz de Cecilia*)

CECILIA Ah! Volte... volte...
retorne para o meu coração.
E viveremos
dias felizes de amor.

CORO Que voz!

PERI (*para si mesmo*)
É ela!

(*retira-se para o fundo*)

ANTONIO Minha gentil menina
faz o ar ressoar
de notas amorosas.

ALVARO Oh, alegria extrema!
Eu as ouço todas no coração!

GONZALES (*para si mesmo*)
Como ele está feliz... Oh, que cruel tormento!

(Cecilia seguita da alcune Damigelle, e detti)

CECILIA Gentile di cuore
leggiadra di viso,
ho dolce l'affetto
ho vago il sorriso;
di dolce contento
lo sguardo mi brilla,
se in volto gli leggo
d'amor la favilla;
per lui solo affido
sull'ali dei venti
il suon lusinghiero
di garruli accenti!
Deh riedi, deh riedi...
mi stringi al tuo cor
e giorni beati
vivremo d'amor!

ANTONIO, GONZALES, CORO *(ad Alvaro)*
Felice mortale,
la stringi al tuo cor,
e giorni beati
vivrete d'amor!

ANTONIO Cecilia, esulta.
Reso ai nostri lari
vedi lo sposo che ti scelse il padre.

(indica Alvaro)

CECILIA *(confusa, impallidendo)*
Egli!...

ALVARO Oh! Cecilia.

(s'avvicina a lei con affetto)

ANTONIO Il guardo abbassi, e bianca
d'inusitato pallor chini la fronte?

CECILIA *(facendo forza a sé stessa)*
M'inchino al tuo volere...

ANTONIO L'obbedirmi è per te sacro dovere!

(*Cecilia, seguida por algumas senhoritas, e os mencionados*)

CECILIA De coração gentil,
com um rosto gracioso,
tenho o afeto doce
e um sorriso ameno.
Meu olhar brilha
de doce alegria,
se em seu rosto leio
a centelha do amor.
Somente por ele confio
às asas dos ventos
o som prazeroso
de ruidosas inflexões!
Ah! Volte, volte...
Aperte-me contra seu coração
e viveremos
dias felizes de amor!

ANTONIO, GONZALES, CORO (*para Alvaro*)
Feliz mortal,
aperte-a contra seu coração
e viverão
dias felizes de amor!

ANTONIO Exulte, Cecilia.
Voltou ao nosso lar
o esposo que seu pai escolheu para você.

(*indica Alvaro*)

CECILIA (*confusa, empalidecendo*)
Ele!...

ALVARO Ó Cecilia!

(*aproxima-se dela com afeto*)

ANTONIO Você abaixa o olhar
e inclina o rosto branco de inesperada palidez?

CECILIA (*fazendo um esforço*)
Eu me dobro à sua vontade...

ANTONIO Obedecer-me é, para você, um dever sacro!

(suona l'Ave Maria)

ANTONIO Ma l'aere imbruna, e il bronzo della sera
c'invita alla preghiera. Or dunque insieme
nel comune dolor che ci contrista,
in ginocchio preghiamo
e nei consigli di lassù speriamo.

(tutti si scoprono e s'inginocchiano)

Salve, o possente vergine,
madre dell'uomo santo,
tu ne proteggi provvida
se il dì verrà del pianto:
e forte al par che pia,
ne assisti...

TUTTI Ave Maria!

ANTONIO, **ALVARO** **GONZALES**, **RUY, ALONSO** Fa' che vediamo estinguersi
la rabbia dei nemici,
né più di sangue tingano
l'ire le spade ultrici;
e forte al par che pia,
ne assisti...

TUTTI Ave Maria!

(in questo momento Pery si è avanzato, e scorgendo tutti inginocchiati si pone in atto rispettoso dietro Gonzales)

CECILIA, ALVARO Poi se avverrà che il turbine
un lieto dì rischiari,
verrem prostrati a sciogliere
il voto sugli altari;
perché tu fosti pia
e forte...

TUTTI Ave Maria!

(si alzano)

GONZALES *(piano a Ruy e Alonso)*
Allor che annotti, non veduti entrambi
alla grotta vi attendo del selvaggio...

(*soa a Ave-Maria*)

ANTONIO Mas está escurecendo, e o sino da tarde nos
convida a rezar. Então, juntos,
na dor comum que nos entristece,
rezemos ajoelhados
e confiemos nos conselhos do mais alto.

(*todos descobrem as cabeças e se ajoelham*)

Salve, poderosa Virgem,
Mãe do Homem Santo.
Você nos protegerá previdente
ao chegar o dia do pranto:
e, tão forte quanto pia, nos
assista...

TODOS Ave Maria!

ANTONIO, **ALVARO GONZALES**, **RUY, ALONSO** Faça com que vejamos extinguir-se
o ódio dos inimigos,
e que não mais a ira tinja de sangue
as espadas vingadoras;
e, tão forte quanto pia, nos
assista...

TODOS Ave Maria!

(*nesse momento, Peri se aproximou e, vendo todos joelhados, se coloca em atitude respeitosa atrás de Gonzales*)

CECILIA, ALVARO Depois, se acontecer que o turbilhão
torne claro um dia feliz,
viremos prostrados a pagar
a promessa sobre os altares;
porque você foi pia
e forte...

TODOS Ave Maria!

(*levantam-se*)

GONZALES (*baixinho a Ruy e Alonso*)
Assim que anoitecer, sem ser vistos,
eu os espero na gruta do selvagem...

RUY, ALONSO Verremo...

PERY *(che ha udito. Fra sè)*
Quello sguardo... quell'accento...
Io saprò prevenire il tradimento

ANTONIO Or che sciolta è la preghiera
ed i voti s'innalzâr,
venga pur l'iniqua schiera,
sarò lieto di pugnar.

CECILIA, DONNE Su, correte coraggiosi
il nemico ad affrontar;
noi starem pei valorosi
le corone ad intrecciar.

TUTTI Venga pur l'iniqua schiera,
sarò lieto di pugnar.

(Perys'avvia per uscire da un lato: tutti gli altri entrano nel castello, meno Cecilia, che si ferma sulla soglia e si volge a Pery)

CECILIA *(chiamando)*
Pery...

PERY *(retrocedendo)*
Che brami?

CECILIA Appressati...

PERY Parla...

CECILIA Al castello mio
perché t'involi?...

PERY Un umile schiavo,
o gentil, son io;
né di calcar tue soglie
degno mi fèa la sorte...

CECILIA Che dici? E non seil'angelo
che mi salvò da morte?...

PERY Sì, ma colà t'attendono
soavi gioie al core;

RUY, ALONSO Viremos...

PERI (*Que os ouviu. Para si mesmo*)
Aquele olhar... aquela entonação...
eu saberei prevenir a traição.

ANTONIO Agora que a oração terminou
e elevamos nossos votos,
que venha então o malvado bando,
estou contente em lutar.

CECILIA, MULHERES Eia, corram corajosamente
a enfrentar o inimigo;
nós ficaremos tecendo as
coroas para os valentes.

TODOS Que venha então o malvado bando,
estou contente em lutar.

(*Peri vai saindo por um lado: todos os outros entram no castelo, menos Cecilia, que se detém na entrada e se dirige a Peri*)

CECILIA (*chamando*)
Peri...

PERI (*retrocedendo*)
Que deseja?

CECILIA Aproxime-se...

PERI Fale...

CECILIA Por que você
evita o meu castelo?...

PERI Um escravo humilde,
ó gentil, eu sou.
O destino não me fez digno
de pisar a sua entrada...

CECILIA O que você está dizendo? E não é você
o anjo que me salvou da morte?

PERI Sim, mas lá dentro a esperam
suaves alegrias ao seu coração;

Alvaro t'ama e inebriasi
del tuo divino amore.

CECILIA Al padre e non ai palpiti
cedo del cor...

PERY Fia vero?...

CECILIA Te 'l giuro, inestinguibile
in me vivrà un pensiero...

PERY Qual?...

CECILIA Che al furor dei barbari
sol fui per te rapita.

PERY E ovunque e sempre, ah! credilo,
fia sacra a te mia vita.

CECILIA E al fianco tuo sicura
senza timor vivrò;
ma di', perché tal cura
hai tu di me?...

PERY Non so!Non so!
Sento una forza indomita
che ognor mi tragge a te;
ma non la posso esprimere,
né ti so dir perché.
So che un tuo detto, o vergine,
un tuo sorriso, un guardo,
come un acuto dardo,
scende a ferir mi ilcor...
So che pe 'l tuo più rapido,
pe 'l tuo minor desìo,
pronto a versar son io
tutto il mio sangue ognor...
Ma non ti posso esprimere
quello che sento in me;
il cor non so dischiuderti,
né ti so dir perché.

CECILIA *(Fra sè)*
Io pure, io pure invano
chieggo a me stessa ognor
che è mai quel senso arcano,

Alvaro ama você e se inebria
com o seu divino amor.

CECILIA Eu cedo à vontade de meu pai,
não às batidas do meu coração...

PERI É verdade?...

CECILIA Eu lhe juro, em mim viverá
sempre um pensamento inextinguível...

PERI Qual?...

CECILIA Que somente graças a você
eu escapei do furor dos bárbaros.

PERI E em qualquer lugar e sempre, ah!, creia-me,
eu consagro a você a minha vida.

CECILIA E a seu lado, segura,
viverei sem medo.
Mas, diga-me, por que
tanto cuidado comigo?

PERI Não sei! Não sei!
Sinto uma força indômita
que sempre me impulsiona até você,
mas eu não a posso exprimir,
nem sei dizer-lhe por quê.
Sei que uma palavra sua, ó virgem,
um sorriso seu, um olhar,
fere meu coração
como um agudo dardo...
Sei que por seu mais rápido,
por seu menor desejo,
estou pronto a derramar sempre
todo o meu sangue...
Mas não posso exprimir a você
aquilo que sinto dentro de mim.
Não posso abrir meu coração para você.
Nem sei dizer por quê.

CECILIA (*para si mesma*)
Eu também, eu também pergunto em vão
a mim mesma, sempre,
o que será tal misteriosa sensação

che mi commuove il cor.
Lo sguardo suo sì vivido
sento riflesso in me;
ma invan me stessa interrogo,
ma né mi so dir perché.

PERY *(scuotendosi)*
Ma il tempo vola
e altrove essere io deggio...

CECILIA Dove?...

PERY *(con accentod'ira)*
Dove una rete infame
tender d'abbiette trame
impunemente sperano
tre vili traditor.

CECILIA Chi mai?... Chi mai?...

PERY Non chiederlo;
a me son noti e basta;
io ti saprò difendere,
saprò salvarti ognor.

CECILIA Qualunque via dischiudasi
al libero tuo piè,
la mia parola supplice
sempre risuoni in te;
e fido a me conservati,
riedi a mio padre, a me.
M'affido al tuo valor...

PERY Io dei perigli rido.

CECILIA I vili a lui denunzia...

PERY Ma non denunzio, uccido.

CECILIA Ma deh! Che a me non tolgasi
la candida tua fé;
vivi, o Pery, te n' supplico
pe 'l padre mio, per me!...
Se il braccio tuo difendere
non mi dovesse ancor,
morrei compianta vittima,
come mietuto fior.

que me comove o coração.
Sinto refletido em mim
seu olhar tão vívido;
mas em vão me pergunto,
mas não sei dizer por quê.

PERI (*agitado*)
Mas o tempo voa
e eu devo ir para outro lugar.

CECILIA Para onde?

PERI (*com inflexão irada*)
Onde uma rede infame
feita de desprezíveis tramas
aguarda impunemente por
três vis traidores.

CECILIA Quem?... Quem são?...

PERI Não pergunte.
Eu sei quem são e basta!
Eu saberei defendê-la,
sempre saberei salvá-la!

CECILIA Qualquer que seja o caminho
que se abra aos seus livres passos,
que minhas palavras suplicantes
ressoem sempre dentro de você;
e conserve-se fiel a mim.
Retorne a meu pai, a mim.
Confio em seu valor...

PERI Eu rio dos perigos.

CECILIA Denucie os infames a meu pai...

PERI Mas não denuncio, eu mato!

CECILIA Que eu não seja despojada
da sua cândida fé.
Viva, ó Peri, eu lhe suplico,
por meu pai, por mim!
Se seu braço não mais
me pudesse defender,
eu morreria como uma pranteada vítima,
com uma flor arrancada.

PERY Che dici, ahimè!... deh! calmati...

CECILIA Morrei siccome un fior...

PERY Morire?... Oh!ciel, non dirmelo.
No, tu non déi morir!...
a mille morti impavido
io ti saprei rapir!...
A me t'affida, o vergine,
eterna è la mia fé!...
numi, parenti, patria,
tutto obliai per te.

CECILIA Or vanne, ma sollecito
ritorna al tetto mio.

PERY Addio, mio sol benefico...

CECILIA Mio salvatore, addio.

PERY T'affida a me...

CECILIA M'affido a te...

PERY Mio dolce amor...

CECILIA Mio salvator...

PERY M'involo a te...

CECILIA Ma riedi a me...

CECILIA, PERY Addio!...

(Pery esce da un lato, Cecilia entra nel castello)

PERI O que você está dizendo, ai de mim!... Acalme-se...

CECILIA Morreria como uma flor...

PERI Morrer?... Oh! céus, não me diga isso.
Não, você não deve morrer!...
Impávido, eu saberei proteger você
de mil mortes!...
Confie em mim, ó virgem,
minha fé é eterna!...
Deuses, família, pátria,
esqueci de tudo por você!

CECILIA Vá agora, mas regresse
rapidamente ao meu teto!

PERI Adeus, meu sol benéfico...

CECILIA Meu salvador, adeus.

PERI Confie em mim...

CECILIA Confio em você....

PERI Meu doce amor...

CECILIA Meu salvador...

PERI Deixo você...

CECILIA Mas volte para mim...

CECILIA, PERI Adeus!

(*Peri sai por um lado, Cecilia entra no castelo*)



ATTO SECONDO

SEGUNDO

ATO

(Una grotta del selvaggio. A destra un'ampia grotta che occupa metà della scena, a sinistra un folto bosco; presso la grotta vi è un grosso tronco d'albero spezzato dal fulmine. È notte. Pery solo, dal fondo strisciando fra le macchie)

PERY Son giunto in tempo!qual celata serpe,
strisciando mi fra i dumi e fra le spine
io li prevenni e guadagnai la via.
Grazie al fato ne rendo. Il torvo sguardo
dello spagnolo, ed il parlar sommesso
son le prove di un turpe tradimento!
Ma più di tutto un presentir arcano
or mi tormenta. Vanne, esso mi grida,
più non frappor dimora,
vola in soccorso della tua signora!
Vanto io pur superba cuna
sempre bella fra i perigli,
se figliol della fortuna
mi chiamar del sole i figli,
se mio padre le sue frecce
nel morire mi lasciò.
Ma ti vidi, o vergin bella,
ed obliai per fin la gloria,
per chiamarti la mia stella;
bastò un guardo... una memoria,
e il leon della foresta
il tuo schiavo diventò!...
Ma alcun s'appressa!... oh istante!...
or celarmi degg'io fra quelle piante.

(trasalendo guarda nell'interno e poi esclama)

Venga pure il traditore
che imperterrito qui sto!...

(si nasconde dietro il tronco d'albero)

(Gonzales, Ruy-Bento e Alonso entrano guardinghi e s'inoltrano nella grotta. Pery è nascosto)

GONZALES Ecco la grotta del convegno.

ALONSO Ebbene?

(*A Gruta do Selvagem. À direita, uma ampla gruta que ocupa metade do palco; à esquerda, um denso bosque; próximo à gruta há um grande tronco de árvore atingido por um raio. É noite. Peri, sozinho, vem do fundo se esgueirando pela mata cerrada.*)

PERI Cheguei a tempo! Como uma serpente dissimulada,
me esgueirando em meio às moitas e aos espinhos,
eu os precedi pelo caminho.
Agradeço ao destino. O olhar sombrio
do espanhol e seus sussurros
são as provas de uma vergonhosa traição!
Mas, mais do que tudo, um pressentimento misterioso
me atormenta. Vá, ele grita,
não demore mais,
voe em socorro de sua senhora!
Também eu me orgulho de um berço soberbo
sempre belo em meio aos perigos,
Filho da Fortuna me
chamam os filhos do Sol.
Meu pai, ao morrer,
deixou-me suas flechas.
Mas eu a vi, ó bela virgem,
e me esqueci da glória
para chamá-la de minha estrela.
Bastou um olhar... uma lembrança,
e o leão da floresta
tornou-se seu escravo!...
Mas alguém vem vindo!... Que instante!...
Agora devo me esconder entre aquelas plantas.

(*movendo-se bruscamente, olha para dentro e depois exclama*)

E que venha o traidor,
pois eu, destemido, aqui estou!...

(*esconde-se atrás do tronco de árvore*)

(*Gonzales, Ruy Bento e Alonso entram cautelosamente e entram na gruta. Peri está escondido*)

GONZALES Eis a gruta do encontro.

ALONSO E então?

GONZALES Oggi d'estrema aita ho d'uopo.

RUY Parla...

GONZALES Udiste mai d'una miniera, ricca
di puro argento, che si offriva un giorno
da Dias Roberto al re Filippo?...

ALONSO Udimmo.

RUY Ma nella tomba ei trasse il suo mistero.

GONZALES No, quel mistero è noto a me...

RUY, ALONSO Fia vero?

GONZALES E se il destin sorride
ai miei desiri... se destar saprete
nei venturier l'universal rivolta...
farvi ricchi poss'io...

ALONSO Di noi disponi:
per essi tutti io giuro.

RUY, ALONSO La rivolta è in tua man: vivi sicuro.

(avviandosi)

GONZALES *(trattenendoli)*
V'è un patto ancor: per la gentil Cecilia
ardo d'immenso amore,
e vuò rapirla al padre,
al fidanzato, a tutti...
secondarmi giurate?...

RUY, ALONSO Noi lo giuriamo.

PERY *(dal nascondiglio)*
Traditori!

GONZALES Cielo!

(*afferrando la carabina escono
con veemenza dalla grotta*)

Fummo scoperti!

GONZALES Hoje preciso de uma ajuda extrema.

RUY Fale...

GONZALES Vocês ouviram falar de uma rica mina de prata pura
que um dia foi oferecida
por Dias Roberto ao Rei Felipe?...

ALONSO Ouvimos.

RUY Mas ele levou seu mistério para a sepultura.

GONZALES Não, eu conheço aquele mistério...

RUY, ALONSO É verdade?

GONZALES E se o destino sorrir
aos meus desejos... se vocês souberem despertar
nos aventureiros uma total revolta...
eu posso torná-los ricos...

ALONSO Disponha da gente.
Juro por todos eles.

RUY, ALONSO A revolta está em suas mãos, esteja seguro.

(*saindo*)

GONZALES (*detendo-os*)
Há ainda um acordo: eu ardo de imenso amor
pela gentil Cecilia
e quero raptá-la do pai,
do noivo, de todos...
Vocês juram me ajudar?

RUY, ALONSO Nós juramos.

PERI (*do esconderijo*)
Traidores!

GONZALES Céus!

(*agarrando a carabina, saem da gruta
com veemência*)

Fomos descobertos!

RUY, ALONSO Laggiù forse...

GONZALES Alcuno ci spiava...
s'insegua, e mano al ferro!

(Ruy e Alonso s'internano nel bosco e fuggono)

GONZALES Chi mai?...

PERY *(uscendo dal nascondiglio)*
Son io, che tutto intesi.

GONZALES Tu?...

(trae il pugnale, ma Pery gli si slancia addosso, gli afferra il braccio, gli toglie il pugnale e lo fa cadere in ginocchio)

PERY Serpe vil, che al tradimento
hai sì ben l'alma indurita,
va', t'invola sul momento,
risparmiar ti vo' la vita:
ma giurar mi pria tu devi
questi luoghi abbandonar,
e la vita che ricevi
con l'inganno non pagar.

GONZALES Ah! che mai, che mai pretendi!...
crudo troppo è tal desìo!...
Io partire!... e non comprendi
la mia pena, il dolor mio?...

PERY *(interrompendolo)*
No, la vita, o il giuramento
ch'io ti chiesi... scegli

GONZALES Ah! no!...

PERY Proferisci un solo accento
e perdono o morte io do.

GONZALES *(Fra sè)*
Giurar debbo, ma la fede
a costui non serberò;
la promessa ch'ei mi chiede
col pugnale infrangerò.

RUY, ALONSO Lá longe talvez...

GONZALES Alguém estava nos espiando...
Vamos segui-lo, e mão na espada!

(*Ruy e Alonso entram no bosque e fogem*)

GONZALES Quem será?...

PERI (*saindo do esconderijo*)
Sou eu, que ouvi tudo.

GONZALES Você?

(*puxa o punhal, mas Peri salta sobre ele,
agarra-lhe o braço, arranca-lhe o punhal e o força
a ajoelhar-se*)

PERI Serpente vil, que tem a alma
bem endurecida para a traição!
Vá, foge imediatamente,
quero poupar-lhe a vida;
mas, primeiro, você deve me jurar
que vai abandonar estes lugares,
e que não pagará com enganos
a vida que está recebendo.

GONZALES Ah! O que você pretende!
Este desejo é muito cruel!
Eu, partir! E você não compreende
a minha pena, a minha dor?...

PERI (*interrompendo-o*)
Não! Ou a vida, ou o juramento
que te pedi... escolha.

GONZALES Ah! Não!...

PERI Diga uma só palavra
e eu lhe darei o perdão ou a morte.

GONZALES (*para si mesmo*)
Eu devo jurar, mas
não manterei a palavra;
romperei com o punhal
a promessa que ele me pede.

Alla man dell'empio fato
sol per poco io cederò,
più potente e inaspettato
sovra lui piombar saprò.

PERY *(Fra sè)*
Se t'insidia un traditore;
mia diletta, non tremar;
su te veglia un difensore,
che ogni rischio sa sfidar

(Forte)

Ti decidi alfin; paventa
del furor che m'infiammò...

GONZALES Partirò: la mia parola
sacro pegno io te ne do.

PERY Pago io sono; ma rammenta...

GONZALES Non temer, giurato io l'ho!...

PERY Parti, iniquo, va', t'invola...

(lo spinge fino al fondo, e quando è uscito esclama:)
Grazie, o ciel, salvata io l'ho!...

(esce rapidamente)

(La caserma degli avventurieri. Camera di rozzo aspetto, armi appese, giacigli, *tavole e rozze panche, anfore di vino e bicchieri. Ruy e Alonso entrano circondati d'Avventurieri)*

ALONSO Udiste?

CORO Udimmo. E all'ardua
scoperta di miniere,
chi fora... parla, svelalo,
il nostro condottiere?...

ALONSO Gonzales...

CORO Desso!...

Cederei apenas um pouco
ao destino cruel,
e depois, mais potente e inesperado,
saberei cair sobre ele.

PERI (*para si mesmo*)
Se um traidor a ameaça,
não trema, minha querida.
Por você, vela um defensor,
que desafia qualquer risco.

(*forte*)

Enfim, decida-se: tema
o furor que me inflama...

GONZALES Partirei:
minha palavra é sagrada promessa.

PERI Estou satisfeito; mas lembre-se...

GONZALES Não tema, eu jurei!

PERI Parta, malvado, vá, desapareça...

(*empurra-o até o fundo e, quando sai, exclama:*)
Agradeço aos céus, eu a salvei!...

(*sai rapidamente*)

(*O alojamento dos aventureiros. Sala de aspecto rústico. Armas penduradas, catres, mesas e bancos rústicos, ânforas de vinho e copos. Ruy e Alonso entram rodeados por aventureiros.*)

ALONSO Vocês ouviram?

CORO Ouvimos. E no duro trabalho
de descobrir a mina,
quem seria... diga, revele-nos,
o nosso líder?

ALONSO Gonzales...

CORO Ele!...

ALONSO Impavido
disagi affronta e morte.

CORO E noi per dio imperterriti
dividerem sua sorte.

ALONSO Dunque la mano e l'opera
concordi a lui donate?

CORO È vano più ripetere;
su tutti noi contate.

RUY Compagni, vedrem sorgere.
forse l'età dell'oro.

CORO Un'alba così fulgida
festeggeremo in coro.

(radunandosi)

TUTTI L'oro è un ente sì giocondo
che fa bello tutto il mondo,
sempre nuovo, sempre antico,
esso è il primo nostro amico
quando in tasca meco resta
non pavento la tempesta,
ma se fugge un giorno solo,
vien la noia, vien il duolo.
Io per me scommetterei
che si stima anche laggiù;
io non so... ma in fin direi
che si spende ancor lassù.
I proverbi van dicendo,
vanno attorno diffondendo,
che il tesoro più sincero
è per noi l'amico vero;
io per me del paragone
non divido l'opinione,
ed ho fisso nel cervello
che val più di questo quello.
Io per me scommetterei
che si stima anche laggiù;
io non so... ma in fin direi
che si spende ancor lassù.

ALONSO Sem medo
ele afronta adversidades e a morte.

CORO E nós, por Deus, valentes
dividiremos com ele sua sorte.

ALONSO Concordam então
em pôr mãos à obra?

CORO Não é preciso repetir mais;
contem com todos nós.

RUY Companheiros, talvez vejamos surgir
a idade do ouro!

CORO Um amanhecer tão fúlgido
festejaremos em coro.

(*juntando-se*)

TODOS O ouro é um ser tão alegre
que faz o mundo inteiro ficar belo,
sempre novo, sempre antigo,
é o nosso primeiro amigo.
Quando permanece no meu bolso
não temo a tempestade,
mas se ele foge só por um dia,
vem o tédio, vem a dor.
Eu, por mim, apostaria
que o estimam até lá embaixo;
Eu não sei..., mas enfim diria
que se gasta também lá em cima.
Dizem os provérbios,
vão difundindo por aí,
que o tesouro mais sincero
é, para nós, um amigo verdadeiro.
Eu não compartilho da opinião
dessa comparação.
E tenho, fixo no cérebro,
que este vale mais que aquele.
Eu, por mim, apostaria
que o estimam até lá embaixo;
Eu não sei..., mas enfim diria
que se gasta também lá em cima.

GONZALES *(comparisce in mezzo agli avventurieri co' la massima disinvoltura)*
Ebbene, miei fidi, quai novelle?

RUY, ALONSO, CORO Tutti siamo giurati a te.

ALONSO (*a parte a Gonzales)*
Ma l'incompreso
grido della foresta?

GONZALES *(dissimulando)*
Eh via! fu sogno d' accesa fantasia.
Ma orsù, conviene dar mano all'opra,
e pria che spunti il sole,
compier si dée l'impresa.
È d'uopo intanto don Antonio ingannar,
e con astuzia far credere dobbiam
che questa notte è notte di tripudio.

TUTTI Oh! ben tu pensi.

GONZALES Olà dunque, miei bravi!
Versate il Porto, e colmisi il bicchiere
infino all'orlo, perché lieto intanto
del venturiere la canzone io canto.

(*gli versano da bere e lo circondano*)

Senza tetto, senza cuna,
vita abbiamo nel gioir;
lieta o avversa la fortuna
non c'importa di morir.

TUTTI Chi ne impera sola ed una
è la donna del sospir.

GONZALES Sì nel duol che nel diletto
non si teme il rio destin,
è la mira del moschetto
che ci guida nel cammin.

TUTTI Sovra il capo maledetto
non imbianca il nostro crin.

GONZALES Noi girovaghi del mondo
percorremmo ogni sentier,

GONZALES (*aparece em meio aos aventureiros com a máxima desenvoltura*)
E aí, meus fiéis, quais são as novidades?

RUY, ALONSO, CORO Todos juramos acompanhá-lo.

ALONSO (*à parte, para Gonzalez*)
E o grito não
identificado na floresta?

GONZALES (*dissimulando*)
Esqueça! Foi um sonho de intensa fantasia.
Mas vamos, convém pôr mãos à obra,
e, antes que desponte o Sol,
devemos completar a tarefa.
É preciso, nesse meio-tempo, enganar Don Antonio
e com astúcia devemos fazê-lo acreditar
que esta noite é noite de comemoração.

TODOS Oh! Pensou bem!

GONZALES Olá, portanto, meus bravos!
Sirvam o vinho do Porto e que os copos se
encham até a borda, porque enquanto isso
eu, alegre, vou cantar a canção do aventureiro.

(*servem-lhe a bebida e o circundam*)

Sem teto, sem berço,
nossa vida é desfrutar;
feliz ou adversa seja a fortuna
não nos importamos em morrer.

TODOS A única que nos comanda
é a mulher que suspira.

GONZALES Seja na dor ou na alegria
não se teme o destino adverso.
É a mira do mosquete
que nos guia no caminho.

TODOS Em nossas cabeças malditas
a cabeleira não embranquece.

GONZALES Vagando pelo mundo
percorremos todos os caminhos,

ché geografo profondo
nella vita è il venturier.
(suona mezzanotte)

Or zitti all'opra
non un sospir,
perfin lo sguardo
ci può tradir,
quando il segnale
l'arme darà,

(mostra una pistola)

accorra ognuno
non un sospir,
perfin lo sguardo
ci può tradir.

TUTTI Tutti verremo, non paventar,
pronta è la destra come l'acciar.

(Tutti si ritirano in silenzio)

(La camera di Cecilia. Alcova a destra con letto; gran finestrone aperto; tavolino con lampada; altro mobile presso la finestra, su cui una chitarra spagnola; porta chiusa nel fondo; un raggio di luna inonda la stanza e si riflette sull'alcova. Cecilia, sola, dirigendosi alla finestra)

CECILIA Oh! come è bello il ciel!...
Par che natura nell'ora del silenzio,
Arcanamente penetri dentro l'alma,
e favelli d'amor con mesta calma!

(guardando la chitarra)

Ed allora perché le tue canzoni,
istrumento gentil, più non commetti
all'aure innamorate?... or via, risorgi
dal polveroso oblio,
e fa' che amore, la natura e dio
t'inspirino un lamento,
che, gemendo, risponda al mio tormento!

(prende la chitarra, e dopo brevi arpeggi canta la seguente)

pois, na vida, o aventureiro
é um profundo geógrafo.
(*soa a meia-noite*)

Agora, vamos silenciosos ao trabalho
nem mesmo um suspiro,
até o olhar nos
pode trair.
Quando as armas
derem o sinal,

(*mostra uma pistola*)

venham todos correndo
nem mesmo um suspiro,
até o olhar nos
pode trair.

TODOS Viremos todos, não tema,
a mão, como a espada, está pronta.

(*todos se retiram em silêncio*)

(*Os aposentos de Cecilia. À direita, dormitório com cama; um grande janelão aberto; mesinha com lâmpada; outro móvel perto da janela, sobre o qual uma guitarra espanhola; porta fechada no fundo; um raio de Lua inunda o quarto e se reflete no dormitório. Cecilia, só, dirigindo-se à janela.*)

CECILIA Oh, como o céu está bonito!...
Parece que a natureza, na hora do silêncio,
misteriosamente penetra dentro d'alma
e fala de amor com triste calma!

(*olhando para a guitarra*)

E então, instrumento gentil, por que
não mais oferece suas canções
às brisas enamoradas? Vamos, ressurja
do empoeirado esquecimento,
e faça com que o amor, a natureza e Deus lhe
inspirem um lamento,
que, gemendo, responde ao meu tormento!

(*apanha a guitarra e, depois de breves arpejos, canta o seguinte*)

C'era una volta un principe
mesto, pensoso e bello,
che era d'ognuno il palpito,
la gloria del castello...
Ma non voleva amar!
Forte, leal, sensibile,
parea qual fido amante;
avea negli occhi il fascino
e nel gentil sembiante...
Pur non voleva amar!
Ma un dì fanciulla povera
a lui passò d'appresso,
rimase muto, estatico...
e più non fu lo stesso...
Egli dovette amar!
Oh! Invan tentiam resistere
al palpito divino,
ché sull'eterne pagine
è scritto nel destino:
tutti dobbiamo amar!

(depone la chitarra)

Ma di riposo ho d'uopo;
e tu ne' sogni miei
riedi, o Pery: l'angelo mio tu sei!

(si ritira lentamente)

Oh! invan tentiam resistere
al palpito divino,
che sull'eterne pagine
è scritto nel destino:
tutti dobbiamo amar!

(entra nell'alcova)

*(Dopo lungo silenzio scorgesi Gonzales
che valica la finestra ed entra con precauzione)*

GONZALES Tutto è silenzio!... L'eco ha ripetuto
morendo il suon dell'ultime sue note.
Ma perché tremo?
è questo il gran momento
compendiator della mia vita!...
In breve il destin di me decider deve!...

Era uma vez um príncipe
triste, pensativo e belo,
pelo qual todos palpitavam,
a glória do castelo...
Mas não queria amar!
Forte, leal, sensível,
parecia um amante fiel;
trazia nos olhos um fascínio
como no gentil semblante...
E, no entanto, não queria amar!
Mas um dia uma donzela pobre
passou perto dele,
que ficou mudo, estático
e não foi mais o mesmo...
Ele tinha de amar!
Oh, em vão tentamos resistir
à divina palpitação
que está escrita
nas eternas páginas do destino:
todos devemos amar!

(*larga a guitarra*)

Mas preciso repousar:
e você, em meus sonhos,
retorne, ó Peri: você é o meu anjo!

(*retira-se lentamente*)

Oh, em vão tentamos resistir
à divina palpitação
que está escrita
nas eternas páginas do destino:
todos devemos amar!

(*entra no dormitório*)

(*Depois de um longo silêncio, distingue-se Gonzales, que pula a janela e entra com precaução*)

GONZALES Tudo é silêncio!... O eco repetiu, morrendo,
o som de suas últimas notas.
Mas por que estou tremendo?
É este o grande momento
que resume a minha vida!...
Em breve o destino deve decidir sobre mim!...

(*prende il lume e solleva la cortina dell'alcova,*
in cui vedesi Cecilia immersa nel sonno)

Ve', quanto è bella!... or provo,
al mirarla, una gioia interminata!
Ed io sento che, amato da costei,
purificarmi ancor forse potrei...
Ma che dico? follie... vane illusioni!...
Ogni senso d'amor nel petto ascoso
devere starsi muto.
Gonzales all'infamia è ormai venduto!...

(s'appressa a Cecilia e fa per afferrarla, ma questa si risveglia di soprassalto e balza in piedi gettando un grido)

CECILIA Ciel!... chi s'appressa!...

GONZALES Non temer, fanciulla,
qual ara sacra mi sarai.

CECILIA Ma come venisti in queste soglie
nel cuore della notte?

GONZALES Amor possente mi condusse.

CECILIA Che dici? Troppo impura
t'uscì dal labbro orribile parola.

GONZALES Amore il labbro non profana...

CECILIA Iniquo!

GONZALES Ascolta...

CECILIA Va', t'invola;
ogni tua voce suona a me funesta.
Vanne, insensato!

(va per chiamare)

GONZALES Per pietà, t'arresta!

(supplice)

Donna, tu forse l'unica
eri che il mio destino

(*pega uma lâmpada e levanta a cortina do dormitório, no qual se vê Cecilia imersa no sono*)

Como é bela!... Provo,
ao olhar para ela, uma alegria interminável!
E sinto que, amado por ela,
poderia talvez ainda me purificar...
Mas que estou dizendo? Loucura... Ilusão vã!...
Qual sentimento amoroso escondido no peito
deve permanecer mudo.
Gonzales, neste ponto, vendeu-se à infâmia!

(*aproxima-se de Cecilia e vai agarrá-la, mas ela acorda sobressaltada e pula, em pé, gritando*)

CECILIA Céus!... Que está aí!

GONZALES Não tema, donzela,
você é para mim como um altar sacro.

CECILIA Mas como você veio até aqui
no coração da noite?

GONZALES Foi o amor poderoso que me trouxe.

CECILIA O que está dizendo? A horrível palavra
saiu muito impura de seus lábios.

GONZALES O amor não profana os lábios...

CECILIA Iníquo!

GONZALES Ouça-me...

CECILIA Vá, desapareça;
qualquer das suas palavras me soa funesta.
Vá, insensato!

(*prepara-se para chamar*)

GONZALES Por piedade, pare!

(*suplicante*)

Mulher, você talvez seja a única
que meu destino,

coll'amor tuo divino
potevi a me cangiar.
Oh, cedi! e se di sangue
questa mia man gronda,
sol tu puoi farla monda,
le macchie cancellar!

CECILIA *(con indignazione)*
E tu chi sei che ardisci,
audace avventuriero,
raccolto nel mistero
a me d'amor parlar?...
Oh! vanne, fuggi, involati,
io di spregiarti ho il dritto,
se pensi col delitto
la fede mia macchiar!...

(va verso la porta)

GONZALES Pietà, Cecilia!... ascoltami,
per te divampo...

CECILIA (*chiamando)*
Aita!

GONZALES Silenzio!...
o posso perderti, o donna!...

CECILIA No, la vita
potrai rapirmi, o barbaro,
l'onor giammai!... olà!

GONZALES Incauta!... e chi resistere
al mio voler potrà?
L'insano orgoglio tuo
fatale a te sarà!

CECILIA *(cadendo in ginocchio)*
Eterno iddio difendimi
da sì nefando amor.

GONZALES Non più!... l'impongo!... seguimi...

(*per afferrarla*)

CECILIA Invano!

com seu amor divino,
poderia me mudar.
Oh, ceda! E se desta mão
o sangue escorre,
só você pode limpá-la,
apagar as manchas!

CECILIA (*com indignação*)
E você, que é
um audaz aventureiro
imerso no mistério,
ousa falar-me de amor?
Oh! Vá, fuja, desapareça,
tenho o direito de desprezá-lo
se você pensa com delitos
macular a minha fé!...

(*vai em direção à porta*)

GONZALES Piedade, Cecilia!... Ouça-me,
você me incendeia...

CECILIA (*chamando*)
Ajuda!

GONZALES Silêncio!...
Ou posso causar a sua perdição, ó mulher!...

CECILIA Não, você pode tirar-me
a vida, ó bárbaro,
mas a honra jamais!... Olá!

GONZALES Incauta!... E quem poderá
resistir à minha vontade?
Meu orgulho insano
será fatal para você!

CECILIA (*ajoelhando-se*)
Eterno Deus, defende-me
de um tão nefando amor.

GONZALES Não mais!... Eu ordeno!... Siga-me...

(*está por agarrá-la*)

CECILIA Em vão!

(mentre Gonzales alza la destra per afferrarla, una freccia entra dalla finestra, e ferisce Gonzales alla mano)

GONZALES (*gettando un grido*)
Oh rio dolor!...
sono ferito!

(va alla finestra e scarica la pistola; grido d'allarmi interno)

CECILIA Oh giubilo!

(*guardando la freccia*)

La freccia di Pery.

GONZALES *(con intenzione)*
Ma non gioire, altri angeli
qui veglian su' tuo idì.

ALVARO *(accorrendo nel mezzo)*
Quali grida!... qual colpo!...

CECILIA *(slanciandosi nelle sue braccia)*
Io sono salva!

ALVARO *(snudando la spada)*
Tu qui, Gonzales!

(Gli Avventurieri entrano co' la spada alla mano preceduti da Ruy e Alonso)

GONZALES Miei fedeli!... sia
costei strappata alle sue braccia.

ALVARO *(proteggendo Cecilia col suo corpo)*
Indietro!...

ANTONIO *(slanciandosi nel mezzo)*
Indietro tutti! oppur la vostra spada
piantar dovrete nel mio sen!

(pausa, poi agli avventurieri)

Ma come?

(Pery apparisce alla finestra)

(*enquanto Gonzales ergue a mão direita para segurá-la, uma flecha entra pela janela e fere a mão de Gonzales*)

GONZALES (*dando um grito*)
Oh, que dor!...
Estou ferido!

(*vai até a janela e descarrega a pistola; gritos de alarme interno*)

CECILIA Que júbilo!

(*olhando a flecha*)

A flecha de Peri!

GONZALES (*com intenção*)
Mas não se alegre, outros anjos
estão velando aqui por você.

ALVARO (*entra correndo*)
Que gritos!... Um tiro!...

CECILIA (*atirando-se nos braços dele*)
Estou salva!

ALVARO (*desembainhando a espada*)
Você aqui, Gonzales!

(*os aventureiros entram de espada na mão, precedidos por Ruy e Alonso*)

GONZALES Meus fiéis!... Que
ela seja arrancada dos braços dele.

ALVARO (*protegendo Cecilia com o próprio corpo*)
Para trás!...

ANTONIO (*pulando no meio*)
Todos para trás! Ou então devem plantar
suas espadas em meu peito!

(*pausa, e depois aos aventureiros*)

Mas como?

(*Peri aparece na janela*)

ANTONIO In queste soglie? chi vi trasse? e quale
ragion possente?... su, parlate, il voglio!
Or qui fra voi un traditor si cela!

PERY *(nel mezzo)*
Se no 'l ravvisi... io te 'l dirò.

TUTTI (*meno glia vventurieri e Gonzales*)
Lo svela.

PERY Vedi quel volto livido
di rabbia e di terrore?...
ei china gli occhi... miralo,
è desso il traditore...
Un giorno amico ed ospite
la fede ti giurava,
poi la rivolta, il barbaro,
e l'onta seminava.
Tentò per sin tua figlia
col palpito aborrito...
ed io lo volli uccidere,
lo volli... e fu ferito!
Guardate tutti!... il sangue
gli stilla dalla mano.

(afferrandolo)

GONZALES *(confuso)*
Tu menti!...

TUTTI È ver!

PERY Nasconderlo a me tu cerchi invano!

ANTONIO Dio che intesi!... nel mio tetto
tale sfregio... tale insulto!
ma restar non puote inulto,
sangue e pianto costerà...
È dal cielo maledetto
chi tradisce l'amistà!

GONZALES *(Fra sè)*
L'indomato e cieco affetto
in me sorge più gigante;
il mio sdegno in tale istante
più ritegno ormai non ha.

ANTONIO Nestes recintos? Quem os trouxe? E qual
a razão potente?... Vamos, falem, eu quero!
Ou aqui entre vocês se esconde um traidor!

PERI (*no meio*)
Se o senhor não o reconhece... eu lhe direi!

TODOS (*menos os aventureiros e Gonzales*)
Revele!

PERI Vê aquele rosto lívido
de raiva e de terror?...
Ele abaixa os olhos... Olhe para ele,
é esse o traidor...
Aquele que um dia, amigo e hóspede, lhe jurou
sua fé,
e depois o bárbaro semeou a revolta
e a vergonha.
Tentou se aproveitar de sua filha
de forma horrível...
e eu quis matá-lo,
eu quis... e foi ferido!
Olhem todos! O sangue lhe
pinga da mão.

(*agarrando-o*)

GONZALES (*confuso*)
Você está mentindo!...

TODOS É verdade!

PERI Você procura esconder em vão!

ANTONIO Deus, o que estou ouvindo!... sob o meu teto
uma tal ofensa... um tal insulto!
Mas não pode ficar impune,
custará sangue e pranto...
É amaldiçoado pelo céu
quem atraiçoa a amizade!

GONZALES (*para si mesmo*)
O desejo indomável e cego
cresce em mim mais gigantesco;
o meu ódio neste instante
não tem mais freios.

Se il mio nome è maledetto
più tremendo diverrà.

CECILIA *(Fra sè)*
Ah! Perché, perché nel petto
freme l'anima agitata,
se un prodigio m'ha salvata
dalla tanta sua viltà?
È dal cielo maledetto
chi tradisce l'amistà!

PERY *(Fra sè)*
L'ira atroce che ho nel petto
fèa convulsa la mia mano;
ma non sempre sull'insano
la mia freccia fallirà...
ché da tutti è maledetto
chi tradisce l'amistà!

ALVARO *(Fra sè)*
L'ira ultrice ed il dispetto
fa di me truce governo;
s'ei cadesse nell'inferno,
l'odio mio lo colpirà...
È dal cielo maledetto
chi tradisce l'amistà!

RUY, ALONSO, CORO *(a Gonzales)*
Non temer, fin che protetto
sei dal forte avventuriero,
anche il tuo nemico altero
la cervice piegherà.
E fia scudo al maledetto
de' suoi fidi l'amistà!

CORO *(a don Antonio)*
Portoghese, nel tuo tetto
seminar l'infamia e l'onta;
ma de' tuoi la spada è pronta
che i ribaldi punirà.
È dal cielo maledetto
chi tradisce l'amistà!

(Odesi un suono interno improvviso e fragoroso d'istrumenti selvaggi. Tutti rimangono interdetti ed atterriti)

Se meu nome é maldito,
mais medonho se tornará.

CECILIA (*para si mesma*)
Ah! Por que freme em meu peito
a alma agitada,
se um prodígio me salvou
de tamanha vileza?
É amaldiçoado pelo céu
quem atraiçoa a amizade!

PERI (*para si mesmo*)
A ira atroz que tenho no peito
fez tremer a minnha mão;
mas nem sempre minha flecha
deixará de atingir o insano!
É amaldiçoado por todos
quem atraiçoa a amizade!

ALVARO (*para si mesmo*)
A ira vingativa e o desprezo
fazem com que eu mal me controle;
mesmo que ele caia no inferno,
meu ódio o atingirá...
É amaldiçoado pelo céu
quem atraiçoa a amizade!

RUY, ALONSO, CORO (*a Gonzales*)
Não tema! Enquanto você for protegido
pelo forte aventureiro,
mesmo o seu orgulhoso inimigo
baixará a cabeça.
Será escudo do amaldiçoado
a amizade de seus fiéis!

CORO (*a Don Antonio*)
Português, em sua casa
semearam infâmia e vergonha,
mas a espada dos seus está pronta
para punir os canalhas.
É amaldiçoado pelo céu
quem atraiçoa a amizade!

(*Ouve-se, internanente, um som inesperado e fragoroso de instrumentos selvagens. Todos ficam desorientados e aterrorizados*)

TUTTI Chi s'appressa? qual fragor!...

PEDRO (*entrando ansante, a don Antonio*)
L'indian fa siepe al tuo castello intorno.
Della donzella uccisa,
chiede col sangue vendicar lo scorno.

TUTTI In qual momento!

(movimento di terrore fra gli avventurieri)

GONZALES *(a tutti)*
E a che temer costoro,
se qui sono fra voi? diam tregua all'ire;
formino gli odii tutti un odio solo,
e sicuri sarem che l'empia guerra
ricaccerem sotterra!

TUTTI All'armi!... all'armi!... all'armi!...

GONZALES (*a parte agli avventurieri*)
Quandol'indian fia vinto, allor la nostra
impresa compiremo; io sol sospendo
e non rinunzio all'alto mio progetto.

ANTONIO Il nemico comun strugger dobbiamo;
voi lo giurate?...

TUTTI Sì, tutti il giuriamo.
Vile indiano, trema, trema!
Per te venne l'ora estrema!
Il tuo dardo senza punta
nella polvere striscerà.
Dell'eccidio l'ora è giunta,
guai chi sente la pietà!

DONNE All'ardita impresa assunta
fido ognuno resterà;
salve, o prodi, l'ora è giunta,
la vittoria in man vi sta!

(*Tutti si slanciano alla difesa*
del castello brandendo le armi)

TODOS Quem se aproxima? Que barulho!...

PEDRO (*entrando ofegante, a Don Antonio*)
Os indígenas estão cercando o castelo.
Querem, com sangue,
vingar a donzela morta.

TODOS Em que momento!

(*movimento de terror entre os aventureiros*)

GONZALES (*a todos*)
E por que temê-los
se eu estou aqui entre vocês? Vamos dar uma trégua à ira,
que os ódios formem um ódio único,
e estaremos seguros que soterraremos
esta impiedosa guerra!

TODOS Às armas!... Às armas!... Às armas!...

GONZALES (*à parte, para os aventureiros*)
Quando os indígenas forem vencidos, então terminaremos
nosso trabalho; eu só interrompo, mas não renuncio
ao meu grande projeto.

ANTONIO Devemos destruir o inimigo comum;
vocês juram?...

TODOS Sim, todos juramos.
Indígena vil, trema, trema!
A hora extrema chegou para você!
Seu dardo sem ponta se
arrastará na poeira.
Chegou a hora do extermínio,
pobre de quem sente piedade!

MULHERES À ousada empresa
todos permanecerão fiéis.
Salve, ó bravos, chegou a hora,
a vitória está em suas mãos!

(*todos se lançam à defesa*
do castelo brandindo as armas)



ATTO TERZO

TERCEIRO

ATO

CANTO GUARANI **Sepé Tiaraju pave'i re ojejuka yvypo rovai nhande rekoa'i rupi ojejuka rire rei aema yvypo rovai nhande rayu'i aguã jakuaa'i Sepé Tiaraju nhandereko mobo'e, nhandereko mobo'e**
Yva tegui nhandere oma'ẽ maramo nhande mbaraete nhandepy'a guaxu Sepé Tiaraju nhande re oma'ẽ,nhande re oma'ẽ
Sepé Tiaraju nhande mbyte rupi oiko ramo pave'i jajoguerovy'a jajoguerovy'a!!

(Il campo degli Aimorè, sul limitare di una foresta,ed a poca distanza dal castello, che si scorge nel fondo.Il campo ha l'aspetto animato; si riparano i guasti del giorno innanzi. Alcune Donne medicano i Feriti, fanno cotone, spremono frutti e versano da bere nel «coco» ai Guerrieri della tribù. Questi preparano ed aguzzano frecce, e provano i loro archi. A destra una specie di tenda del Cacico, composta di foglie di palma. Da alcune pietre presso la tenda sorge un fumo aromatico. I Fanciulli corrono da un lato all'altro, e prestano aiuto alle Donne. A sinistra presso un grand'albero sta Cecilia prigioniera; essa è velata, ed in doloroso atteggiamento. Alcuni Aimorè la custodiscono)

CORO D'AIMORÈ (I) Aspra, crudel, terribile
fu l'implacabil guerra.

CORO (II) Coperta di cadaveri
rosseggia ancor la terra.

CORO (I) Nell'aure ancor echeggiano
i nostri maracà.
Di questi dardi al sibilo
il sol s'oscurirà.

(le inubie e i maracà sono strumenti bellici in uso fra selvaggi, fatti generalmente col femore di qualche nemico vinto in battaglia; molti di essi hanno la forma semplicissima di un ramo d'albero qualunque)

CANTO GUARANI **Sepé Tiaraju lutou até a morte por todos nós**
Lutou até o suspiro contra os braços para nos defender.
Por isso nunca desistimos de lutar pelos nossos direitos, porque Sepé Tiaraju nos ensinou a lutar!!
Nos ensinou a lutar!
Ele está no céu, mas sempre nos guia, nos dá força e coragem nós temos a bravura e o espírito do Sepé Tiaraju em nossos corações
Nós temos a mesma bravura e o espírito do Sepé Tiaraju em nossos corações.
Sepé Tiaraju sempre está espiritualmente junto conosco, por isso nos alegramos!
Por isso nos alegramos.

(*O acampamento dos Aimoré, à beira da floresta e a pouca distância do castelo, que se nota ao fundo. O acampamento tem um aspecto animado; consertam-se os danos do dia anterior. Algumas mulheres medicam os feridos, fazem ataduras, espremem frutas e dão de beber dentro do cocos aos guerreiros da tribo. Estes preparam e afiam flechas, e experimentam seus arcos. À direita, uma espécie de tenda do Cacique, feita de folhas de palmeira. De algumas pedras próximas à tenda se eleva uma fumaça aromática. Os meninos correm de um lado para outro e ajudam as mulheres. À esquerda, próximo a uma grande árvore, está Cecilia, prisioneira; usando um véu, e em dolorosa atitude. Alguns Aimoré a vigiam.*)

CORO DOS AIMORÉ (I) Dura, cruel, terrível,
a guerra foi implacável.

CORO (II) Coberta de cadáveres,
a terra ainda se tinge de vermelho.

CORO (I) Pelos ares, ainda ecoam
os nossos maracás.
O Sol se escurecerá ao sibilo
destes dardos.

(*As inúbias e os maracás são instrumentos bélicos usados entre os selvagens, feitos geralmente com o fêmur de qualquer inimigo vencido em batalha; muitos deles têm a forma muito simples de um qualquer ramo de árvore.*)

CORO (I Y II) *(adunandosi)*
Ma per l'empio portoghese
più speranza omai non v'è:
tremi, tremi quel che offese
la tribù degli Aimorè.
Di costui cadrà atterrato,
sterminato
ogni servo ed ogni sgherro,
fuoco e ferro!...
Ferro e fuoco, lo giuriamo,
quelle torri struggerà;
fino il vino che mesciamo
diman sangue diverrà.
Di colui cadrà atterrato,
sterminato
ogni asilo ed ogni loco,
ferro e fuoco!...

(*Si ode un suono rauco e rimbombante. Tutti ammutoliscono e si ritirano da un lato, lasciando in umile atteggiamento il passo dinanzi la tenda. Il Cacico della tribù si presenta sulla soglia della sua tenda. Ha il corpo coperto di due pelli di tapiro, che gli servono di manto. Un gran "cocar" di penne rosse gli cinge il capo; tiene una grossa clava che consegna tosto ad un vecchio Aimorè, e gli pende dal fianco una specie di buccina, formata da un femore umano. Il suo aspetto è maestoso e feroce ad un tempo*)

CACICO *(dall'alto della sua tenda)*
Canto di guerra alla mia tenda intorno
e canto di vittoria,
che del nemico fiaccherà la boria!
Degli Aimorè nel campo
fulmine è l'odio, ed è vendetta un lampo.

(avanzandosi)

Dov'è la prigioniera,
la figlia dell'odiato portoghese?

CORO Vedila, è dessa!

CECILIA *(Fra sé)*
Qual momento!

CORO (I E II) (*reunindo-se*)
Mas para o iníquo português
não mais há esperança:
que estremeça, estremeça
quem ofendeu a tribo Aimoré.
Cada um de seus combatentes
cairá, prostrado,
exterminado,
fogo e ferro!...
Ferro e fogo, juramos,
destruirão aquelas torres;
até o vinho que servimos
amanhã se transformará em sangue.
Cairão prostrados,
exterminados
todos os seus refúgios e todos os seus lugares,
ferro e fogo!...

(*Ouve-se um som rouco e retumbante. Todos emudecem e se afastam para o lado, deixando, em atitude humilde, livre a passagem em frente à tenda. O Cacique da tribo se apresenta na entrada da tenda. Tem o corpo coberto por duas peles de tapir que lhe servem de manto. Um grande cocar de penas vermelhas lhe cinge a cabeça. Segura uma pesada clava, que entrega a um velho Aimoré, e lhe pende da cintura uma espécie de buzina feita de um fêmur humano. Seu aspecto é majestoso e feroz ao mesmo tempo.*)

CACIQUE (*do alto de sua tenda*)
Canto de guerra em torno de minha tenda,
e canto de vitória
que enfraquecerá a arrogância do inimigo!
No campo dos Aimoré
o ódio é um raio, e a vingança um relâmpago.

(*avançando*)

Onde está a prisioneira,
a filha do odiado português?

CORO Veja, é ela!

CECILIA (*para si mesma*)
Que momento!

CACICO *(sollevando il velo)*
Cielo!...che veggo io mai...
e quale prodigio di bellezza
la natura in lei trasfuse!...

CORO Ma la donna altera
stirpe è dei bianchi; cader deve!

(si avventano verso Cecilia alzando le clave)

CACICO *(frapponendosi con violenza)*
Indietro...
Guai a chi osasse sollevar la mano!...
strapparla al braccio mio,
non lo vorrebbe... no 'l saprebbe il dio!
(con dolcezza a Cecilia)

Giovinetta, nello sguardo
hai un ciel d'amore accolto;
nel tuo bianco e mesto volto
non traspare che virtù.
Che se a caso amica sorte
or ti trasse a me vicina,
schiava no, bensì regina
tu sarai della tribù.

CECILIA *(Fra sè)*
Oh! il pietoso sentimento
che in costui si generò,
di mio padre è un pio lamento
ch'entro il cor gli penetrò.

*(Un drappello d'Aimorè conducono Pery prigioniero.
Uno di essi tiene nelle mani le armi di Pery, meno l'arco
che tiene appeso dietro le spalle)*

CACICO Qual rumore!

CORO S'appressa un prigioniero.

CACICO Un indiano!

CECILIA *(Fra sè)*
Pery!

PERY *(scorgendo Cecilia, fra sè)*
È salva... oh gioia!

CACIQUE (*erguendo o véu*)
Céus!... Que visão!
E qual prodígio de beleza lhe
deu a natureza!...

CORO Mas a mulher orgulhosa
é da estirpe dos brancos: deve tombar!

(*avançam na direção de Cecilia erguendo as claves*)

CACIQUE (*opondo-se com violência*)
Para trás...
Azar de quem ousar erguer a mão!...
Nem nosso deus iria querer,
não saberia fazê-lo!
(*com doçura, para Cecilia*)

Jovenzinha, em seu olhar
você acolhe um céu de amor;
no seu rosto, branco e triste,
transparece apenas virtude.
Já que por acaso o destino amigo
trouxe-a para perto de mim,
você não será escrava, mas
rainha da tribo.

CECILIA (*para si mesma*)
Oh! o sentimento piedoso
que nele nasceu
é o lamento pio de meu pai,
que penetrou em seu coração.

(*Uma tropa Aimoré conduz Peri prisioneiro.
Um deles tem nas mãos as armas de Peri,
menos o arco, que leva pendurado nas costas.*)

CACIQUE Que rumor!

CORO Aproxima-se um prisioneiro.

CACIQUE Um indígena!

CECILIA (*para si mesma*)
Peri!

PERI (*percebendo Cecilia, diz para si mesmo*)
Está salva... Oh, que alegria!

CACICO Non m'inganno! costui mi sembra
il fido del l'odiato portoghese
o prodi,chi di voi ebbe il merto
di vincere la tigre del deserto?

CORO Niuno l'ebbe... ria fortuna
solo il trasse prigioniero,
ché l'impavido guerriero,
come un demone pugnò.
Ma lor quando la sua freccia,
come turbine di guerra
sibilava... ei cadde a terra;
fu il destin che lo domò.

CECILIA *(Fra sè)*
Generoso!

CACICO *(a Pery)*
Or bene, insano,
qual pensier, funesto arcano
verso noi ti sospingea?

PERY *(cupamente)*
Un'eterna unica idea!

CACICO La rivela, e ancor salvarti
potrai forse, o guarany!...

PERY Venni qui per trucidarti
ma la sorte mi tradì!

CACICO, **CORO** Sciagurato, e tu non sai
ch'or tu sfidi il punto estremo!

PERY Non mi cale!

CACICO E tu morrai.

PERY *(fieramente)*
Su, colpite... non vi temo.

(*gli Aimorè fanno per scagliarsi
su di lui, ma il Cacico si frappone*)

CACICO No, fermate!... consumato
non è pure il sacro rito;

CACIQUE Não me engano! Ele me parece
o amigo fiel do odiado português!
Ó bravos, quem entre vocês teve o mérito
de vencer o tigre do deserto?

CORO Nenhum de nós... sorte adversa
fez dele um prisioneiro,
já que o impávido guerreiro
lutou como um demônio.
Mas bem quando suas flechas
sibilavam qual torvelinho de guerra...
ele caiu por terra;
foi o destino que o derrotou.

CECILIA (*para si mesma*)
Generoso!

CACIQUE (*a Peri*)
Muito bem, insano,
que pensamento funesto, misterioso, o
trouxe até nós?

PERI (*sombrio*)
Uma eterna e única ideia!

CACIQUE Revele-a, e talvez você
ainda se salve, ó Guarani!...

PERI Vim aqui para matá-lo,
mas a sorte me traiu!

CACIQUE, CORO Desgraçado, e você não sabe
que seu desafio atingiu o ponto extremo!

PERI Não me arrependo!

CACIQUE E você morrerá!

PERI (*desafiadoramente*)
Vamos, pode me ferir... eu não o temo!

(*os Aimoré se preparam para lançar-se contra ele, mas o Cacique se interpõe*)

CACIQUE Não, parem!... O sacro rito
ainda não foi consumado;

pria che l'empio sia svenato
esser deve appien compito,
poscia l'uomo maledetto
sarà pasto del banchetto
agli anzian della tribù!

CECILIA Non lo dir... cessa... non più!

CACICO *(a Cecilia)*
Ma dimmi... qual mestizia,
o donna, sì ti accora,
se il bacio tuo può rendergli
fin bella l'ultim'ora?
Se voglio io stesso eleggerti
a sposa della morte,
onde il rigor gli temperi
della fatal sua sorte?

PERY M'irridi pur... ma intrepido
tu mi vedrai morir.

CACICO Il so; d'amor nell'estasi,
morte sarà gioir.

CORO Non più; l'indugio tronchisi,
con essa ei dée morir!

CECILIA Pietà di lui!... deh!... salvalo,
o mi vedrai perir!

CACICO Orsù, tosto preparisi
pe 'l grande sacrifizio;
e canti e ridde onorino
il nume a noi propizio...

(Cerimonia ballo. Pery è tratto presso l'albero e legato. Gli Indiani si dispongono intorno al campo. Nel fondo alcune Vecchie dipinte a liste nere e gialle preparano una gran bragia, lavano una pietra che deve servire di mensa, e un Indiano fa cenno a Pery che su quel palo fra poco sarà infitto il suo capo. Il Cacico sotto la sua tenda, appoggiato alla sua clava, fa un cenno alla più bella Indiana della tribù; questa china dolorosamente il capo; riceve da lui alcuni frutti, poi un vaso di vino che va ad offrire a Pery e che Pery ricusa. Riceve poscia una specie di spada d'osso, e gli offre anche questa, che

antes que o malvado seja morto,
o rito deve ser cumprido.
Depois, o homem maldito
será o alimento do banquete
dos anciãos da tribo!

CECILIA Não diga isso... pare... não mais!

CACIQUE (*para Cecilia*)
Mas me diga... porque, ó mulher, tal
tristeza a perturba,
se seu beijo pode fazer bela a
última hora dele?
Pois eu a escolhi como
a esposa da morte,
para que você alivie os rigores
da sua sorte fatal?

PERI Você zomba de mim... Mas me verá
morrer intrépido.

CACIQUE Eu sei; no êxtase do amor,
a morte será um deleite.

CORO Não mais; chega de atrasos,
ele deve morrer com ela!

CECILIA Tenha piedade dele... salve-o
ou me verá morrer!

CACIQUE Vamos, preparem-se
para o grande sacrifício,
e que cantos e danças honrem
a divindade que nos é propícia...

(*Cerimônia dançante; Peri é levado até a árvore e amarrado. Os indígenas se colocam ao redor do campo. No fundo, algumas velhas pintadas com listras negras e amarelas preparam uma grande fogueira, lavam uma pedra que deve servir como mesa e um indígena faz um sinal a Peri que, naquela estaca, dentro em pouco, terá espetada sua cabeça. O Cacique, em sua tenda, apoiado em sua clava, faz um sinal para a mais bela indígena da tribo; ela inclina dolorosamente a cabeça; recebe dele algumas frutas, depois um copo de vinho que vai oferecer a Peri, e que Peri recusa. Recebe, depois, uma espécie de*

Pery lascia tostocadere al suolo. In questo punto il Cacico conducendo Cecilia per la mano e seguìto dalle quattro Guardie, scende dal trono e facendo un mezzo circo sul proscenio s'avvia verso il fondo del campo. Le inubie e i maracàri suonano con un gran frastuono, e i Guerrieri Aimorès filano dinanzi a Pery, sfidandolo per ischerno con gesto selvaggio. Il Cacico è portato in trionfo dai suoi in una specie di lettiga di forma assai bizzarra)

CORO Di timor sul volto altero
non un'ombra comparì:
lode eterna al pro' guerriero,
baldo onor del guarany.

CECILIA *(Fra sè)*
S'avvi un ente sì esecrato
delle colpe protettor,
maledico i numi, il fato
d'ogni mostro assai peggio

PERY *(Fra sè)*
Morirò... ma invendicato
il mio nome non sarà,
il mio sangue avvelenato
mille morti costerà!

CACICO *(dall'alto della sua tenda)*
Cessar le esequie. Tu, gentil reina...

(scendendo e avvicinandosi a Cecilia)

qual è tra noi costume,
concedi la suprema ora felice
d'un posseduto amor!

(con ironia)

Un tuo bacio e un amplesso
infondano al suo cor gioia sì viva
che morir gli sia grato
nella dolcezza di sapersi amato.

(agli altri)

Or si ritragga ognuno...

espada feita de osso, que Peri deixa cair imediatamente no chão. Neste ponto, o Cacique, conduzindo Ceclia pela mão e seguido por quatro guardas, desce do trono e, fazendo meia-volta sobre o palco, se dirige para o fundo do campo. As inúbias e os maracás soam com grande rumor e os guerreiros Aimoré desfilam diante de Peri, desafiando-o com gestos selvagens por escárnio. O Cacique é carregado em triunfo pelos seus em uma espécie de liteira bizarra.)

CORO Sobre seu rosto altivo
não se vê nenhuma sombra de medo:
louvor eterno ao bravo guerreiro,
honra ousada dos Guarani.

CECILIA (*para si mesma*)
Se existe um ser tão execrado
que protege os culpados,
eu amaldiçoo os deuses, o destino que
é pior que o de qualquer monstro.

PERI (*para si mesmo*)
Morrerei... mas meu nome não ficará
sem vingança,
meu sangue envenenado
causará mil mortes!

CACIQUE (*do alto de sua tenda*)
Cessaram as exéquias. Você, rainha gentil...

(*descendo e se aproximando de Cecilia*)

como é costume entre nós,
conceda-lhe a suprema hora feliz
de um possuído amor!

(*com ironia*)

Que um beijo seu e um amplexo
infundam em seu coração uma alegria tão viva
que lhe seja grato morrer
na doçura de saber-se amado.

(*aos outros*)

Que todos se retirem...

(a Pery e Cecilia)

E mentre il passo estremo omai s'appresta,
veglieremo su voi dalla foresta.

(dietro un cenno del Cacico tutti si ritraggono, meno Cecilia e Pery)

CECILIA *(slanciandosi a lui)*
Ebben, che fu del caro padre?

PERY Desso è già salvo, ti calma.

CECILIA Oh! gioia!... cento grazie ti rendo...
ed or fuggi, se il puoi.
PERY Giammai! il fato mio
qui m'incatena; rimaner degg'io!

CECILIA Deh! non sprezzar sì altiero
la sorte che t'aspetta;
l'atroce lor vendetta
si sfreneria su te...

PERY I giorni miei non curo;
che importa il viver mio?
Né uomini, né dio
saranno inciampo a me!
Figlio quale son io
della foresta... non pavento il fato!

CECILIA Ma tu vaneggi!

PERY Se ti sembro insano
a' miei disegni t'oppor resti in vano.

CECILIA Se m'ami, deh! sì fiero
non favellarmi, o mio fedel, te n' prego,
ché se il destin severo
mi negasse salvarti in tal momento,
di duolo morirei, in cor lo sento!

(pausa)

PERY Perché di meste lagrime
vai tu bagnando il ciglio?
Vicino a te bell'angelo,

(*a Peri e Cecilia*)

E, enquanto o passo extremo se aproxima,
velaremos por vocês lá da floresta.

(*a um sinal do Cacique, saem todos,*
menos Cecilia e Peri)

CECILIA (*correndo para ele*)
E então, o que aconteceu com meu querido pai?

PERI Ele já está a salvo, acalme-se.

CECILIA Oh, alegria!... cem vezes obrigado...
E agora fuja, se puder.

PERI Jamais! Meu destino me
prende aqui; devo ficar!

CECILIA Não despreze por orgulho
a sorte que o espera;
a atroz vingança deles
se precipitará sobre você...

PERI Não ligo para os meus dias.
Que importa o meu viver?
Nem homens nem deuses
serão um obstáculo para mim!
Filho como eu sou
da floresta... não temo o destino!

CECILIA Mas você está divagando!

PERI Mesmo que eu lhe pareça insano,
é vão opor-se aos meus planos.

CECILIA Se você me ama, então não fale comigo
de forma tão terrível, meu fiel, eu lhe peço,
se o destino severo me nega
salvá-lo em tal momento,
morrerei de dor, sinto em meu coração!

(*pausa*)

PERI Por que você banha os cílios
com tristes lágrimas?
Perto de você, anjo belo,

non so temer periglio:
sul fato mio non piangere,
deh! frena i tuoi sospir;
lasciami, o dio, deh lasciami
al fianco tuo morir!

CECILIA Che dici?... Ah! Non ripetere
questa fatal parola!
Salvar ti vo'; quest'ultima
speranza mi consola;
col sangue mio dei barbari
si placherà il furor;
io resto qui, tu involati,
t'affido il genitor.

PERY *(cupo)*
Con la mia morte io salvo
il genitore e te.

CECILIA Strano mistero è questo,
deh! lo palesa a me!...

PERY Ma non anco comprendesti
qual de' tuoi saria lo scempio?

CECILIA Ciel!... che parli!... che dicesti?

PERY Che a me solo qui s'aspetta
di punire e strugger l'empio.

CECILIA Oh! Pery, non proseguire,
deh! ti serba all'amor mio.

PERY Taci...

CECILIA Io t'amo!...

PERY Ah! no, non dirlo;
giunse l'ora di morir!

CORO *(interno)*
Morte!... morte!... il traditore
dal Cacico fu dannato,
sia trafitto, sia sbranato
dagli anzian della tribù.

não temo nenhum perigo.
Não chore pelo meu destino,
detenha seus suspiros.
Deixa-me, ó Deus, deixa-me
morrer ao seu lado!

CECILIA Que disse?... Ah! Não repita
essas palavras fatais!
Quero salvá-lo; esta última
esperança me consola;
meu sangue aplacará
o furor dos bárbaros;
eu permaneço aqui, você se vai rapidamente,
confio meu pai a você.

PERI (*sombrio*)
Com minha morte, salvarei
seu pai e você.

CECILIA Este é um estranho mistério,
revele-o a mim!...

PERI Mas você ainda não compreendeu
que isso seria o massacre de todos os seus?

CECILIA Céus! O que foi que você disse?

PERI Que compete somente a mim
punir e destruir os malvados.

CECILIA Ó Peri, não prossiga.
Guarde-se para o meu amor.

PERI Cale-se...

CECILIA Eu amo você!...

PERI Ah, não diga isso,
chegou a hora de morrer!

CORO (*interno*)
Morte!... morte!... O traidor
foi condenado pelo Cacique.
Seja atingido, esquartejado
pelos anciãos da tribo.

CECILIA Oh, le tigri! sei perduto,
più salvarti non potrò!
Che mai festi?

PERY Qui temuto gli assassini attenderò!

(*trangugiando, non visto da Cecilia, un veleno rinchiuso in un grano di cocco, che tiene appeso al collo*)

Tutto è finito! oh, mio
dolce sogno d'amor!...
Franger mi sento il cor!
Cecilia, addio!

(esaltandosi)

Oh, mia capanna! Oh fertili
valli paterne, addio...
deh! raccogliete l'ultimo
sospir del labbro mio!
E poi che sento spegnersi
la vita dentro il cor.
L'arco temuto infrangesi
perfin del genitor.

(bacia ilsuo arco e lo spezza)

CECILIA *(Fra sè)*
Oh!ciel, pietà deh! prendati
di quel sì fido cor!

CORO *(interno)*
Sia trafitto, sia sbranato
dagli anzian della tribù.

CECILIA Oh! cielo, che vedi
quest'ora funesta,
l'orrenda tempesta
sol puoi diradar.
L'affanno che l'alma
già tutta m'assale
coll'ansia mortale
mi lacera il cor.

CECILIA Oh, os tigres! Você está perdido,
não posso mais salvá-lo!
Que foi que você fez?

PERI Aqui, temido, esperarei os assassinos!

(*engolindo rapidamente, sem que Cecilia veja, um veneno contido numa casca de coco que tem pendurada no pescoço*)

Tudo terminado! Ó meu
doce sonho de amor!...
Sinto que meu coração se despedaça!
Cecilia, adeus!

(*exaltado*)

Ó minha cabana! Ó férteis
vales paternos, adeus...
Recolham os últimos suspiros
dos meus lábios!
Já sinto que se apaga
a vida dentro do coração.
E que também se quebre o temido
arco de meu pai.

(*beija seu arco e o despedaça*)

CECILIA (*para si mesma*)
Ó céu, tenha piedade
daquele coração tão fiel!

CORO (*interno*)
Seja atingido, esquartejado
pelos anciãos da tribo.

CECILIA Ó céu, que contempla
este funesto momento,
só você pode amainar
a horrenda tempestade.
O sofrimento que me assalta
a alma inteira
com ânsia mortal
dilacera meu coração.

PERY Un nume m'ispira,
mi rende più forte,
ho in petto la morte,
ma non so tremar.
Di fronte la vedo,
la guardo, la sfido,
e tutto derido
col forte mio cor!

CACICO Fine all'ira... or si compia il sacro rito.

(il Coro fa atto di alzar le armi
su Pery, mail Cacico li trattiene)

Sol per mia mano ei dée restar colpito,
ma pria prostrati al suolo
il dio degli Aimorè tutti imploriamo,
e la vittima a lui pregando offriamo.

(tutti meno il Cacico, Cecilia e Pery,
s'inginocchiano. Levando al cielo le mani)

O dio degli Aimorè,
a noi ti volgi or tu;
tutta si prostra a te
la tua fedel tribù.

CORO O dio degli Aimorè,
a noi ti volgi or tu;
tutta si prostra a te
la tua fedel tribù.

CACICO Dal trono tuo discendi,
nume del ciel possente,
che pari al sol risplendi
sulla fedel tua gente.
Scendi e le piante scuotansi,
tremi commosso il suol,
l'onda s'arresti e il fulmine
rattenga a mezzo il vol.
Di questo breve amor,
il fuoco struggitor...

CORO Offriamo a te!...

PERI Um deus me inspira, me
torna mais forte,
trago a morte no peito,
mas não sei tremer.
Eu a vejo de frente, a
olho, a desafio
e zombo de tudo
com meu coração forte!

CACIQUE Que a ira termine... que se cumpra o sacro rito.

(*o coro ameaça erguer suas armas contra Peri,
mas o Cacique o detém*)

Apenas a minha mão deve golpeá-lo,
mas, antes, todos se prostrem,
imploremos todos ao deus dos Aimoré
e, rezando, ofereçamos a vítima a ele.

(*Todos, menos o Cacique, Cecilia e Peri, se ajoelham.
Erguem as mãos ao céu*)

Ó deus dos Aimoré,
olhe agora para nós;
a sua fiel tribo
prostra-se inteira diante de você.

CORO Ó deus dos Aimoré,
olhe agora para nós;
a sua fiel tribo
prostra-se inteira diante de você.

CACIQUE Desça do seu trono,
deus potente do céu
que resplende como o Sol
sobre seu povo fiel.
Desça enquanto as plantas se agitam
e o chão agitado treme,
a onda se detém e o raio
interrompe seu voo.
Deste breve amor
o fogo destruidor...

CORO Ofertamos a você!...

CACICO Il sangue del guerrier
caduto prigionier...

CORO Offriamo a te!...

CACICO L'estremo suo desir,
l'estremo suo sospir...

CORO Offriamo a te!...

CACICO, CORO *(alzandosi)*
O dio degli Aimorè,
il giusto tuo furor
placato sarà;
sull'ara sacra a te
il vile, il traditor
spento cadrà.

PERY *(fra sè)*
Il mio destin non temo
per lei, per lei sol fremo...
ma invano... ahimè!...

CECILIA *(fra sè)*
Gran dio del ciel, che adoro,
speme ed aita imploro
solo da te!

CORO Ei pera alfin...

PERY *(con disprezzo)*
Colpite...

(*si ode di dentro una scarica di vari colpi di fucile*)

CACICO Che fia?...

CORO Sorpresi siamo...

(si ritraggono tutti sulla sinistra
aggrappandosi dietro il Cacico)

CECILIA, PERY *(rifugiandosi dal lato destro)*
Oh! dolce speme!...

CORO *(con urlo selvaggio)*
All'armi!... all'armi!...

CACIQUE O sangue do guerreiro
que caiu prisioneiro...

CORO Ofertamos a você!...

CACIQUE Seu extremo desejo,
seu extremo suspiro...

CORO Ofertamos a você!...

CACIQUE, CORO (*erguendo-se*)
Ó deus dos Aimoré,
seu justo furor
será aplacado;
sobre o altar a você consagrado
o vil traidor
cairá morto.

PERI (*para si mesmo*)
Não temo meu destino
por ela, só por ela eu me agito...
mas em vão... ai de mim!...

CECILIA (*para si mesma*)
Grande Deus do céu, que adoro,
só a você imploro
esperança e ajuda!

CORO Que ele finalmente morra...

PERI (*com desprezo*)
Golpeiem...

(*ouve-se de dentro uma descarga de vários tiros de fuzil*)

CACIQUE Que se passa?...

CORO Fomos apanhados de surpresa...

(*recuam todos para a esquerda e
se reagrupam atrás do Cacique*)

CECILIA, PERI (*refugiando-se do lado direito*)
Oh, doce esperança!....

CORO (*com grito selvagem*)
Às armas!... às armas!...

(Don Antonio seguito da un drappello di Portoghesi apparisce in fondo sul praticabile; gli Aimorè fanno una scarica di frecce, i Portoghesi un'altra di fucili, il Cacico vacilla e cade sorretto dai suoi che lo conducono via)

CECILIA (*slanciandosi fra le braccia di don Antonio*)
Ah! padre!...
Salva per te son io!...

ANTONIO No: t'ha salvata iddio.

(i portoghesi parte inseguo nogl'indiani,
parte restano sulla scena)

(*Don Antonio, seguido por uma tropa de portugueses, aparece no fundo sobre o praticável; os Aimoré atacam com flechas, os portugueses com fuzis. O Cacique vacila e cai, carregado pelos seus, que o levam embora.*)

CECILIA (*atirando-se nos braços de Don Antonio*)
Ah! Pai!...
Fui salva por você!...

ANTONIO Não, foi Deus quem a salvou.

(*parte dos portugueses persegue os indígenas, parte fica no palco*)



ATTO

QUARTO

QUARTO

ATO

(I sotterranei del castello. Rischiarati da una face confitta in un pilastro. Una porta nel fondo con una scala, che conduce agli appartamenti. Una rozza porta a destra, che comunica con gli altri sotterranei. Una piccola porta a sinistra. Da un lato vari barili di polvere accatastati)

CORO Né torna ancora?...

ALONSO Attendere non vi sia grave;
ei solo salvar ci può dal barbaro
fato che a noi sovrasta.

CORO Purch'egli in tempo giunge repossa...

RUY Fia presto al volo
più che una freccia o un'aquila;
lo conoscete e basta.

ALONSO Dal vecchio idalgo intanto
nulla temer dobbiamo;
pochi a lui fidi restano,
e contro lor noi siamo.

CORO A morte ei ci dannava...

GONZALES *(presentandosi sulla porta di mezzo)*
Ed ei morir dovrà!

TUTTI Gonzales...

GONZALES Io che nunzio
vi son di libertà.

(volgendosi ad Alonso)

Quai nuove hai tu?...

ALONSO Trafitto Alvaro cadde...

GONZALES Il so...

ALONSO Nuovo tentar conflitto
l'idalgo omai non può.

GONZALES Sta ben; Cecilia?...

(*Os subterrâneos do castelo. Iluminados por uma tocha encaixada numa pilastra. Uma porta no fundo com uma escada, que se comunica com outros subterrâneos. Uma pequena porta à esquerda. De um lado, vários barris de pólvora amontoados.*)

CORO Ainda não voltou?...

ALONSO Esperar não é tão grave;
somente ele pode nos salvar
do bárbaro destino que nos ameaça.

CORO Desde que ele chegue a tempo...

RUY Ele está em condições de voar
mais que uma flecha ou uma águia;
vocês o conhecem e basta.

ALONSO Enquanto isso, nada devemos temer
do velho fidalgo;
restam a ele poucos homens fiéis
e nós somos contra eles.

CORO Ele nos condenou à morte...

GONZALES (*surgindo na porta do meio*)
E ele deve morrer!

TODOS Gonzales...

GONZALES Eu que sou o mensageiro
da liberdade de vocês.

(*dirigindo-se a Alonso*)

Que novidades você traz?

ALONSO Alvaro caiu ferido...

GONZALES Eu sei...

ALONSO Agora o fidalgo
não pode tentar um novo conflito.

GONZALES Está bem. E Cecilia?

ALONSO Incolume qui tratta fu...

GONZALES E Pery?

ALONSO Il tutelar suo demone
a morte lo rapì.

GONZALES Sì, ma per poco!... al piede mio
l'infame cader dovrà...

(volgendosi agli avventurieri che lo circondano)

M'udite or tutti; desto
dallo stupor d'un impensato assalto
sorge più fiero l'indiano e giura
in suo furor, pei numi suoi vendetta;
a voi tutti rapita ogni speranza
saria, se a patti col nemico or ora io venuto non fossi.

TUTTI E che mai vuole?

GONZALES Che le porte gli s'aprano,
e vivo o morto in suo poter sia tratto
il signor del castello...

TUTTI *(mormorando fra loro)*
Opra infame c'impone...

GONZALES E che?... Esitate?... Preferite or dunque

(con eloquente intenzione)

per l'idalgo morir, che,
se distrutto fosse il nemico,
i vostri capi alla scure dannerebbe?...

TUTTI *(dopo breve esitanza)*
Teco legati siamo in una sorte istessa:
imponi; obbediremo.

GONZALES Unica e sola io vuò salvar Cecilia;
all'amor mio
quella diletta conservar vogl'io.
In quest'ora suprema più forte
nel mio pettol'amor si ridesta;
i perigli disprezzo e la morte

ALONSO Foi trazida para cá ilesa...

GONZALES E Peri?

ALONSO Seu demônio tutelar o
protegeu da morte.

GONZALES Sim, mas por pouco!... O infame
deverá tombar a meus pés...

(*dirigindo-se aos aventureiros que o circundam*)

Agora, ouçam-me todos: despertando
do estupor causado por um assalto inesperado,
os indígenas se levantam ainda mais ferozes e juram,
por seus deuses, vingança;
e vocês já poderiam perder toda a esperança se eu
agora mesmo não tivesse feito um pacto com o inimigo.

TODOS E o que eles querem?

GONZALES Que as portas lhes sejam abertas
e lhes seja levado, vivo ou morto,
o senhor do castelo...

TODOS (*murmurando entre eles*)
Uma tarefa infame se faz necessária...

GONZALES Quê? Vocês hesitam? Preferem então

(*com eloquente intenção*)

morrer pelo fidalgo, que,
se conseguisse destruir o inimigo,
condenaria suas cabeças ao machado?

TODOS (*após uma breve hesitação*)
Estamos unidos a você por uma sorte comum:
imponha; obedeceremos.

GONZALES A única que quero salvar é Cecilia;
quero conservar aquela querida
para o meu amor.
Nesta hora suprema, o amor desperta
ainda mais forte em meu peito;
desprezo os perigos e a morte

per quel fiore gentil di beltà.
Se la sorte a me un giorno funesta
l'ha rapita all'ardente desìo,
né l'inferno, né il mondo, né dio
dal mio seno strapparla potrà.

RUY, ALONSO *(al coro)*
Ad armarci corriam, si ridesti il furor...
non ci freni pietà... non ci arresti il timor...

GONZALES Sull'iniquo Pery cada il colpo primier,
ch'io lo vegga al mio piè moribondo cader...
Sul tiranno oppressor che a morir ci dannò,
l'onta atroce a punir io con voi piomberò.

TUTTI Sì, l'idalgo oppressor da noi vinto cadrà,
e l'oltraggio crudel vendicato sarà.

GONZALES Io di coraggio darò l'esempio,
voi mi seguite...

TUTTI Noi tutti ti seguiamo...

GONZALES Morte all'idalgo

TUTTI Sì, morte all'empio...

(si avventano verso l'uscio di mezzo)

*(Don Antonio si presenta con
Pedro sulla porta a destra)*

ANTONIO No, traditori... la codarda trama
m'è nota, ed in mia man tutti vi tengo.

(a Pedro, che eseguisce)

Quest'uscio chiudi e qui mi lascia:
io solo basto a punir costoro.

PERY *(entrando per la porta di mezzo)*
Signor...

ANTONIO Pery!... scampato
dal veleno sei tu?...

por aquela flor gentil de beleza.
Se a sorte que um dia me foi funesta
roubou-a de meu ardente desejo,
nem o inferno, nem o mundo, nem Deus
arrancá-la poderá do meu peito.

RUY, ALONSO (*ao coro*)
Corramos a nos armar, que o furor desperte...
não nos detenha a piedade.... não nos pare o temor...

GONZALES Que o primeiro golpe caia sobre o iníquo Peri,
que eu o veja cair moribundo aos meus pés...
Com vocês, para punir a atroz vergonha, me atirarei
sobre o tirano opressor que nos condenou à morte.

TODOS Sim, o fidalgo opressor cairá, vencido por nós,
e o cruel ultraje será vingado.

GONZALES Eu darei o corajoso exemplo,
sigam-me vocês...

TODOS Nós todos o seguiremos...

GONZALES Morte ao fidalgo.

TODOS Sim, morte ao malvado...

(*dirigem-se à saída do meio*)

(*Don Antonio aparece com Pedro
pela porta da direita*)

ANTONIO Não, traidores... sei da trama covarde,
e tenho todos vocês na minha mão.

(*a Pedro, que executa*)

Feche esta saída e me deixe aqui:
basta apenas eu para puni-los.

PERI (*entrando pela porta do meio*)
Senhor...

ANTONIO Peri!... Você sobreviveu
ao veneno?...

PERY La mia signora di vivere m'impose
e volai nella selva e a prodigiose erbe,
la cui virtude è a me sol nota,
chiesi e ottenni la vita.

ANTONIO Fuggior dunque, se il puoi...

PERY Fuggir?

ANTONIO Fra poco fia distrutto il castello;
ai tuoi ritorna
e vivi, o amico, e si i felice;
a noi speranza altra non resta
che una morte onorata...

PERY E il braccio mio.

ANTONIO Che parli?...

PERY Uno di voi salvar poss'io...
Sul cupo torrente che cinge il castello
quest'uscio conduce.

ANTONIO Lo so; ma che intendi?

PERY Varcare l'abisso...

ANTONIO Tu invano il pretendi...

PERY Un nume m'ispira; varcar lo potrò.

ANTONIO Ma come?...

PERY Una trave gettare ho potuto
da questa alla sponda contraria...

ANTONIO E tu vuoi?

PERY Sul mobile ponte
con uno di voi fuggire...

ANTONIO Impossibile!...

PERY *(risoluto)*
Ad altri, a me no.

PERI Minha senhora impôs que eu vivesse.
Fui voando para a selva
e às prodigiosas ervas, cujas virtudes
somente eu conheço, pedi e obtive a vida.

ANTONIO Fuja então, se puder...

PERI Fugir?

ANTONIO Dentro em pouco, o castelo será destruído.
Retorne à sua gente
e viva, ó amigo, e seja feliz;
nenhuma esperança nos resta
a não ser uma morte honrada...

PERI E os meus braços.

ANTONIO Que você está dizendo?...

PERI Posso salvar um de vocês...
Esta saída conduz à escura
torrente que circunda o castelo.

ANTONIO Eu sei, mas o que você pretende?

PERI Atravessar o abismo...

ANTONIO É uma expectativa em vão...

PERI Um deus me inspira, poderei atravessar.

ANTONIO Mas como?...

PERI Consegui lançar um tronco
desta margem até a margem contrária...

ANTONIO E você quer?

PERI Fugir com um de vocês
pela ponte móvel...

ANTONIO Impossível!...

PERI (*resoluto*)
Para os outros, mas não para mim.

ANTONIO Va dunque... addio... fuggi.

PERY Signore...

ANTONIO Che chiedi?

PERY Un'ultima grazia...

ANTONIO Favella

PERY Concedi ch'io salvi Cecilia...

ANTONIO *(con subita gioia)*
Ah! cielo!...

PERY Per essa lo scampo ho cercato
non certo per me;
morrà se tal grazia mi neghi.

ANTONIO Concessa non fora dal padre
ad altri che a te...
Ma il ciel lo vieta; agl'idoli
culto tu presti e onore,
a un dio verace ed unico
è sacro il nostro core.

PERY Che intendo?... e tale ostacolo
sol si frappone?...
il dio, che da Cecilia adorasi,
adorerò pur io!...

ANTONIO Il ver favelli?...

PERY Gl'idoli dei Guarany rinnego;
alla tua fede iniziami,
prostrato al suol te n' prego.

(s'inginocchia)

ANTONIO *(levando gli occhi al cielo e quasi ispirato)*
Gran dio, che tutto regoli,
che tutto intendi e vedi,
la grazia tua benefica
a quest'eroe concedi.

(ponendo le mani sul capo di Pery)

ANTONIO Vá então... adeus... fuja!

PERI Senhor...

ANTONIO Que você quer?

PERI Uma última graça...

ANTONIO Fale!

PERI Permita que eu salve Cecilia...

ANTONIO (*com súbita alegria*)
Ah! Céus!...

PERI Foi por ela que procurei este meio de escapar,
não para mim;
se o senhor me negar essa graça ela morrerá.

ANTONIO Eu não confiaria em outra pessoa
que não fosse você...
Mas o céu o proíbe:
você cultua e honra os ídolos,
e o nosso coração
é consagrado ao Deus verdadeiro e único.

PERI Que ouço? Esse é o único obstáculo
que se interpõe entre nós?
Eu também adorarei
o Deus adorado por Cecilia!...

ANTONIO Você está dizendo a verdade?...

PERI Renego os ídolos dos Guarani.
Inicie-me na tua fé,
eu lhe imploro prostrado.

(*ajoelha-se*)

ANTONIO (*erguendo os olhos ao céu e quase inspirado*)
Grande Deus, que tudo comanda,
que tudo ouve e vê,
conceda sua graça benéfica
a este herói.

(*pondo as mãos na cabeça de Peri*)

Qui per santa triade
io cristian t'appello;
è questo il tuo battesimo,
o prode mio fratello.

(traendo la spada e presentando
a Pery l'elsa in forma di croce)

Su questa croce or giurami
serbarti fido ognor
al dio che in te rigenera
con la sua fede il cor.

PERY Su questa croce io giuro
serbarmi fido ognor
al dio che in me rigenera
con la sua fede il cor.

CANTO GUARANI **Nhande mbaraete´i katu**
Pavê´i jupivegua´i
Nhamonhendu´i katu
Mborai javy´a awã
Javy´a awã.

(si alza)

CECILIA *(accorrendo frettolosa e agitata)*
Padre...

ANTONIO Mia figlia...

CECILIA All'ultima ora siam giunti...

ANTONIO Iddio salva ti vuol...

CECILIA Fra gli angeli
sarò tra poco anch'io.
Degli Aimorè s'appressano
le turbe irate e rugge
del traditor la rabbia
che tutto avvampa e strugge.

ANTONIO No, m'odi,
un raggio splendere
vide Pery di fede;
degli avi nostri all'unico
nume ei si prostra e crede.

Aqui, pela Santíssima Trindade,
eu o chamo de cristão;
este é o seu batismo,
ó meu bravo irmão.

(*tirando a espada e apresentando a Peri a empunhadura em forma de cruz*)

Sobre esta cruz agora jure-me
manter-se sempre fiel
ao Deus que em você
regenera com sua fé o coração.

PERI Sobre esta cruz eu juro
manter-me sempre fiel
ao Deus que me regenera
com sua fé o coração.

CANTO GUARANI **Vamos, sim, nos fortalecer**
Todos juntos.
Vamos, sim, cantar nossos cantos
E sermos felizes.

(*levanta-se*)

CECILIA (*aproximando-se apressada e agitada*)
Pai...

ANTONIO Minha filha...

CECILIA Chegamos ao último momento...

ANTONIO Deus quer que você se salve...

CECILIA Dentro em pouco
eu também estarei entre os anjos.
A turba irada dos Aimoré se aproxima rugindo,
a raiva dos traidores
tudo incendeia e destrói.

ANTONIO Não, escute-me,
Peri viu resplandecer
um raio de fé;
diante do único Deus
dos nossos antepassados
ele se prostra e acredita.

CECILIA Fia vero?...

ANTONIO A lui, Cecilia, io ti confido.

CECILIA E vuoi?

ANTONIO Ch'ei ti conduca in braccio
ai miei congiunti e tuoi

CECILIA Che sento?... ed io dividermi
da te dovrei?... no, mai!...
con te giurai di vivere,
con te morir giurai.
Non è, non è possibile
che al fianco tuo mi tolga;
la stessa tomba accolga
la figlia e il genitor.

ANTONIO No, mia diletta; toglierti
voglio al supplizio estremo,
e poi sfidare impavido
il mio destin supremo.

(supplichevole)

Vivi e la mia memoria
conserva ognor nel petto,
del tuo filiale affetto
mai non si spenga il fior.

PERY Deh! Mia signora, arrenditi
al genitore, a dio;
vieni, mi segui, involati,
torna al tuo suol natio.
Schiavo fedele ed umile
ognor m'avrai, te 'l giuro;
rigenerato e puro
io ti consacro il cor.

GONZALES, CORO *(di dentro a destra più vicino)*
Sia dischiuso il varco alfine,
sia bandito ogni timor...

AIMORÈ *(di dentro dal fondo più vicino)*
Omai più non ha confine
di noi liberi il furor!

CECILIA É verdade?

ANTONIO A ele, Cecilia, eu confio você!

CECILIA E você quer?

ANTONIO Que ele a leve em seus braços
até os nossos parentes.

CECILIA Que estou ouvindo?... E eu devo me separar
do senhor?... Não, jamais!...
Jurei viver com o senhor,
com o senhor jurei morrer.
Não, não é possível
que o senhor me afaste do seu lado;
a mesma tumba acolha
a filha e o pai.

ANTONIO Não, minha querida; quero poupá-la
do suplício extremo,
e depois desafiar, impávido,
o meu destino supremo.

(*suplicante*)

Viva e conserve sempre no peito
a minha memória.
Que a flor do seu
afeto filial jamais morra.

PERI Minha senhora, renda-se
ao pai, a Deus;
venha, siga-me, esconda-se,
volte ao seu solo natal.
Serei sempre seu escravo fiel e humilde,
eu lhe juro.
Regenerado e puro,
eu lhe consagro o coração.

GONZALEZ, CORO (*de dentro, à direita, mais próximo*)
Seja finalmente aberta a passagem,
expulsemos qualquer temor...

AIMORÉ (*de dentro, do fundo, mais próximo*)
Já não mais há limites
para liberar nosso furor!

ANTONIO Eccol'ora del cimento!...

PERY *(con impeto d'ira)*
Né schiacciarli or può il mio piè...

ANTONIO *(a Cecilia)*
Fuggi... fuggi...

CECILIA *(abbracciando teneramente il padre)*
In tal momento non mi separo da te.

ANTONIO Pe 'l tuo dio, pe 'l nostro affetto
io te n' prego...

PERY *(a Cecilia)*
Vieni...

CECILIA *(come sopra)*
Ah! No.
Qui la morte io teco aspetto,
al tuo fianco io qui cadrò.

ANTONIO *(divincolandosi dalle braccia di*
Cecilia, dice a Pery in tono solenne)
Di strapparla dal mio seno io t'impongo...

PERY *(eseguisce)*
Andiam...

CECILIA Gran dio, tu m'assisti!...
in me vien meno ogni forza!...

(vacilla)

ANTONIO *(la bacia amorosamente, poi la depone*
fra le braccia di Pery, dicendogli)
Fuggi...

PERY Addio!...

(sostenendo Cecilia svenuta la
conduce verso l'uscio a sinistra)

GONZALES *(atterrando la porta a destra ed irrompendo sulla*
scena nel momento che Pery e Cecilia fuggono)
Ferma, olà...

ANTONIO Chegou a hora do desafio!...

PERI (*com ímpeto irado*)
E não posso esmagá-los com meus pés...

ANTONIO (*para Cecilia*)
Fuja... fuja...

CECILIA (*abraçando ternamente o pai*)
Num tal momento, eu não me separarei do senhor.

ANTONIO Pelo seu Deus, por nosso afeto
eu lhe imploro...

PERI (*para Cecilia*)
Venha...

CECILIA (*como acima*)
Ah! Não.
Esperarei a morte aqui consigo,
cairei aqui ao seu lado.

ANTONIO (*desvinculando-se dos braços de
Cecilia, diz a Peri em tom solene*)
Eu ordeno que você a arranque de meu peito...

PERI (*executa*)
Vamos...

CECILIA Grande Deus, ajude-me!...
Faltam-me as forças!...

(*vacila*)

ANTONIO (*a beija amorosamente, depois a
coloca entre os braços de Peri, dizendo-lhe*)
Fuja...

PERI Adeus!...

(*carregando Cecilia desmaiada,
ele a conduz em direção à saída, à esquerda*)

GONZALES (*derrubando a porta da direita e irrompendo em cena
no momento em que Peri e Cecilia fogem*)
Parem!

ANTONIO *(ponendosi avanti l'uscio a sinistra)*
No: è tardi!...
GONZALES Oh rabbia!...
Costui muoia...

ANTONIO *(avvicinandosi al pilastro, su cui è la face)*
Un sol di voi non uscirà di qui;
morrò, ma meco tutti morir dovete!

TUTTI Che!... come?...

ANTONIO Or lo vedrete.

(Stacca dal pilastro la fiaccola, l'avvicina ai barili di polvere, si ode un'orribile detonazione e la scena intera precipita)

(Si vede da lungi il campo degli Aimorè e sopra una collina Cecilia, che alla catastrofe del castello cade in ginocchio sorretta da Pery, che le addita il cielo)

ANTONIO (*colocando-se diante da saída à esquerda*)
Não! É tarde!...

GONZALES Que raiva!...
Você morrerá...

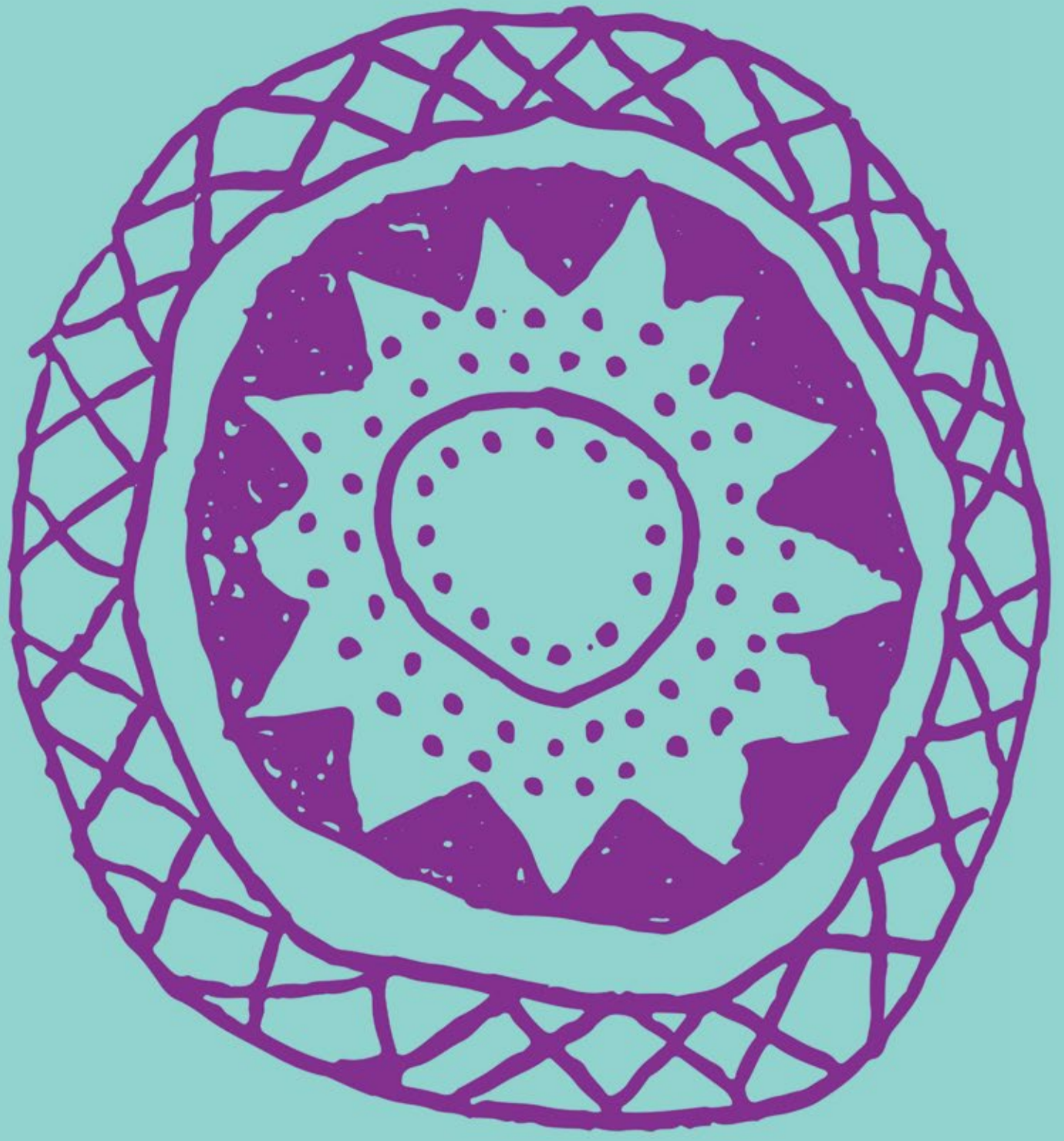
ANTONIO (*aproximando-se da pilastra na qual está a tocha*)
Nenhum de vocês sairá daqui;
morrerei, mas todos vocês morrerão comigo!

TODOS Como?...

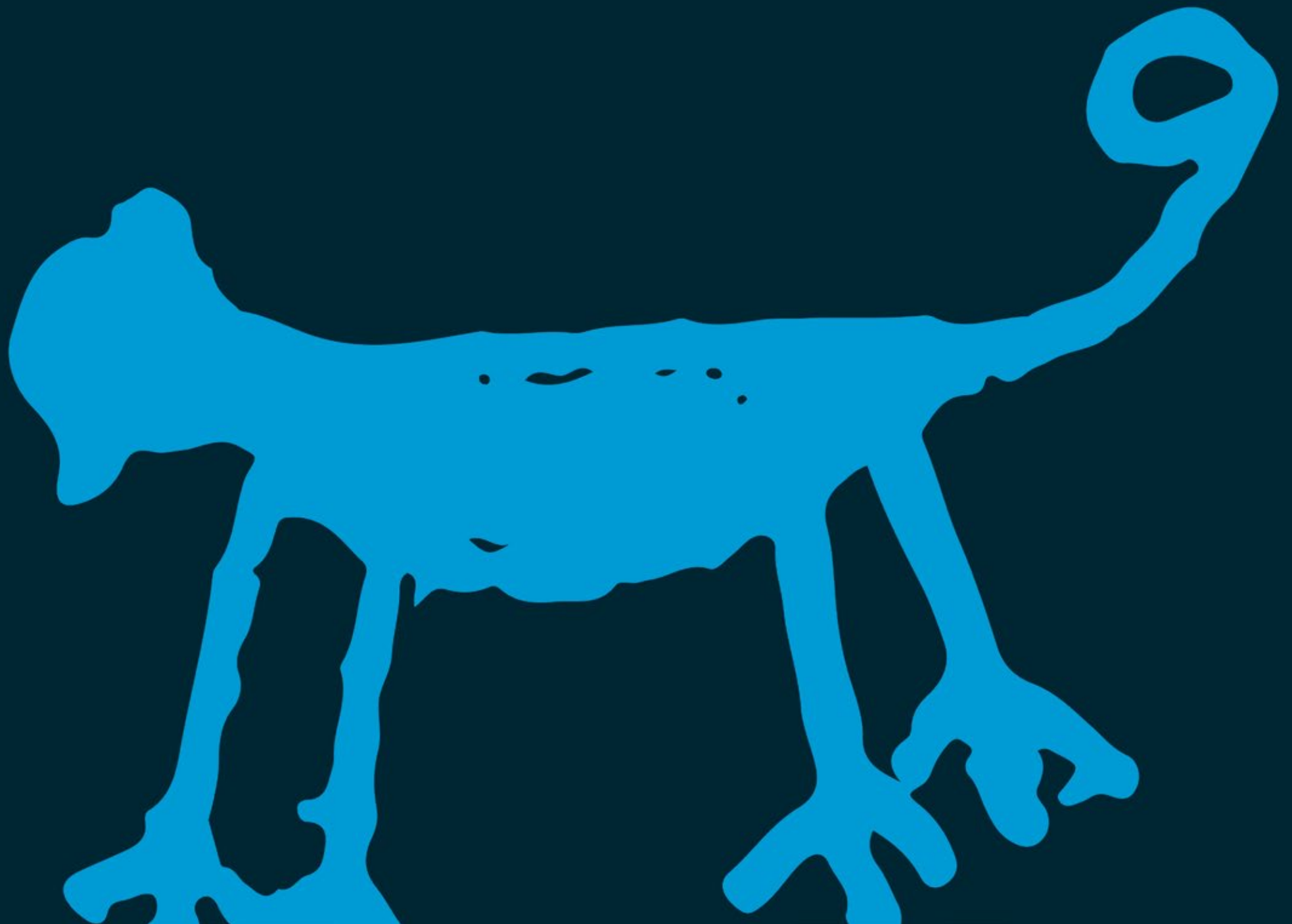
ANTONIO Vocês já verão!

(*Tira a tocha da pilastra, aproxima-a dos barris de pólvora, ouve-se uma horrível detonação e todo o cenário desaba.*)

(*Vê-se ao longe o acampamento dos Aimoré e, sobre uma colina, Cecilia, que, com a catástrofe do castelo, cai de joelhos amparada por Peri, que lhe aponta o céu.*)







CRÉDITOS

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

A história da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) se mistura com a da música orquestral em São Paulo, com participações memoráveis em eventos como a primeira Temporada Lírica Autônoma de São Paulo, com a soprano Bidu Sayão; a inauguração do Estádio do Pacaembu, em 1940; a reabertura do Theatro Municipal, em 1955, com a estreia da ópera *Pedro Malazarte*, regida pelo compositor Camargo Guarnieri, e a apresentação nos Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo. Estiveram à frente da orquestra os maestros Arturo de Angelis, Zacharias Autuori, Edoardo Guarnieri, Lion Kaniefsky, Souza Lima, Eleazar de Carvalho, Armando Belardi e John Neschling. Roberto Minczuk é o atual regente titular e Alessandro Sangiorgi o regente assistente da OSM.

CORO LÍRICO MUNICIPAL

Formado por cantores que se apresentam regularmente como solistas nos principais teatros do país, o Coro Lírico Municipal de São Paulo atua nas montagens de óperas das temporadas do Theatro Municipal, em concertos com a Orquestra Sinfônica Municipal, com o Balé da Cidade e em apresentações próprias. O Coro Lírico teve como primeiro diretor o maestro Fidélio Finzi, que preparou o grupo para a estreia em *Turandot*, em 13 de junho de 1939. Recebeu os prêmios APCA de Melhor Conjunto Coral de 1996 e o Carlos Gomes, em 1997, na categoria Ópera. O maestro Mário Zaccaro é o atual regente titular e Sergio Wernec é o regente assistente. Em 2019, o Coro Lírico celebrou 80 anos.

ANDREA CARUSO SATURNINO
Diretora Geral
do Complexo
Theatro Municipal



Andrea Caruso Saturnino é formada em letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em artes cênicas pela Sorbonne Nouvelle (Paris) e doutora em artes cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). É gestora, diretora geral do Complexo Theatro Municipal de São Paulo, curadora artística, fundadora da plataforma e do festival Brasil Cena Aberta e da produtora Performas, responsável por apresentar grandes nomes das artes cênicas internacionais no Brasil e por criar projetos expositivos e multidisciplinares. Desenvolve pesquisa no campo das artes cênicas contemporâneas, é autora de diversos artigos e do livro *Ligeiro Deslocamento do Real – Experiência, Dispositivo e Utopia em Cena*, Edições Sesc.

ROBERTO MINCZUK
Direção Musical
e Regência



Roberto Minczuk fez sua estreia como solista no Theatro Municipal de São Paulo quando tinha apenas 10 anos, como trompista. Aos 13 anos, foi escolhido por Isaac Karabtchevsky como primeira trompa da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) e, depois disso, mudou-se para Nova York e se formou na Juilliard School of Music. Como solista, fez sua estreia no Carnegie Hall aos 17 anos. Aos 20, tornou-se membro da Orquestra Gewandhaus de Leipzig, na Alemanha. Como maestro, fez sua estreia internacional à frente da Filarmônica de Nova York, na qual, mais tarde, foi regente associado. Desde então, já regeu mais de cem orquestras internacionais. Foi diretor artístico do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, diretor artístico adjunto da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), diretor artístico do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e maestro titular da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto, sendo o primeiro artista a receber o Prêmio ConcertArte, de Ribeirão Preto. Venceu o Grammy Latino e foi indicado ao Grammy Americano com o álbum *Jobim Sinfônico*. Hoje, é maestro titular da Orquestra Sinfônica Municipal, maestro emérito da Orquestra Sinfônica Brasileira, da qual foi regente titular de 2005 a 2015, e maestro emérito da Orquestra Filarmônica de Calgary, no Canadá. Em 2019, completou 25 anos de carreira.

AILTON KRENAK
concepção geral



Ativista indígena dos direitos humanos e autor de livros, textos e artigos publicados em coletâneas no Brasil e no exterior, Ailton nasceu no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, pertencente à etnia Krenak. Em 2020, recebeu da União Brasileira de Escritores o Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano. É coordenador interinstitucional da iniciativa Rede Digital de Monitoramento Ambiental da Rede Povos da Floresta. Atua como coordenador da Aliança dos Povos da Floresta ou Rede Povos da Floresta, movimento que reuniu povos indígenas e seringueiros, em especial Chico Mendes, em torno da proposta da criação das reservas extrativistas, visando à proteção da floresta e das populações que nela habitam.

CIBELE FORJAZ
direção cênica



Docente, pesquisadora e orientadora do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (ECA-USP). Diretora e iluminadora teatral, desde 1987. Em 40 anos de profissão, Cibele Forjaz participou de três coletivos de teatro: A Barca de Dioniso (1985-1991); Teatro Oficina Uzyna Uzona (1992-2002) e Cia.Livre, onde é diretora artística desde 1999. Trabalha na fronteira entre a antropologia e o teatro, com estudo e recriação de narrativas de povos ameríndios para as artes cênicas, desde 2006. Alguns espetáculos realizados sobre o tema: *Vem Vai – O Caminho dos Mortos,* recriação de narrativas dos povos Araweté, Jivaro, Kalapalo, Kaxinawá Marubo e Wayãpi; *Raptada pelo Raio* e *Cia.Livre Canta Kaná Kawã*, livres recriações do mito Kaná Kawã do povo Marubo; *Xapiri Xapiripë* e *Os Um e Os Outros*, livre recriação de *Os Horácios e os Curiácios*, de Bertolt Brecht, para a questão ameríndia (2019/2020). Em 2018, realizou o pós-doutorado A Morte e as Mortes do Rio Xingu, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da FFLCH-USP, quando fez uma travessia de um ano pelo Rio Xingu, da foz às cabeceiras, com estudo de campo entre os povos Araweté, Juruna, Kayapó Mebêngôkre, Kamayurá e Yudjá. Ganhou vários prêmios, entre eles, APCA 1989, 1998 e 2010, Mambembe 1996, Qualidade Brasil 2002 e 2015, Shell 2004 e 2007 e Prêmio Governador do Estado 2015.

MÁRIO ZACCARO
Regente Titular
do Coro Lírico



Mário Zaccaro estudou regência com Eleazar de Carvalho e Robert Shaw, e orquestração com Cyro Pereira e Luis Arruda Paes. Foi diretor artístico da Orquestra Jazz Sinfônica e regente assistente do maestro Isaac Karabtchevsky na Orquestra Sinfônica Municipal (OSM). De 1994 a 2013, foi regente do Coro Lírico Municipal de São Paulo, reassumindo a função em 2017. Procura sempre introduzir inovações nas técnicas de preparação musical do corpo artístico. Maestro, compositor, arranjador e pianista, Mário Zaccaro foi também professor de teoria, harmonia e percepção musical na Escola Municipal de Música.

SOLISTAS

ATALLA AYAN
Peri



Atalla Ayan, que iniciou seus estudos em sua terra natal, Belém do Pará, hoje espalha pelo mundo sua arte. O tenor paraense, aclamado por crítica e público, é um dos mais requisitados da sua geração. Dono de voz potente, alia ao seu grande carisma uma presença cênica das mais marcantes. É presença constante nas principais cenas líricas do mundo, aí incluídas a Royal Opera House, o Covent Garden, o Scala de Milão, a Deutsche Oper Berlin e o Metropolitan Opera House em papéis como o Alfredo de *La Traviata*, Rodolfo de *La Bohème*, Lenski de *Eugen Onegin* e o papel-título de *Faust*.

ENRIQUE BRAVO
Peri



Enrique Bravo é natural de Santiago do Chile e vive no Brasil desde 1978. Iniciou seus estudos musicais em São Paulo, no Conservatório de Música "Ars et Scientia" do Brasil, tendo como mestres Roberval Falleiros e Jacinta Karelinsky. Começou sua carreira interpretando papéis em óperas como Dom José, de *Carmen*, Tebaldo, de *I Capuleti* e *I Montecchi* (de V. Bellini), e Camille de Rossillon, da opereta *A Viúva Alegre (*de F. Lehár). Além de atuar como solista, Bravo é integrante do Coral do Teatro Amazonas. Recentemente interpretou o papel de Raul da ópera *Joanna de Flandres* (de Carlos Gomes), no Teatro Castro Mendes, com a Orquestra Sinfônica de Campinas, e foi solista convidado do Festival de Inverno de Campos do Jordão no concerto de gala da Orquestra Sinfônica do Theatro São Pedro de São Paulo.

DAVID VERA POPYGUA JU
Peri (ator)



Povo Guarani Mbya. Nascido na Terra Indígena do Jaraguá em São Paulo 1987. Ativista indígena, professor e ator. Professor de saberes tradicionais desde 2008, na Escola Estadual Djekupe Amba Arandy, na TI Jaraguá. No Território do Jaraguá existem oito tekoa aldeias. David foi cacique em duas tekoa, tekoa itakupe e tekoa ytu. Atualmente trabalha no fortalecimento espiritual e busca estar próximo aos líderes espirituais para fortalecimento espiritualmente próprio e poder passar sua cultura para os mais jovens da comunidade.

NADINE KOUTCHER
Ceci



Nadine Koutcher nasceu em Minsk (Belarus) e estudou no Conservatório de São Petersburgo com Tamara Novichenko, tendo conquistado o primeiro prêmio no International Vocal Competition's-Hertogenbosch na Holanda. Em 2012, ingressou na companhia da Perm State Opera. Seu repertório inclui Donna Anna (*Don Giovanni*), Konstanze (*The Abduction from the Seraglio*), Elvira (*I Puritani*), Marfa (*The Tsar's Bride*), Eudoxie (*La Juive*) e o papel principal em *Lucia di Lammermoor.* Ela também se apresentou em concerto nas *Paixões,* de Bach, na *Nona Sinfonia*, de Beethoven, e nos réquiens de Brahms e Fauré. Nadine ainda gravou um CD para a Sony Records com obras de Jean-Philippe Rameau, sob a regência de Teodor Currentzis. Além disso, cantou os papéis de Violetta (*La Traviata*) no Teatro Mikhailovsky, em São Petersburgo, e Doña Isabel na produção de Peter Sellars de *The Indian Queen*, no Teatro Real, em Madri, sob a direção de Teodor Currentzis. Suas outras apresentações incluem o *Réquiem* de Verdi com a Orquestra Sinfônica de Londres, Mathilde (*Guillaume Tell*) no Grand Théâtre de Genève e a Condessa (*As Bodas de Fígaro*) no Théâtre du Capitole em Toulouse, França. Em 2015, recebeu o primeiro prêmio no prestigiado Cardiff Singer of the World Competition.

DÉBORA FAUSTINO
Ceci



Débora Faustino recebeu o seu título de bacharel em música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011. No início de 2013, a soprano fez o seu début no Carnegie Hall, sob a direção do maestro Linus Lerner, como solista na peça *The Mass of Children*, de John Rutter. Em 2015, recebeu o título de mestra pelo San Francisco Conservatory of Music nos Estados Unidos. Em 2017, Débora passou a integrar o grupo do Opera Studio do Theatro Municipal de São Paulo, onde teve a oportunidade de ser doppione de Pamina em *Die Zauberflöte*. Em 2018, também no Theatro Municipal, cantou Modistin em *Der Rosenkavalier*, Maria em *João e Maria* e foi uma das principais solicitas da *Missa de Bernstein*. Em 2022, foi vencedora do Concurso Maria Callas 2023 no Concurso de Canto Zola Amaro para Cantoras Líricas em Porto Alegre.

ZAHY TENTEHAR
Ceci (atriz)



É uma artista multidisciplinar e vem entrelaçando diálogos inovadores entre suas múltiplas linguagens, questionando ao longo de suas criações o comportamento da humanidade e suas intervenções socioculturais na contemporaneidade. Nascida na reserva indígena Cana Brava, no Maranhão, a artista tem como primeira língua, originária do seu povo, o ze'eng eté (fala boa ou fala verdadeira).

RODRIGO ESTEVES
Gonzales



Rodrigo Esteves iniciou seus estudos no Rio de Janeiro com o tenor Alfredo Colósimo, transferindo-se depois para a Espanha, onde se aperfeiçoou com o barítono Antonio Blancas, em Madri. Interpretou óperas como *Macbeth, Don Carlo, Un Ballo in Maschera*, *La Traviata*, *Falstaff*, *Oberto*, *Conte di San Bonifacio*, *Il Trovatore, Otello*, *La Bohème, Tosca*, *Cavalleria Rusticana*, *Pagliacci*, *Salomé*, *Lucia di Lammermoor*, *L'Elisir d'Amore*, *La Favorita*, *Il Barbiere di Siviglia*, *Don Giovanni*, *Le Nozze di Figaro*, *Romeo et Juliette*, *Faust*, *Der Rosenkavalier* e *Carmen*. Participou de masterclasses com Raina Kabaivanska e Renato Bruson. Recentemente debutou na Arena de Verona cantando Scarpia, da ópera *Tosca*, no Teatro Carlo Felice, de Gênova, com *Falstaff* e *Traviata* e no Palau de les Arts, de Valência, com *Madame Butterfly*.

DAVID MARCONDES
Gonzales



Nascido em Belo Horizonte, David Marcondes é graduado em artes e começou sua formação vocal e estudos teóricos em diversos coros religiosos e igrejas. Cursou dramatização lírica e aperfeiçoou-se nas áreas de canto, canto coral e técnica vocal. O barítono integrou os grupos Opera Estúdio, Vocal Estável, Coral Ars Nova e foi premiado nos concursos internacionais de canto Carlos Gomes, Maria Callas e Bidu Sayão. Como solista, participou de produções de óperas e concertos na Espanha, Itália, França, Eslovênia, no Japão e nas principais casas de ópera e teatros brasileiros.
Nos últimos anos, interpretou no Theatro Municipal de São Paulo papéis como Zurga, em *Les Pêcheurs de Perles* (2017); Mandarino, em *Turandot* (2018); Fígaro, em *Il Barbiere di Siviglia* (2019) e Conde Monterone, em *Rigoletto* (2019). Atualmente, integra o Coro Lírico Municipal, do Theatro Municipal de São Paulo.

LÚCIO BRUNO
Cacique



Um dos mais celebrados artistas brasileiros, Lúcio Bruno é bacharel em canto e mestre em performance, com aperfeiçoamento em ópera e repertório sinfônico pela Franz Liszt Academy of Music e pela Ópera de Budapeste, Hungria, onde foi membro da casa e também artista convidado. Em 2004, conquistou o Prêmio Carlos Gomes. É, até hoje, o único cantor brasileiro a ter interpretado Wotan/Wanderer do ciclo integral wagneriano *O Anel do Nibelungo*, apresentado no FAO-2005. Professor universitário da Faculdade de Música do Espírito Santo, da Escola de Música da UFRJ e no Conservatório Brasileiro de Música, foi ainda professor do Instituto Baccarelli (SP). Ao lado de sua esposa, a cantora lírica Adalgisa, desenvolve programas de formação de jovens cantores como o Ópera Studio Coletivo das Artes e os Cursos de Residência Artística Conexões Musicais. Lançou, com a pianista Cláudia Marques, o CD *Ê Vida, Ê Voz! – Canções de Edmundo Villani-Côrtes*.

ANDREY MIRA
Don Antonio



Formado pela Escola de Música da Universidade Federal do Pará (UFPA) na classe da dra. Márcia Aliverti e pelo Conservatório Carlos Gomes de Belém (Pará), Andrey Mira foi vencedor do Concurso Dóris Azevedo para Jovens Instrumentistas, edições X e XI, e do Concurso Brasileiro de Canto Maria Callas nas edições 14ª e 19ª. Atuou como solista nas óperas *Salomé* e *Der Rosenkavalier* (de Strauss); *Blue Monday* (de Gershwin); *Les Pêcheurs de Perles* (de Bizet); *La Bohème*, *Gianni Schicchi* e *Turandot* (de Puccini); *Il Barbiere di Siviglia* (de Rossini); *La Vida Breve* (de Manuel de Falla); *Pelléas et Mélisande* (de Debussy); *Un Ballo in Maschera*, *Otello*, *Il Trovatore*, *Rigoletto* e *Aida* (de Verdi); *Così Fan Tutte*, *Le Nozze di Figaro* e *Bastien und Bastienne* (de Mozart); *Il Guarany* (de Carlos Gomes); *Viva La Mamma* e *L'Elisir d'Amore* (de Donizetti); *The Consul* (de Menotti) e *O Basculho de Chaminé* (de Marcos Portugal). Em seu repertório sinfônico destacam-se *Requiem* e *Missa da Coroação* (de Mozart), *Missa Solemnis* e *Nona Sinfonia* (de Beethoven) e *Requiem* (de Fauré).

GUILHERME MOREIRA
Don Alvaro



Natural do Rio de Janeiro, Guilherme Moreira é bacharel em música com especialização em canto pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em sua trajetória estão as estreias de títulos brasileiros como *Os Irmãos Repentistas e os Pandeiros Encantados* (de Rafael Bezerra), *A Peste* (de Cyro Delvizio), *Protocolares* (de Mário Ferraro) e *Aleijadinho* (de Ernani Aguiar). No repertório operístico interpretou Tamino em *Die Zauberflöte*, Guglielmo em *Viva La Mamma*, Gherardo em *Gianni Schicchi*, Edoardo em *La Cambiale di Matrimonio*, Remendado em *Carmen* e Don Curzio em *Le Nozze di Figaro*. No repertório de concerto, atuou em *Missa Spaur* e *Requiem* (de Mozart), *Oratório de Natal* (de Camille Saint-Saëns), *Petite Messe Solennelle* (de Rossini), *Requiem* (de Haydn) e *Nona Sinfonia* (de Beethoven). Guilherme Moreira é ganhador do Segundo Prêmio Masculino no 20º Concurso Brasileiro de Canto Maria Callas.

CARLOS EDUARDO SANTOS
Ruy Bento



Carlos Eduardo Santos atua como coralista e solista profissional desde 2006. Foi premiado na 20ª edição do Concurso Maria Callas. Realizou diversos concertos com o Madrigal e a Orquestra Sinfônica da UFBA, além de participações em concertos da Orquestra de Câmara de Salvador (OCsal). Graduando em canto na Universidade Federal da Bahia (UFBA), integra o Coletivo 4 como preparador vocal e ator. É membro do Núcleo de Ópera da Bahia (NOP), com destaques para a turnê *Prelúdio* (2017), com Gilberto Gil e Cortejo Afro na Europa, *Treemonisha*, em Salvador e Lisboa, e *Ópera dos Terreiros*, na França e na Itália (2019), além do lançamento do CD *Oratório de Santo Antônio.* Em 2021, lançou o EP *Afrolirismos*. Em 2022, interpretou *Tamino* (*Die Zauberflöte*) em Salvador, Exu (*Ópera dos Terreiros*) no Theatro da Paz (Belém), Rinuccio na montagem de *Gianni Schicchi* do coletivo Ubuntu Brasileiro em Taubaté, Espírito da Floresta na estreia mundial da ópera *Amor Azul*, de Gilberto Gil e Aldo Brizzi, em Paris, e Maicon na ópera *Jelin*, em três cidades piemontesas italianas. Participou do 11º Encontro de Tenores do Brasil no Teatro Amazonas. É preparador vocal do Coro Juvenil do NEOJIBA e também se dedica à preparação vocal de atores.

GUSTAVO LASSEN
Alonso



Bacharel em canto lírico pela Faculdade Mozarteum de São Paulo, formado pela Academia de Ópera do Theatro São Pedro e em artes dramáticas pelo Instituto de Arte e Ciência, Gustavo Lassen foi premiado nas edições XI e XII do Concurso Brasileiro de Canto Maria Callas. Realizou masterclasses com Carlo Colombara, Eliane Coelho, Veronica Villarroel, Marco Boemi, Nicolau de Figueiredo e Simone Alberghini. No 19º e 22º Festival Amazonas de Ópera, como solista convidado, interpretou o Príncipe de Bouillon, em *Adriana Lecouvreur*, e Cesare Angelotti, em *Tosca*. Atuou no Auditório de Tenerife, na Espanha, como Colline, em *La Bohème*. Interpretou ainda Don Sacramento na estreia mundial de *Tres Sombreros de Copa*. Entre seus trabalhos mais recentes estão Deputado do Som-Só na estreia mundial da ópera *O Café*, no Theatro Municipal de São Paulo (2022); Mr. Kofner, em *O Cônsul*, no Festival de Ópera de Guarulhos (2021), e Filiberto, em *O Senhor Bruschino*, no Theatro São Pedro (2021). No mesmo ano estreou como diretor cênico com a ópera *Gianni Schicchi*, produção da CiaOperaSp.

ORLANDO MARCOS
Pedro



Natural do Rio de Janeiro, Orlando Marcos iniciou seus estudos de música e canto na Escola de Música Villa-Lobos, sob a orientação do professor Joel Teles, e estudou na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), sob a orientação das professoras Nilze Miriam e Eliane Sampaio. Em 1994, foi quinto lugar no Llangollen International Musical Eisteddfod, no País de Gales, e semifinalista no 40º Concurso Internacional de Canto, em Toulouse, na França. Interpretou Mandarino, da ópera *Turandot*, na Praça da Apoteose no Rio de Janeiro (1993) e no Palácio das Artes em Belo Horizonte (2004). Foi Doutor Grenvil, de *La Traviata*, no Theatro São Pedro em 2005, e no Palácio das Artes, em 2010. Em 2022, fez o papel do Rei na produção da ópera *Aida* e foi Arauto em *L'Amour des Trois Oranges*, ambas no Theatro Municipal de São Paulo. Atualmente, integra o Coro Lírico do Theatro Municipal de São Paulo, sob a regência do maestro Mário Zaccaro e assistência da maestra Érika Hendrikson. Seu repertório inclui compositores como Verdi, Wagner, Rossini, Puccini, Haendel, Bach, Bizet, Tchaikovsky, Schubert, Schumann, Villa-Lobos e Babi de Oliveira.

EQUIPE CRIATIVA

DENILSON BANIWA
codireção artística
e cenografia



Indígena do povo Baniwa, Denilson é natural de Barcelos, no interior do Amazonas, e radicado em Niterói, no Rio de Janeiro. Atua como artista e curador. É um dos fundadores da Rádio Yandê, primeira rádio indígena web do Brasil. Como curador, esteve à frente de mostras como *Terra Brasilis: o Agro Não É Pop!* (2018), na Galeria de Arte da Universidade Federal Fluminense, em Niterói, e *Nakoada: Estratégias para a Arte Moderna*, no MAM-Rio. Como artista visual, já recebeu vários prêmios, realizou diversas residências e expôs em instituições como o CCBB, CCSP, Centro de Artes Hélio Oiticica, Museu Afro Brasil, MASP, MAR, Bienal de Sidney e Getty Research Institute, em Los Angeles. Na Pinacoteca de São Paulo, no âmbito da exposição *Véxoa: Nós Sabemos* (2020), Denilson foi responsável pela obra *Nada que É Dourado Permanece 1: Hilo*, que consistia na plantação e cultivo de um jardim em parte do estacionamento do museu. Esse trabalho se desdobra na presente ocupação do Octógono da Pina Luz.

SIMONE MINA
codireção artística,
cenografia e figurino



Diretora de arte, cenógrafa e estilista. Cenógrafa e figurinista formada pelo Espaço Cenográfico, de J.C.*Serroni*, em 1998. Desde 2000, Simone Mina é professora-pesquisadora da área de arte, cultura e moda da Faculdade Santa Marcelina, São Paulo, onde coordena o bacharelado em moda. É mestre em educação, arte e história da cultura pela Universidade Mackenzie, em 2017. Ao longo de sua trajetória, atua como parceira de artistas, diretoras e diretores, no sentido de pensar a cenografia como dramaturgia expandida. A pesquisa aprofundada e parcerias profícuas investem em retirar o protagonismo de uma única ideia em função de uma obra nascente e coletiva. No teatro, atua no Cia.Livre, desde 1999, companhia fundada ao lado de Cibele Forjaz e outros artistas nesse mesmo ano. Desde então, colabora com inúmeros artistas e companhias pelo Brasil. Em 2007, passou a integrar a Cia Teatral Ueinzz. Participa da 8ª, 9ª e 15ª Quadrienal de Cenografia, Figurino e Arquitetura Cênica da República Checa, em Praga representando o Brasil, com sua produção, ao lado de outros cenógrafos e artistas.

ALINE SANTINI
design de luz



Graduada em artes visuais e pós-graduada em lighting design pela Faculdade Belas Artes em 2016, Aline Santini estudou com o fotógrafo Carlos Moreira e foi assistente do iluminador Wagner Pinto e de Gerald Thomas. Trabalha com iluminação há 23 anos e realizou trabalhos com grandes diretores, companhias, artistas de teatro, dança, performance e artes visuais em São Paulo. Também executa projetos de iluminação para exposições, atua como performer, cria instalações visuais e realiza direção cênica de espetáculos das artes do palco. Ministra oficinas de iluminação cênica em oficinas culturais, Sesc e SP Escola de Teatro. Participou de festivais nacionais e internacionais de teatro e dança na Alemanha, na Croácia, na Argentina, na Bolívia, em Portugal, na Irlanda e na França. Indicada cinco vezes ao Prêmio Shell na categoria Iluminação e vencedora do Prêmio Denilto Gomes de 2017 com a luz do espetáculo de dança *Shine,* foi ainda indicada duas vezes ao Prêmio APCA de Dança. Em 2019, foi uma das artistas selecionadas para representar o Brasil na Quadrienal de Praga.

VIC VON POSER
design de vídeo



Artista multimídia, filmmaker e editora que investiga a imagem e a luz na fronteira entre o analógico e o digital em narrativas pessoais, Vic von Poser tem mestrado em educação, arte e história cultural pela Universidade Mackenzie em São Paulo e um mestrado em belas artes digitais na UAL: Camberwell College of Arts em Londres, Reino Unido. Atualmente, trabalha como filmmaker/editora freelancer em diferentes projetos e está à frente da produtora audiovisual @taurinafilmes. Trabalha também com videografia e projeção mapeada para grupos teatrais como Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, Coletivo Legítima Defesa, Cia. Estelar de Teatro e Coletiva Palabreria, além de galerias de arte como a Galeria Casanova e a Camberwell Space (Londres). Ainda em 2021, Vic von Poser recebeu, com a Taurina Filmes, o Prêmio APCA de Dança na categoria Prêmio Técnico de Captação e Edição.

JOÃO MALATIAN
assistente de direção



Diretor cênico, roteirista, apresentador e gestor cultural, João Malatian tem sua carreira marcada por uma colaboração de 34 anos com o Theatro Municipal de São Paulo, onde atuou como cantor, diretor cênico e coordenador artístico. Formado em música pelo Conservatório de Tatuí e pela Faculdade de Artes Santa Marcelina, tem especialização em gestão cultural pela Fundação Getúlio Vargas. Com bolsa de estudos da Fundação Vitae, em 2000 estagiou na English National Opera de Londres. Dirigiu óperas completas, peças contemporâneas, concertos didáticos, vesperais líricas, espetáculos corais e montagens ao ar livre, entre os quais *As Bodas de Fígaro*, O *Mikado, Carmen, A Solteirona e o Ladrão, A Flauta Mágica, Joanna de Flandres, A Dinner Engagement, L'Orfeo, Porgy and Bess, Le Villi, Pagliacci*, *labORatório* (de Flo Menezes), *Mass* (de Leonard Bernstein) e *Almanaque Musical*. Em 2019, criou o vídeocenário e dirigiu o espetáculo de lançamento do CD *São Paulo – Paisagens Sonoras* (de Anna Maria Kieffer), no Sesc Vila Mariana, em São Paulo. Em 2021, criou e apresentou a série *A Ópera em São Paulo – 150 Anos de História*, na Rádio Cultura FM. Em 2022, integrou a equipe de direção das óperas *Café* e *Aida*, no TMSP, e da série de concertos *Instrumentos da Casa Brasileira*, no Museu da Casa Brasileira.

MAIO DE 2023
THEATRO MUNICIPAL
DE SÃO PAULO

IL GUARANY – O GUARANI
de **CARLOS GOMES**

Ópera em quatro atos
com libreto de
ANTONIO SCALVINI
e **CARLO D'ORMEVILLE**.

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL
CORO LÍRICO MUNICIPAL
ORQUESTRA E CORO GUARANI DO JARAGUÁ - KYRE'Y KUERY

Roberto Minczuk, direção musical e regência
Ailton Krenak, concepção geral
Cibele Forjaz, direção cênica

Alessandro Sangiorgi, regente assistente Orquestra Sinfônica Municipal
Mário Zaccaro, regente Coro Lírico Municipal
Érica Hindrikson, regente assistente Coro Lírico Municipal
Livio Tragtenberg, assistente musical - inserção Guarani

David Vera Popygua Ju, Peri (ator)
Zahy Tentehar, Ceci (atriz)

SOLISTAS
dias 12, 14, 17 e 20
Atalla Ayan, Peri
Nadine Koutcher, Ceci
Rodrigo Esteves, Gonzales

dias 13, 16 e 19
Enrique Bravo, Peri
Débora Faustino, Ceci
David Marcondes, Gonzales

todas as récitas
Lício Bruno, Cacique
Andrey Mira, Don Antonio
Guilherme Moreira, Don Alvaro
Carlos Eduardo Santos, Ruy Bento
Gustavo Lassen, Alonso
Orlando Marcos, Pedro

CORIFEUS
Luaa Gabanini
Raoni Garcia
Augusto Ortale Trainotti

ORQUESTRA E CORO GUARANI DO JARAGUÁ - KYRE'Y KUERY

AVAKUE (Homens): Naldo Karai, Claudio Vera, Wera Yapua, Lourival Tupã, Lenilson Karai, Jovelino Karai, Dario Tataendy, Guilherme Vera Mirim, Joaci Karai, Felipe Vera, Juca Kuaray, Messias Karai, Pedrinho Karai, Juscelino Karai **KUNHANGUE** (Mulheres): Jaqueline Jaxuka, Silvana Ara, Priscila Para, Marines Poty, Layne Jera, Marilda Yva, Maricela Yva, Ciara Ara

---

Denilson Baniwa, codireção de arte e cenografia
Simone Mina, codireção de arte, cenografia e figurino

Ligiana Costa, dramaturgismo
Aline Santini, design de luz
Vic von Poser, design de vídeo
Luaa Gabanini e **Lu Favoreto,** coreografias

João Malatian, assistente de direção
Luiza Loparic Basbaum, assistente de direção cênica

Sergio Casoy, tradução do libreto
Cláudio Vera Popygua Ju, tradução dos cantos guarani

Vinicius Cardoso, arquiteto e assistente de cenografia
Rick Nagash, assistente de direção de arte
Amanda Pillo B, Hellige Sant´Anna, Nat Leme, assistentes de figurino

Julia Ro, assistente de design de vídeo
Rodrigo Duarte, operação de câmera ao vivo
Julia Ro e Vic von Poser, operação de projeção
Clara Morgenroth, pesquisa e desenho do mapa
Taurina Filmes, gravação de vídeos
Lucas Silva Campos, colorista
Clara Morgenroth e Cibele Forjaz, gravação de imagens adicionais
Utópika Estúdio, animações

Gabi Schembeck e **Luisa Kwarahy,** visagismo
Inais Tereza, Luciana Santini e **Mariah Caetano,** assistentes de visagismo

EQUIPE EXTRA DE COSTURA
Nat Gulusian e **Netto Silva,** modelistas
Andréa Lima (macramês), Fabiane Macedo e **Miriam Martins,** camareiras
Mauricio da Silva Santos e **Paulinho Cuíca,** cortadores
Ivete Dias, Josefa Vieira dos Santos de Oliveira e **Maria de Fátima do Nascimento,** costureiras

CONSTRUÇÃO DE CENÁRIO
Denis Nascimento, cenotécnico responsável
Isabela Nascimento, administradora cenotécnica
Antônio Henrique, Átila Rodrigues, Francolino Manuel Gomes, Guilherme Nascimento, Inácio dos Santos, Israel Aparecido, João Bosco e **Renato Marcio Feitosa Pereira,** equipe de marcenaria
Francidelton Nunes, serralheiro responsável
Genilson Francisco, Marco Antonio Nunes Pinheiro, Fábio dos Santos e **Reginaldo Nascimento,** equipe de serralheria
Karen Macedo Luizi de Farias, Viviane Alessandra e **Jaqueline Nascimento,** equipe de pintura

CONFECÇÃO DE ADEREÇOS
Aline Navarro, Daniel Anselmo, Dhiego Rabelo, Laura Audi Feigenblatt e **Renato Ribeiro**

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

Regente Titular Roberto Minczuk
Regente Assistente Alessandro Sangiorgi

Primeiros Violinos Pablo de León (spalla)*, Alejandro Aldana (spalla)*, Martin Tuksa, Adriano Mello, Edgar Leite, Fabian Figueiredo, Fábio Brucoli, Fernando Travassos, Francisco Krug, Heitor Fujinami, Liliana Chiriac, Paulo Calligopoulos e Rafael Bion Loro **Segundos Violinos** Andréa Campos*, Maria Fernanda Krug*, Roberto Faria Lopes, Wellington Rebouças, Alexandre Pinatto de Moura, André Luccas, Djavan Caetano, Evelyn Carmo, Fábio Chamma, Helena Piccazio, John Spindler, Mizael da Silva Júnior, Oxana Dragos, Renato Marins Yokota, Ricardo Bem-Haja e Ugo Kageyama **Violas** Alexandre de León*, Silvio Catto*, Abrahão Saraiva, Adriana Schincariol, Bruno de Luna, Eduardo Cordeiro, Eric Schafer Licciardi, Jessica Wyatt, Lianna Dugan, Pedro Visockas, Roberta Marcinkowski, Tiago Vieira e Cindy Folly** **Violoncelos** Mauro Brucoli*, Raïff Dantas Barreto*, Mariana Amaral, Moisés Ferreira, Alberto Kanji, Cristina Manescu, Joel de Souza, Teresa Catto e Samuel Oliveira**, Adriana Lombardi** e Danilo de Souza** **Contrabaixos** Brian Fountain*, Taís Gomes*, Adriano Costa Chaves, Sanderson Cortez Paz, André Teruo, Miguel Dombrowski, Vinicius Frate e Walter Müller **Flautas** Marcelo Barboza*, Renan Mendes*, Andrea Vilella, Cristina Poles e Jean Arthur Medeiros **Oboés** Rodrigo Nagamori*, Marcos Mincov e Rodolfo Hatakeyama **Clarinetes** Camila Barrientos Ossio*, Tiago Francisco Naguel*, Diogo Maia Santos, Domingos Elias e Marta Vidigal **Fagotes** Matthew Taylor*, Marcos Fokin*, Facundo Cantero, Marcelo Toni e Vivian Meira** **Trompas** André Ficarelli*, Thiago Ariel*, Daniel Filho, Eric Gomes da Silva, Rafael Fróes, Rogério Martinez e Vagner Rebouças **Trompetes** Fernando Lopez*, Breno Fleury, Eduardo Madeira, Thiago Araújo e Fernando Mattos** **Trombones** Eduardo Machado*, Raphael Campos da Paixão**, Hugo Ksenhuk, Marim Meira e Jonathan Xavier **Tuba** Luiz Serralheiro* **Harpas** Jennifer Campbell* e Paola Baron* **Piano** Cecília Moita* **Percussão** Marcelo Camargo*, César Simão, Magno Bissoli e Thiago Lamattina **Tímpanos** Danilo Valle* e Marcia Fernandes* **Coordenadora Administrativa** Mariana Bonzanini **Inspetor** Carlos Nunes **Analista Administrativa** Laysa Padilha **Auxiliar de Escritório** Priscila Campos / *Chefe de naipe **Músico convidado

CORO LÍRICO MUNICIPAL

Regente Titular Mário Zaccaro
Regente assistente Érica Hindrikson

Primeiros Sopranos Adriana Magalhães, Berenice Barreira, Caroline De Comi, Graziela Sanchez, Laryssa Alvarazi, Ludmila de Carvalho, Marivone Caetano, Marta Mauler, Rita Marques, Rosana Barakat, Sunhee Park e Sandra Félix **Segundos Sopranos** Angélica Feital, Antonieta Bastos, Cláudia Neves, Elaine Morais, Elayne Caser, Jacy Guarany, Juliana Starling, Márcia Costa, Milena Tarasiuk e Monique Rodrigues **Mezzo Sopranos** Ana Carolina Sant'Anna, Carla Campinas, Cláudia Arcos, Heloísa Junqueira, Joyce Tripiciano, Juliana Valadares, Keila de Moraes, Lígia Monteiro, Marilu Figueiredo, Mônica Martins, Robertha Faury e Zuzu Belmonte **Contraltos** Celeste Moraes, Clarice Rodrigues, Elaine Martorano, Lidia Schäffer, Magda Painno, Margarete Loureiro, Maria Favoinni e Vera Ritter **Primeiros Tenores** Alexandre Bialecki, Antônio Carlos Britto, Dimas do Carmo, Eduardo Góes, Eduardo Trindade, Luciano Silveira, Marcello Vannucci, Miguel Geraldi, Rubens Medina e Walter Fawcett **Segundos Tenores** Alex Flores, Eduardo Pinho, Fernando de Castro, Gilmar Ayres, Luiz Doné, Paulo Chamié Queiroz, Renato Tenreiro, Rúben de

Oliveira, Sérgio Sagica e Valter Estefano **Barítonos** Alessandro Gismano, Daniel Lee, David Marcondes, Diógenes Gomes, Eduardo Paniza, Guilherme Rosa, Jang Ho Joo, Jessé Vieira, Marcio Marangon, Miguel Csuzlinovics, Roberto Fabel, Sandro Bodilon e Sebastião Teixeira **Baixos** Ary Souza Lima, Cláudio Guimarães, Leonardo Pace, Orlando Marcos, Rafael Leoni, Rafael Thomas, Rogério Nunes e Sérgio Righini **Pianistas** Marcos Aragoni e Marizilda Hein Ribeiro **Coordenadora** Thais Vieira Gregório **Inspetor** Bruno Farias

PIANISTAS CORREPETIDORES
Anderson Brenner e **Marcos Aragoni**

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Prefeito Ricardo Nunes
Secretária Municipal de Cultura Aline Torres
Secretário Adjunto Bruno Modesto dos Santos
Chefe de Gabinete Rogério Custodio de Oliveira

FUNDAÇÃO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Direção Geral Abraão Mafra
Direção de Gestão Dalmo Defensor
Direção Artística Andreia Mingroni

CONSELHO ADMINISTRATIVO SUSTENIDOS

André Isnard Leonardi (presidente), Claudia Ciarrocchi, Eduardo Saron, Gildemar Oliveira, Leonardo Matrone, Magda Pucci, Monica Rosenberg e Wellington do C. M. de Araújo

CONSELHO CONSULTIVO SUSTENIDOS

Elca Rubinstein (presidente), Abigail Silvestre Torres, Adriana do Nascimento Araújo Mendes, Ana Maria Wilheim, Benjamin Taubkin, Carlos Henrique Freitas de Oliveira, Celia Cristina Monteiro de Barros Whitaker, Daniel Annenberg, Gabriel Whitaker, Lia Rosenberg, Luiz Guilherme Brom, Marisa Fortunato, Melanie Farkas (*in memoriam*) e Paula Raccanello Storto

CONSELHO FISCAL SUSTENIDOS

Bruno Scarino de Moura Accioly, Daniel Leicand e Paula Cerquera Bonanno

SUSTENIDOS ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA (THEATRO MUNICIPAL)

Diretora Executiva Alessandra Fernandez Alves da Costa
Diretor Administrativo Financeiro Rafael Salim Balassiano
Gerente Financeira Ana Cristina Meira Coelho Mascarenhas
Superintendente de Desenvolvimento Institucional e Marketing Heloisa Garcia da Mota
Gerente de Controladoria Danilo Arruda
Contador Luis Carlos Trento
Gerente de Suprimentos Susana Cordeiro Emidio Pereira
Gerente Jurídica Adline Debus Pozzebon
Gerente de Captação de Recursos Marina Soleo Funari
Gerente de Recursos Humanos Ana Cristina Cesar Leite
Diretora Geral Andrea Caruso Saturnino

COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Gerente Geral de Operações e Finanças Paulo Rodrigues
Secretária Executiva Valeria Kurji

Coordenadora Artística Camila Honorato Moreira de Almeida
Coordenador de Programação Eduardo Dias Santana **Equipe de Programação** Clara Bastos de Macedo Carneiro e Isis Cunha Oliveira Barbosa **Gerente da Musicoteca** Maria Elisa Pasqualini (Milly) **Equipe da Musicoteca** Cassio Mendes Antas, Diego Scarpino Pacioni, Felipe Faglioni, Jonatas Ribeiro, Milton Tadashi Nakamoto, Roberto Dorigatti, Rodrigo Padovan Grassmann Ferreira, Thiago Ribeiro Francisco e Victor Martins Pinto de Queiroz **Pianista Correpetidor** Anderson Brenner

Gerente de Produção Nathália Costa **Coordenadora de Produção** Rosana Taketomi de Araujo **Equipe de Produção** Carlos Eduardo Marroco, Cinthia Cristina Derio, Eliana Aparecida dos Santos Filinto, Felipe Costa, Fernanda Cristina Pereira Camara, Karine dos Santos, Laura de Campos Françozo, Laura Cibele Gouvêa Cantero, Luiz Alex Tasso, Maira Scarello, Mariana Perin, Rodrigo Correa da Silva e Rosangela Reis Longhi

Gerente de Formação, Acervo e Memória Ana Lucia Lopes
Coordenadora de Educação Adriane Bertini Silva **Equipe de Educação** Gabriel Zanetti Pieroni, Igor Antunes Silva, Joana Oliveira Barros Rodrigues de Rezende, Luciana de Souza Bernardo, Luiz Augusto Soares Pereira da Silva, Mateus Masakichi Yamaguchi e Renata Raíssa Pirra Garducci **Coordenador de Acervo e Pesquisa** Rafael Domingos Oliveira da Silva **Equipe de Acervo e Pesquisa** Anita de Souza Lazarim, Guilherme Lopes Vieira e Rafael de Araujo Oliveira **Estagiários** Ana Beatriz Rodrigues de Paula, Cristiane Alves de Oliveira, Edson Silva dos Santos, Giovana Borges Freitas, Giullia Lima Rodrigues, Hannah Beatriz Zanotto, Henrique Souza Soares, Isabela Carlsen Tavares, Marli Nogueira Silva, Rafael Augusto Ritto e Winie da Silva Cardoso **Supervisora de Ações de Articulação e Extensão** Carla Jacy Lopes **Bolsistas do Programa Jovens Criadores, Pesquisadores e Monitores** Kauê André Santos Araújo e Julia Ferreira Santana (Articulação), Davi Silva Santos, Frank Ribeiro Marques Junior, Guilherme Santana Santos, Gustavo Zanela, João Batista Bento da Silva, Marcella Cedro, Marcelo Evangelista Barbosa, Marjorie Rodrigues Augustinho, Milena Lopes Rosa, Rebecca Di Tullio Pereira da Silva, Stephanie Cristina Inácio Vieira e Tatiane Furlaneto Magalhães (Cenotécnica), Júlio Mourão de Paiva, Luisa Guimarães Tarzia e Nata da Sociedade Marques Queiroz da Silva (Dramaturgismo), Gabriela Klimas de Andrade Mendes e Matheus Santos Maciel (Educação), Augusto Miguel Moreira Martins e Nathalia Hara de Oliveira (Pesquisa), Bruna de Fátima Mattos Teixeira e Kailany Gomes do Amaral (Programação), Igor Macedo de Sousa, Karen Anisia Santos Moura, Lucas Queiroz da Silva, Lux da Silva Machado, Renan Trajano do Vale e Ronaldo Gabriel de Jesus da Silva (Produção)

Diretor Técnico de Palco Sérgio Ferreira
Coordenador de Palco Gabriel Barone Ramos **Equipe Técnica e Administrativa de Palco** Adalberto Alves de Souza, Diogo de Paula Ribeiro, Helen Ferla, Jonas Pereira Soares, Luiz Carlos Lemes, Renan Hernandes Silverio, Sônia Ruberti e Vivian Miranda **Gestor de Cenotécnica** Aníbal Marques (Pelé) **Coordenadora de Produção (Cenotécnica)** Rosa Casalli **Chefes de Maquinário** Carlos Roberto Ávila, Marcelo Luiz Frosino e Paulo Miguel de Sousa Filho **Equipe de Maquinário** Alex Sandro Nunes Pinheiro, Edilson da Silva Quina, Ermelindo Terribele Sobrinho,

Everton Davida Candido, Igor Mota Paula, Ivaildo Bezerra Lopes, Jalmir Amorim da Conceição, Júlio César Souza de Oliveira, Manuel Lucas de Sousa Conceição, Odilon dos Santos Motta, Paulo Mafrense de Sousa, Raissa Milanelli Ferreira e Ronaldo Batista dos Santos **Equipe de Contrarregragem** Alessander de Oliveira Rodrigues, Amanda Tolentino de Araújo, Edival Dias, Matheus Alves Tomé, Sandra Satomi Yamamoto e Vitor Siqueira Pedro **Montadores** Alexandre Greganyck, Ivo Barreto de Souza, Nizinho Deivid Zopelaro, Pedro Paulo Barreto e Rafael de Sá de Nardi Veloso **Sonorização** André Moro Silva, Daniel Botelho, Edgar Caetano dos Santos, Emiliano Brescacin e Leandro dos Santos Lima **Coordenação de Iluminação** Sueli Matsuzak e Wellington Cardoso Silva **Equipe de Iluminação** André de Oliveira Mutton, Fernando Miranda Azambuja, Guilherme Furtado Mantelatto, Igor Augusto Ferreira de Oliveira, Julia Gomes de Freitas, Olavo Cadorini Cardoso, Sibila Gomes dos Santos, Tatiane Fátima Müller, Ubiratan da Silva Nunes e Yasmin Santos de Souza

Equipe de Figurino Eunice Baía e Suely Guimarães **Aderecista** Walamis Santos **Camareiras** Antônia Cardoso Fonseca, Katia Souza, Lindinalva Margarida Celestino Cicero, Maria Auxiliadora, Maria Gabriel Martins e Regiane Bierrenbach **Costureiras** Alzira Campiolo, Geralda Cristina França da Conceição e Isabel Rodrigues Martins

Coordenadora de Comunicação Elisabete Machado Soares dos Santos **Equipe de Comunicação** André Felipe Costa Santa Rosa Lima, Guilherme Dias, Gustavo Quevedo Ramos, Karoline Marques da Conceição, Laila Abou Mahmoud, Larissa Lima da Paz, Stig de Lavor, Tatiane de Sá dos Santos e Winnie dos Santos Affonso **Coordenador de Planejamento e Monitoramento** Douglas Herval Ponso **Equipe de Planejamento e Monitoramento** Marcella Bezerra Pacca e Milena Lorana da Cruz Santos **Captação de Recursos** Juliane Ristom Rodrigues

Gerente de Patrimônio e Arquitetura Eduardo Spinazzola **Equipe de Patrimônio e Arquitetura** Beatriz Souza Ferreira da Cunha, João Pedro de Goes Moura, Juliana de Oliveira Moretti e Raisa Ribeiro da Rocha Reis **Gerente de Infraestrutura e Gestão Predial** Cleiton Dionatas Souza **Coordenador de Operações** Mauricio Souza **Coordenador de Manutenção** Stefan Salej Gomes **Equipe de Infraestrutura e Gestão Predial** Carolina Ricardo, Elias Ferreira Leite Junior, Fernanda do Val Amorim e Leandro Maia Cruz **Coordenador de TI** Yudji Alessander Otta **Equipe de TI** Romário de Oliveira Santos

Coordenadora de Parcerias e Novos Negócios Luciana Gabardo dos Santos **Supervisora de Parcerias e Novos Negócios** Giovanna Campelo **Equipe de Parcerias e Novos Negócios** Monique Marquezin Alves e Vitória Terlesqui de Paula **Equipe de Atendimento ao Público** Matheus Moreira Flores, Rosimeire Pontes Carvalho e Walmir Silva do Nascimento **Supervisão de Bilheteria** Jorge Rodrigo dos Santos **Equipe de Bilheteria** Claudiana de Melo Sousa e Maria do Socorro Lima da Silva

Supervisor de Finanças Marcos Sá Chaves **Equipe de Finanças** Carolina Dezan Esteves, Jéssica Brito Oliveira, Julia Rodrigues de Jesus e Valéria de Freitas Mota Lima **Equipe de Contabilidade** Andreia Nascimento dos Santos e Ireni Gomes Pereira **Equipe de Controladoria** Tainá Silva Hasselmann

Supervisor de Compras Raphael Teixeira Lemos **Equipe de Compras** Eliana Moura de Lima, Leandro Ribeiro Cunha, Paulo Henrique Risseri e Thiago Faustino **Equipe de Logística** Aline de Andrade Nepomuceno Barbosa, Arthur Luiz de Andrade Lima, Marcos Aurélio Vieira do Nascimento Samora e Raimundo Nonato Bezerra **Equipe de Contratos e Jurídico** Aline Rocha do Carmo, Lucas Serrano Cimatti e Yara Maria da Silva **Coordenadora de Recursos Humanos** Renata Aparecida Barbosa de Sousa **Equipe de Recursos Humanos** Janaina Aparecida Gomes Oliveira, Márcia Vilaça da Silva, Mateus Costa do Nascimento, Priscilla Pereira Gonçalves e Rebeca de Oliveira Rosio

Aprendizes Ana Beatriz Silva Correia, Bruna Eduarda Cabral da Silva, Carlos Eduardo de Almeida, Francielli Jonas Perpétuo, Gabrielle Silva Santos, Leticia Lopes da Silva, Suiany Olher Encinas Racheti e Vitoria Oliveira Faria

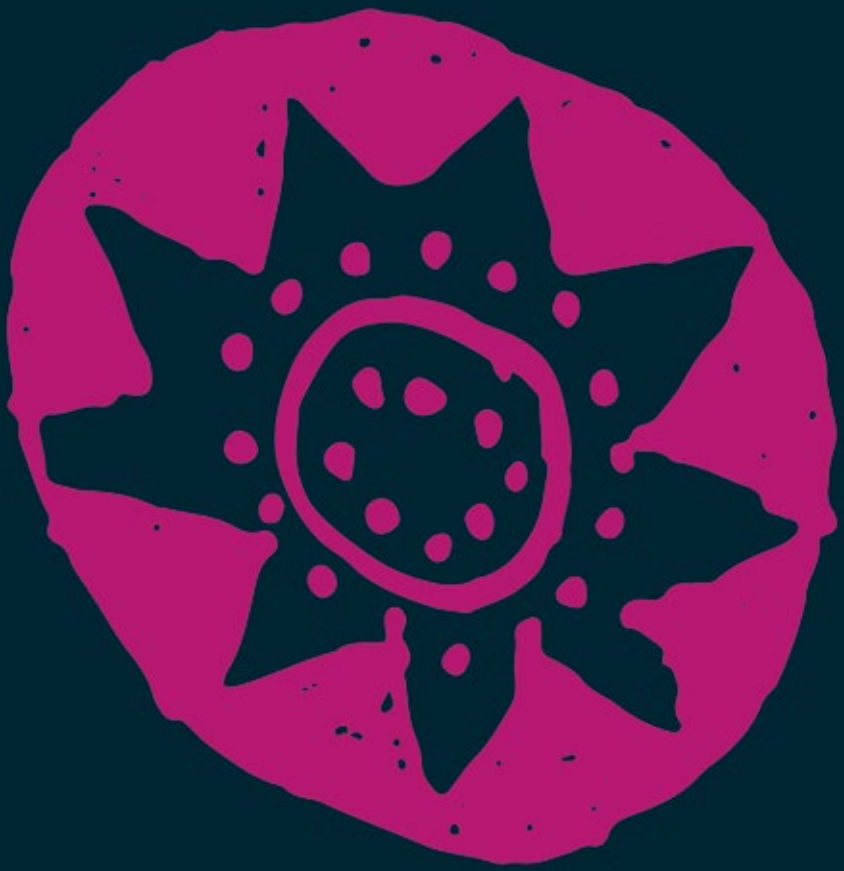
EXPEDIENTE DA PUBLICAÇÃO

Ilustrações Denilson Baniwa
Design Casa Rex
Edição de Conteúdo Guilherme Dias e Elisabete Machado / Equipe de Comunicação do Theatro Municipal
Revisão Ciça Corrêa

FUNDAÇÃO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

A Fundação Theatro Municipal de São Paulo (FTMSP) foi instituída em 2011 com o objetivo de tornar-se referência em gestão de equipamentos públicos culturais de grande porte. Fundamentada na formação, criação, produção, difusão, fruição e fomento das artes e da cultura, a FTMSP promove diálogos e é catalisadora na criação de sinergias entre linguagens artísticas, espaços e, principalmente, pessoas. Com uma gestão pautada pela construção de seus valores, a Fundação trabalha ininterruptamente com isonomia, transparência, competência técnica, respeito à diversidade, valorização e democratização do acesso à cultura, atendimento de qualidade ao cidadão, inclusão social, excelência, vanguarda e experimentação cultural e artística.

Como retrato de uma estrutura plural e múltipla, a FTMSP é composta de seis equipamentos públicos – o Theatro Municipal de São Paulo, a Praça das Artes, a Central Técnica de Produções Artísticas Chico Giacchieri, o Centro de Documentação e Memória, a Escola de Dança de São Paulo e a Escola de Música de São Paulo – e seis corpos artísticos – a Orquestra Sinfônica Municipal (OSM), o Coro Lírico Municipal, o Coral Paulistano, o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, o Balé da Cidade de São Paulo e a Orquestra Experimental de Repertório (OER), sendo este de caráter artístico-formativo. Além dos corpos estáveis, ainda contempla grupos como o Ensemble, que desenvolve projetos artísticos com repertórios desenhados para variadas formações e detém o papel de divulgar e descentralizar a produção artística realizada pela fundação.



BEM-VINDOS À ÓPERA

Sejam bem-vindas e bem-vindos ao Theatro Municipal de São Paulo.

Abaixo, algumas informações para aproveitar da melhor forma esta experiência única.

FOTOS E VÍDEOS
Lembramos que não estão autorizadas gravações, fotos e filmagens durante a apresentação sem prévio consentimento. Fotos dentro da sala são permitidas somente antes e depois do espetáculo ou nos intervalos. No hall de entrada e nas escadarias do Theatro, as fotos também estão liberadas. Aproveite e publique marcando @theatromunicipal.

CONVERSAS
Conversas e comentários, ainda que sussurrados, incomodam muito os outros espectadores. Espere o intervalo para compartilhar suas impressões.

CADEIRAS
Nossas belas e icônicas cadeiras passam regularmente por manutenção. No entanto, se alguma delas ranger, tenha paciência e procure fazer o mínimo de barulho. Apesar de ter presenciado centenas de óperas, elas não chegaram a ser afinadas.

APLAUSOS
Se você gostou muito da interpretação de uma ária, não há necessidade de aplausos a cada trecho cantado ou tocado da ópera. No final dos atos e do espetáculo, você pode se manifestar à vontade.

ALIMENTOS
Não é permitida a entrada com comidas e bebidas no interior da Sala de Espetáculos. Pedimos especial atenção aos papéis de bala, que podem fazer um barulho e tanto. No térreo e no segundo andar, há cafés que ficam abertos antes do início da ópera e nos intervalos.

CRIANÇAS
É sempre uma alegria ver crianças em nossa casa centenária! Pedimos especial atenção aos pais e responsáveis, pois, além da duração, as óperas abordam diferentes temas, alguns dos quais podem não ser apropriados para crianças menores.



DURAÇÃO
APROXIMADA
180 MINUTOS
COM INTERVALO

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA
12 ANOS

INGRESSOS
R$ 12 a 158

MAIO 2023
12 sexta **20h**
13 e **14** sábado e domingo **17h**
16, 17 e **19** terça, quarta e sexta **20h**
20 sábado **17h**

THEATRO MUNICIPAL
SALA DE ESPETÁCULOS

INFORMAÇÕES E INGRESSOS
THEATROMUNICIPAL.ORG.BR

ACOMPANHE NOSSAS REDES SOCIAIS:

Theatro Municipal
@theatromunicipalsp
@theatromunicipal
@municipalsp
/theatromunicipalsp
@theatromunicipal

Praça das Artes
@pracadasartes
@pracadasartes

O **Theatro Municipal de São Paulo** conta com você para aperfeiçoar suas atividades.

Envie suas sugestões pelos e-mails:
escuta@theatromunicipal.org.br e **ouvidoriaftm@prefeitura.sp.gov.br**

Programação sujeita a alteração.

SINTA-SE
À VONTADE.
NA NOSSA CASA
OU NA SUA,
O THEATRO
MUNICIPAL
É SEU.

realização:

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
SUSTENIDOS Organização Social de Cultura
FUNDAÇÃO THEATRO MUNICIPAL
São Paulo Capital da Cultura
CIDADE DE SÃO PAULO CULTURA
GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA CULTURA
BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



